

Os INQUÉRITOS DE *Nancy*

O segredo
do velho relógio



CAROLYN
KEENE

OFICINA
DO LIVRO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

OS INQUÉRITOS DE *Nancy*

O segredo
do velho relógio



CAROLYN
KEENE

OFICINA
DO LIVRO

Ficha Técnica

Título original: *The Secret of The Old Clock*

Autora: Carolyn Keene

Tradução: Susana Ferreira

Revisão: Oficina do Livro

Capa: Neusa Dias, sobre ilustração de Marta Teives

ISBN: 978-989-23-1047-3

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

Nancy Drew Mystery Stories © 1987, 1959, 1930 Simon & Schuster, Inc.

Publicado por acordo com Grosset & Dunlap, uma chancela da Penguin Young Readers Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Nancy Drew Mystery Stories ® é uma marca registada da Simon & Schuster, Inc.

Os Inquéritos de Nancy Drew – O Segredo do Velho Relógio

Este livro foi publicado por Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: info@oficinadolivro.leya.com

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

I. O SALVAMENTO

Nancy Drew, uma atraente rapariga de 18 anos, seguia a caminho de casa por uma estrada rural, ao volante do seu novo descapotável azul-escuro. Acabara de entregar uns documentos a pedido do pai.

«O pai foi tão querido em ter-me oferecido este carro nos meus anos», pensou. «É divertidíssimo ajudá-lo no trabalho.»

O pai, o Sr. Carson Drew, um advogado de renome em River Heights, a sua cidade natal, costumava discutir os aspetos mais desconcertantes dos casos que aceitava com a sua filha de cabelos louros e olhos azuis.

«O pai confia na minha intuição», disse para consigo a Nancy, sorrindo.

Um instante depois, arquejou, horrorizada. Do relvado de uma casa logo adiante, uma miudita com cerca de cinco anos de idade corra disparada para a estrada. Uma carrinha, acabada de sair do caminho de acesso à moradia, estava a pouco mais de 15 metros dela. Quando o motorista buzinou vigorosamente para a alertar, a menina ficou desorientada e atravessou-se mesmo à frente da viatura. Só por milagre conseguiu alcançar o outro lado em segurança e trepar para o muro baixo que constituía a lateral de uma ponte. Mas, no minuto seguinte, quando a carrinha já se afastava, a criança perdeu o equilíbrio e caiu do muro abaixo, desaparecendo de vista.

— Oh, meu Deus! — gritou a Nancy.

E travou a fundo, assaltada pela visão da criança a mergulhar nas águas do rio — quem sabe até batendo com a cabeça numa rocha!

Num ápice, a Nancy saltou do carro e precipitou-se para o local. Lá em baixo, no sopé do talude, conseguia ver a miudita de cabelos encaracolados deitada, imóvel, com o lado direito do corpo dentro de água.

«Espero que...» A Nancy nem se atreveu a terminar o tenebroso pensamento enquanto descia a ladeira íngreme.

Quando chegou junto da criança, verificou, para seu grande alívio, que a menina respirava normalmente e que não lhe entrara água nem pelo nariz nem pela boca. Depois de uma avaliação rápida, concluiu também que não fraturara nenhum osso.

Com todo o cuidado, a Nancy pegou na criança ao colo e, segurando-a firmemente nos braços, subiu a custo até ao cimo do talude. Em seguida, atravessou a estrada a passos largos e dirigiu-se a casa da menina.

Nesse momento, a porta da frente abriu-se de rompante e uma senhora de idade saiu esbaforida, gritando:

— Judy! Judy!

— De certeza que ela vai ficar bem — disse, muito depressa, a Nancy.

Reparando no carro, a senhora perguntou, alvoroçada:

— Atropelaste-a?

— Não, não. A Judy caiu da ponte. — A Nancy explicou rapidamente o que se passara.

Nessa altura, surgiu do interior da casa outra senhora, um pouco mais nova.

— A nossa bebé! Que é que lhe aconteceu? — perguntou.

Quando a senhora se aproximou para pegar na menina, a Nancy disse, com toda a calma:

— A Judy vai ficar boa. Eu levo-a para dentro e deito-a no sofá.

Uma das mulheres abriu a porta de rede e a outra indicou o caminho:

— Por aqui.

A Nancy atravessou o vestíbulo com o pequeno fardo nos braços e entrou numa sala de estar minúscula e antiquada. Assim que a deitou no sofá, a Judy começou a balbuciar e a virar a cabeça de um lado para o outro.

— Acho que não tarda a acordar — alvitrou a Nancy.

Sem desviar os olhos da menina, as duas mulheres apresentaram-se como sendo Edna e Mary Turner, tias-avós da pequenita.

— A Judy vive connosco — explicou a Edna, a irmã mais velha. — Tem sido criada por nós.

A Nancy ficou um tanto surpreendida por saber que duas senhoras tão idosas tinham a cargo uma criança tão pequena. Estava a dizer-lhes o nome e a morada, quando a Judy acordou e olhou em volta. Ao ver a Nancy, perguntou:

— Quem és tu?

— Sou a Nancy. Muito prazer em conhecer-te, Judy.

— Viste-me cair?

A Nancy assentiu com a cabeça e a tia Mary acrescentou:

— Ela salvou-te do rio!

A Judy começou a chorar.

— Nunca mais vou correr para a estrada, juro que não! — prometeu às tias.

A Nancy disse que acreditava nela e fez-lhe uma festa. A menina sorriu-lhe. Apesar de sentir que a Judy ficaria bem, a Nancy decidiu demorar-se mais alguns minutos, não fosse a sua ajuda ainda ser necessária. Depois de despirem as roupas molhadas à criança, vestiram-lhe um robe.

— É melhor ir buscar medicamentos e compressas húmidas — disse a Mary Turner, encaminhando-se para a cozinha. — Está a crescer-lhe um galo e tanto na cabeça. Acompanhas-me, Nancy?

Entrando na cozinha, a senhora dirigiu-se ao armário de primeiros socorros pendurado na parede.

— Queria pedir-te desculpa por pensar que tinhas atropelado a Judy, Nancy — declarou. — Acho que eu e a Edna perdemos a cabeça quando a vimos. Aquela menina é o nosso mundo, entendes? Já fomos nós que criámos a mãe: era filha única e ficou órfã ainda pequena. Aconteceu o mesmo à Judy. Os pais morreram na explosão de um barco, há três anos. A pobrezita não tem mais nenhum parente próximo, para além de mim e da Edna.

— A Judy parece uma criança saudável e feliz — apressou-se a dizer a Nancy. — Tenho a certeza de que adora viver aqui.

A Mary sorriu.

— Fazemos o que podemos com o nosso modesto rendimento. Mas por vezes não chega. Acabámos de vender alguns móveis antigos aos dois homens da carrinha que viste. Não sei quem eram, mas até fizeram um bom preço.

Os pensamentos da Mary Turner voltaram-se de novo para a pequena Judy.

— Ela ainda é tão pequenina, que eu e a Edna vamos conseguindo remediar-nos com o que ganhamos. Mas o futuro preocupa-nos. Nós somos modistas, mas os nossos dedos já não manejam a agulha com a agilidade de outrora. Para te dizer a verdade, Nancy, quando os pais da Judy morreram, eu e a Edna perguntámo-nos se teríamos condições de cuidar dela como deve ser. Mas decidimos tentar, e agora não nos separaríamos da nossa menina por nada neste mundo. A Judy conquistou-nos o coração.

A Nancy ficou sensibilizada com a história. Entendia bem o que preocupava as irmãs Turner: com o avançar dos anos, o custo de vida tenderia a aumentar, enquanto o rendimento delas tenderia a diminuir.

— Infelizmente — prosseguiu a Mary —, os pais da Judy deixaram muito pouco dinheiro. Mas eram ambos inteligentíssimos, e a Judy sai a eles. Devia estudar música e dança e ir para a universidade. Mas temo que nós jamais possamos proporcionar-lhe essas coisas.

— A Judy pode ganhar uma bolsa de estudos ou conseguir qualquer outra ajuda financeira — observou a Nancy, procurando tranquilizá-las.

Sentindo que tinha na jovem uma ouvinte compreensiva, a Mary continuou:

— Havia um primo do nosso pai, chamado Josiah Crowley, que costumava ajudar-nos. Mas faleceu há dois meses. Durante anos, fez-nos longas visitas e era muito generoso. — A Sra. Turner suspirou. — Ele adorava a Judy e sempre prometeu que se lembraria de nós no testamento. Como tal, eu e a Edna habituámo-nos a planear o futuro dela contando com isso. Só que o primo Josiah não cumpriu a promessa.

A Nancy sorriu, mostrando que compreendia, mas não fez comentários. Perguntava-se, no entanto, porque teria o Sr. Crowley mudado de ideias.

— O Josiah foi viver com uns primos endinheirados e depois disso tudo mudou. Raramente vinha visitar-nos. Mas ainda em fevereiro último cá esteve e tornou a repetir o mesmo: que eu e a Edna receberíamos uma herança quando ele morresse. O Josiah sempre nos ajudou e pareceu-nos estranho que de um momento para o outro deixasse de o fazer.

A Mary Turner fitou a Nancy:

— Talvez conheças os tais primos com quem ele foi viver. Moram em River Heights. São os Tophams.

— Têm duas filhas, a Ada e Isabel? — perguntou a Nancy. — Se for o caso, conheço-os.

— Sim, é essa família — respondeu a Mary.

A Nancy detetou um toque de frieza na voz da senhora.

— Gostas dessas duas raparigas? — perguntou-lhe a Sra. Turner.

A Nancy não respondeu logo. Tinha sido ensinada a não alimentar mexericos.

Mas, por fim, lá disse, com todo o tato:

— A Ada e a Isabel andaram no secundário comigo. Nunca fomos grandes amigas. Nós... eh... não partilhávamos das mesmas opiniões em relação a vários assuntos.

Entretanto, a Sra. Turner já selecionara uma série de coisas do armário de primeiros socorros e foi buscar uns quantos cubos de gelo ao frigorífico. Enquanto dispunha tudo num tabuleiro, disse:

— Bom, para nosso espanto, quando o primo Josiah faleceu, o Richard Topham apareceu com um testamento que o nomeava executor do património Crowley e herdeiro de todo o dinheiro, juntamente com a mulher e as duas filhas.

— Sim, li isso no jornal — lembrou-se a Nancy. — E ele tinha muitos bens?

— Pelo que sei, há bastante dinheiro envolvido — respondeu a Mary Turner. — Os outros primos do Josiah garantem que ele lhes prometeu o mesmo que a nós e consideram levar o caso a tribunal. — A senhora encolheu os ombros. — Mas acho que seria inútil contestar o testamento. Ainda assim, eu e a Edna não conseguimos afastar a ideia de que existe *algures* outro testamento, embora não tenha aparecido até agora.

A Nancy seguiu a Sra. Turner de volta à sala. As compressas frias ajudaram a diminuir o inchaço na cabeça da Judy, provocado pela pancada na rocha. Já convencida de que a menina estava bem, a Nancy anunciou que tinha de se ir embora.

— Vem visitar-me depressa — pediu a Judy. — Gosto de ti, Nancy. És a minha salvadora!

— Podes apostar que venho — prometeu a jovem. — Também gosto de ti, Judy. És uma miúda cinco estrelas!

As tias-avós da menina tornaram a agradecer profusamente à Nancy por ter salvado a pequenita. A visitante mal alcançara a porta, quando a Edna gritou de repente:

— Mary, onde está o nosso bule de prata?

— Está ali, em cima da mesinha. Oh, desapareceu!

A Edna correu para a sala de jantar.

— Os candelabros! Desapareceram também!

A Nancy deteve-se na soleira da porta, espantada.

— Está a querer dizer que foram roubados? — perguntou.

— Devem ter sido — respondeu a Mary Turner, lívida de preocupação. — Por aqueles sujeitos que nos compraram os móveis!

A Nancy lembrou-se logo da carrinha.

— Quem eram eles? — inquiriu.

— Oh, Mary! Como é que pudemos ser tão descuidadas? — lamuriou-se a Edna Turner. — Não sabemos nada sobre aqueles homens. Apareceram-nos aqui à porta e perguntaram-nos se tínhamos móveis antigos para vender. Oh, lá se foram as nossas pratas!

— Talvez ainda as recuperem — interveio a Nancy. — Vou chamar a polícia.

— Oh, Deus meu! — lastimou-se a Mary. — O nosso telefone está avariado!

— Então vou tentar alcançar a carrinha — declarou a Nancy. — Conseguem descrevê-los?

— Eram baixos e corpulentos; um deles, moreno; o outro, louro. Ambos tinham o

nariz grande. Foi só no que reparei.

— Eu também — disse a Edna.

Com um adeus apressado, a Nancy voou porta fora, direita ao carro.

II. O TESTAMENTO DESAPARECIDO

O descapotável azul seguia a toda a brida pela estrada rural. A Nancy sorriu, tensa.

«Sei que estou a exceder o limite de velocidade», pensou. «Mas quase desejo que a polícia me mande parar. Assim podia contar-lhes o que aconteceu às pobres irmãs Turner.

A Nancy ia atenta às marcas de pneus que a carrinha conduzida pelos ladrões deixara na estrada de terra. Mas uns quilómetros adiante apoderou-se dela um sentimento de desânimo. Chegara a uma bifurcação de onde saíam duas estradas alcatroadas, pelo que terminava ali o rasto dos pneus e era impossível saber em que direção os ladrões tinham seguido.

«Oh, diabo!», suspirou. «E agora, que é que eu faço?»

Acabou por concluir que o passo mais sensato seria tomar a estrada que levava a River Heights. Havia um quartel da Polícia Estadual a poucos quilómetros de distância.

«Paro lá e dou parte do roubo.»

Pelo caminho, manteve os olhos bem abertos, não fosse cruzar-se com a carrinha, que se lembrava de ser cinzento-escuro.

«Quem me dera ter reparado na matrícula ou no nome da empresa proprietária», lamentou-se.

Quando chegou à esquadra da polícia, a Nancy apresentou-se ao capitão Runcie e relatou o roubo, fornecendo-lhe a escassa informação que tinha acerca dos suspeitos. O agente prometeu emitir imediatamente um alerta e dar caça aos ladrões e à carrinha cinzento-escuro.

A Nancy seguiu então para casa, com o pensamento nas Turners e nos seus problemas.

«Gostava de saber porque é que o senhor Josiah Crowley deixou todo o dinheiro ao Richard Topham e nenhum aos outros familiares. Porque terá mudado de ideias? Aqueles Tophams vivem bem e não precisam tanto do dinheiro como as Turners.»

A Nancy não conhecia o Sr. Richard Topham, mas conhecia a mulher e as duas filhas. Eram as três arrogantes, despropositadas e alvo da antipatia de muitos dos lojistas da cidade. A Ada e a Isabel também não tinham tido grande sucesso durante o secundário. Como só falavam em dinheiro e posição social, os outros alunos achavam-nas insuportáveis.

«Não haverá maneira de as irmãs Turner herdarem uma parte do dinheiro do

senhor Crowley?», ponderou a Nancy. «Hei de perguntar ao pai.»

Cinco minutos depois, estava a estacionar o carro num dos dois lugares da garagem, atravessando, em seguida, o relvado em direção às traseiras do casarão de tijolo vermelho dos Drews. O edifício ficava bastante recuado em relação à estrada e estava rodeado de árvores altas e frondosas.

— Olá, Nancy! — saudou a senhora simpática e gorducha que abriu a porta da cozinha.

Era a Hannah Gruen, a governanta dos Drews, que ajudara a criar a Nancy desde a morte da mãe, muitos anos antes. A jovem deu-lhe um abraço e perguntou:

— O pai está em casa? Eu vi o carro dele na garagem.

— Sim, está na sala de estar. E o jantar fica pronto dentro de minutos.

A Nancy foi cumprimentar o pai, um homem alto e atraente, e foi lavar as mãos e pentear-se antes de os três residentes da casa se sentarem à mesa. Durante a refeição, a jovem tratou de relatar a aventura daquela tarde.

— Que ladrões matreiros! — explodiu a Hannah Gruen. — Espero que a polícia lhes deite a mão!

— Sem dúvida que se aproveitaram da ingenuidade das irmãs Turner — comentou o Sr. Drew.

— A Mary e a Edna vivem com dificuldades financeiras — referiu a Nancy. — É uma pena o senhor Josiah Crowley não ter deixado nada às irmãs Turner e aos outros familiares que precisavam, não é?

O Sr. Carson Drew sorriu afetuosamente à sua filha única:

— Sim, tens razão, Nancy — disse. — Mas, a não ser que surja um testamento mais recente, não há nada a fazer.

— As irmãs Turner acham que existe outro testamento — revelou a Nancy. — Não seria maravilhoso se fosse encontrado?

— Concordo — interveio a Hannah. — Toda a gente na cidade sabe que aquela senhora Topham e as filhas maltrataram o senhor Josiah Crowley enquanto lá viveu. Diziam, para se justificarem, que era muito difícil lidar com as excentricidades dele.

— Os Tophams nunca foram conhecidos pelo seu espírito caridoso — observou o Sr. Drew, com um sorriso. — Mas a verdade é que deram um lar ao Josiah.

— Só porque sabiam que ele ia deixar-lhes o dinheiro todo — opinou a Hannah. — No lugar do Josiah, eu não teria ficado lá. — A governanta suspirou. — Mas quando as pessoas envelhecem, não gostam de mudanças, e ele provavelmente preferiu aguentar a situação.

A Hannah contou-lhes ainda que a forma como os Tophams tratavam o idoso gerara muitos comentários reprovadores em River Heights. A Nancy não o conhecera em pessoa, mas vira-o várias vezes na rua e sempre o achara um senhor simpático e amável.

O Sr. Crowley perdera a mulher numa epidemia de gripe e, depois disso, tinha vivido com diferentes familiares. De acordo com os rumores, todas essas pessoas haviam admitido que o Josiah custeara a sua estadia e lhes fizera muitos favores. Em troca, eles tinham-no tratado com todo o carinho e, mesmo sendo pobres, procurado que ele se sentisse confortável e feliz.

— Conte-me tudo o que sabe sobre o senhor Crowley, pai — implorou a Nancy.

O advogado revelou que o Josiah declarara publicamente a sua intenção de beneficiar no testamento vários amigos e familiares que considerava merecedores. Entretanto, três anos antes de morrer, a família Topham, que nunca demonstrara nenhum interesse por ele, tinha mudado de repente de atitude e implorado ao primo que fosse viver com eles, acabando por convencê-lo. Pouco depois de o Sr. Crowley se mudar para casa dos Tophams, o Sr. Drew ficara a saber que o velhote tinha decidido deixar-lhes todos os seus bens.

Apesar da sua saúde frágil, o Sr. Crowley nunca perdera o gosto pela vida. Mas, com o passar do tempo, fora ficando cada vez mais infeliz. Ainda que tivesse permanecido em casa dos Tophams, dizia-se que costumava escapulir-se para ir visitar outros familiares e amigos e que pretendia alterar de novo o testamento.

— Então deve haver mesmo outro testamento! — exclamou a Nancy, esperançada.

O Sr. Drew assentiu e continuou:

— Um dia, o Josiah Crowley adoeceu gravemente. Mesmo antes de morrer, tentou dizer qualquer coisa ao médico que o assistia, mas mal conseguia falar e o médico não percebeu mais do que a palavra «testamento». Depois do funeral, o único documento encontrado foi o que nomeava os Tophams herdeiros universais.

— Pai, acha que o senhor Crowley estava a tentar falar ao médico de um segundo testamento que ele escondera num sítio onde os Tophams jamais o encontrariam? — perguntou a Nancy.

— É muito provável — respondeu o advogado. — Parece-me natural que o Josiah Crowley quisesse distribuir os bens por aqueles que o trataram com bondade. Mas o destino trocou-lhe as voltas.

— Será que alguém já procurou outro testamento, pai? — perguntou a Nancy.

— Não sei. Mas uma coisa é certa: se aparecer um novo testamento, o Richard Topham irá contestá-lo. Pelo que me consta, trata-se de um património avultado, e aquela gente não gosta de partilhar a boa fortuna.

— E o atual testamento não pode ser contestado? — quis saber a Nancy.

— Constou-me que alguns dos outros familiares já o contestaram, alegando que, segundo lhes fora dito, existia outro testamento do qual eram beneficiários. Mas se o documento não for localizado, não acredito que o processo tenha pernas para andar.

— Os Tophams não merecem aquela fortuna! — protestou a Hannah Gruen. — Além disso, não precisam do dinheiro. Acho uma injustiça!

— Injustiça ou não, a questão é que é legal — fez notar o Sr. Drew. — E, infelizmente, não há volta a dar.

— Coitada da Judy e das tias! — comentou a Nancy.

— Existem mais pessoas na mesma situação — observou o pai. — As duas jovens que vivem na estrada marginal, por exemplo. Não sei como se chamam. Ao que parece, não eram da família do senhor Crowley, mas ele gostava muito delas. As pobres estão a passar um mau bocado e bem jeito lhes fazia um dinheirinho extra.

A Nancy ficou em silêncio. Algo lhe dizia que havia um mistério à espreita por detrás do caso Crowley.

— Pai, *acredita* que o senhor Crowley fez um segundo testamento? — perguntou, de súbito.

— Bom, parecez uma advogada a interrogar-me em tribunal — protestou o Sr. Drew, embora nitidamente satisfeito. — Para te dizer a verdade, Nancy, não sei o que pensar, mas aconteceu uma coisa que pode, de facto, indicar que o senhor Crowley tinha intenção de fazer um novo testamento.

— Continue, por favor, pai! — implorou a Nancy, impaciente.

— Bom, há cerca de um ano, houve um dia em que estava no banco e vi o senhor Crowley a entrar com o Henry Rolsted.

— Aquele advogado especialista em testamentos e outras questões patrimoniais? — perguntou a Nancy.

— Sim. Eu não fazia tenções de bisbilhotar a conversa, mas não pude deixar de ouvir uma palavra aqui, outra ali, que me levaram a concluir que eles estavam a discutir um testamento. E o senhor Crowley marcou uma reunião para o dia seguinte, no escritório do Rolsted.

— Oh! — exclamou a Nancy, entusiasmada. — Dá mesmo a impressão de que o senhor Crowley mandou fazer outro testamento, não dá? Mas então porque é que o senhor Rolsted não disse nada quando o senhor Crowley morreu?

— Pode haver várias explicações para isso — respondeu o Sr. Drew. — Talvez o Rolsted nunca tenha chegado a redigir um novo testamento. E mesmo que o tenha feito, não sabemos se o velhote não mudou de ideias e o mandou destruir.

Antes de retomar a conversa, a Nancy acabou de comer o delicioso pudim de maçã que a Hannah fizera. Em seguida, olhou para o pai com uma expressão pensativa:

— O pai e o senhor Rolsted são velhos amigos, não são?

— Sim. Velhos amigos e colegas de escola.

— Então não se importa de lhe perguntar se ele alguma vez redigiu um testamento para o senhor Crowley ou se sabe alguma coisa que ajude a resolver este mistério?

— Isso é uma pergunta muito delicada, minha menina. O Rolsted pode muito bem responder-me que não é da minha conta!

— O pai sabe que isso não vai acontecer. São tão amigos, que ele entenderá certamente o seu interesse pelo assunto. O pai pergunta-lhe? Por favor!

— Eu sei que gostas de ajudar pessoas em apuros — disse o Sr. Drew. — Talvez possa convidar o Rolsted para almoçar amanhã...

— Fantástico! — interrompeu a Nancy, entusiasmada. — Era uma ótima maneira de descobrir o que é que ele sabe sobre um segundo testamento.

— Está bem. Vou tentar combinar um encontro. Que tal juntares-te a nós?

O rosto da Nancy iluminou-se.

— Oh, obrigada, pai! — agradeceu. — Adorava! Espero que possa ser já amanhã, para não termos de desperdiçar tempo à procura do outro testamento.

O Sr. Drew sorriu:

— *Termos?* — repetiu. — Isso quer dizer que vais tentar encontrar o testamento escondido, se se confirmar que existe?

— Talvez... — Os olhos da Nancy brilharam de expectativa.

III. UM ENCONTRO DESAGRADÁVEL

— Quais são os teus planos para esta manhã, Nancy? — perguntou o Sr. Drew durante o pequeno-almoço.

— Pensei em ir às compras — respondeu a Nancy, com um brilho nos olhos. — Vai haver um baile no clube de campo, e eu gostava de comprar um vestido novo.

— Então telefonas-me depois, para combinarmos almoço? Melhor ainda, que tal almoçarmos juntos mesmo que o Rolsted não apareça?

— Lá estarei! — respondeu a Nancy, animada.

— Ótimo. Espero por ti no escritório por volta do meio-dia e meia. Se o Rolsted aceitar o meu convite, tentaremos descobrir alguma coisa sobre os testamentos do senhor Crowley. — O Sr. Drew afastou a cadeira. — Bom, tenho de me despachar, senão não consigo chegar a horas à baixa.

Depois de o pai sair, a Nancy terminou o pequeno-almoço e foi para a cozinha ajudar a Hannah Gruen, que entretanto se levantara da mesa.

— Precisa que eu faça algum recado? — perguntou-lhe a Nancy.

— Sim, minha querida, tens aqui uma lista — respondeu a governanta. — E boa sorte com o teu trabalho de detetive.

A Hannah Gruen olhou afetuosamente para a jovem e vários pensamentos assaltaram-lhe a mente. A Nancy fora uma aluna popular na escola e fizera muitos amigos. No entanto, fizera também duas inimigas, ainda que não por sua culpa: a Ada e a Isabel Topham. Isso preocupava a Hannah. As duas irmãs morriam de ciúmes da Nancy e tinham tentado desacreditá-la por diversas vezes, em cargos que ocupara. Mas a Nancy sempre pudera contar com o apoio de amigos leais, o que só servira para piorar a relação entre elas.

— Obrigada pela força — agradeceu a jovem, dando um abraço à Hannah.

— O que quer que faças, tem atenção às irmãs Topham. Aquelas duas adorariam arranjar-te problemas.

— Prometo ficar alerta.

Antes de sair de casa, a Nancy telefonou às Turners e alegrou-se por saber que a Judy recuperara da queda sem mazelas. Mas sentiu-se desapontada quando lhe disseram que a polícia não tinha encontrado nenhuma pista dos ladrões das pratas.

— Por favor, avisem-me se houver alguma novidade — pediu.

A Edna prometeu que o faria.

Envergando um saia-casaco de algodão castanho-claro que lhe assentava como uma luva, a Nancy pôs-se a caminho do centro da cidade, ao volante do seu

desapontável. Desceu a alameda e, chegando às ruas mais congestionadas, conduziu com destreza por entre o intenso trânsito até um parque de estacionamento.

«Acho que vou começar pelos Armazéns Taylor», decidiu.

Os Armazéns Taylor eram uma das melhores lojas de River Heights. A Nancy comprou vários artigos para a Hannah no primeiro andar e depois subiu para o departamento de moda jovem feminina, que ficava no segundo.

Habitualmente, não tinha dificuldade em encontrar quem a atendesse, mas naquela manhã parecia haver uma azáfama invulgar e o afluxo de clientes mantinha ocupados todos os lojistas.

A Nancy sentou-se numa cadeira, a aguardar a sua vez, e o pensamento voou-lhe para as irmãs Turner e para a pequena Judy. Será que ia conseguir ajudá-las? Nisto, foi arrancada ao seu devaneio por uma voz estridente que reclamava:

— Estamos aqui há quase dez minutos! Arranje-nos imediatamente uma empregada!

A Nancy voltou-se e deparou-se com as irmãs Topham a falar com o gerente daquele piso.

— Lamento, mas não me é possível — respondeu o homem, pesaroso. — Há vários clientes à vossa frente. Todas as nossas vendedoras estão...

— Não deve saber quem nós somos! — interrompeu a Ada, com rudeza.

— Sei, sim — garantiu o gerente, exaurido. — Providenciarei uma funcionária dentro de instantes. Se fizerem o favor de esperar...

— Nós não estamos acostumadas a esperar — ripostou a Isabel Topham, num tom gélido.

— Que atendimento vergonhoso! — bradou a Ada. — O senhor tem a noção de que o meu pai possui uma catrefada de ações destes Armazéns? Se nos queixarmos da sua atitude, ele pode mandar despedi-lo.

— Peço desculpa — voltou o homem, massacrado —, mas são as regras da loja. Terão de aguardar a vossa vez.

A Ada sacudi a cabeça e os seus olhos chispavam de raiva, o que não a favorecia nada. Apesar das roupas caras que usava, estava longe de ser atraente. Era muito magra e macilenta, com uma expressão petulante. E assim, com as feições contorcidas de raiva, chegava quase a ser feia.

A Isabel, o orgulho da família Topham, era bastante bonita, mas o seu rosto carecia de personalidade. Expressava-se de uma forma artificialmente elegante, que, apesar de irritante, chegava a ser divertida. A mãe ambicionava vê-la casada com alguém de uma família proeminente.

«Tenho pena do futuro marido!», pensou a Nancy, com um risinho.

De repente, a Ada e a Isabel deram pela presença da Nancy, que as cumprimentou com um aceno de cabeça. A Isabel retribuiu friamente o cumprimento, mas a Ada fingiu que nem tinha visto.

Nesse momento, uma das empregadas correu a atender as irmãs Topham. E, no mesmo instante, elas desataram a insultá-la por ter demorado tanto.

— Que é que deseja ver, menina Topham? — perguntou a empregada, muito corada.

— Vestidos de noite.

A empregada apresentou-lhes uma série de propostas. A Nancy assistia, curiosa, à cena, enquanto as mal-humoradas irmãs Topham descartavam vestidos maravilhosos sem olhar para eles duas vezes. Em todos encontraram defeitos.

— Este é chiquíssimo — observou, esperançada, a empregada, mostrando-lhes um vestido de renda e *chiffon* particularmente bonito. — Só chegou esta manhã.

A Ada pegou nele, deu-lhe uma olhadela desinteressada e atirou-o para cima da cadeira. Transtornada, a empregada foi buscar mais modelos.

Entretanto, o vestido rodado que fora lançado para a cadeira escorregou para o chão, ficando amarfanhado, num monte. E, para horror da Nancy, a Ada pisou-o ao virar-se para examinar outro vestido. Estarrecida, a Nancy levantou-se para o apanhar.

— Larga isso! — exclamou a Ada, fulminando-a com o olhar. — Ninguém pediu a tua ajuda.

— Vais comprá-lo? — perguntou-lhe a Nancy, com serenidade.

— Não é da tua conta!

Como a Nancy não largou o vestido, a Ada teve um acesso de raiva e arrancou-lho das mãos, fazendo um enorme rasgão na saia de *chiffon*.

— Oh! — gritou a Isabel. — Agora é que a arranjaste bonita! É melhor irmos embora, Ada!

— Porquê? — guinchou a irmã, altiva. — A culpa foi da Nancy Drew! Ela passa a vida a arranjar problemas.

— Eu não tive culpa nenhuma! — protestou a Nancy.

— Vamos, Ada! — implorou a Isabel. — Antes que aquela empregada volte.

A Ada lá abandonou a secção com alguma relutância, atrás da Isabel. A Nancy ficou a vê-las apressarem-se a caminho do elevador. Nesse instante, reapareceu a empregada, carregada de vestidos encantadores. Os olhos até se lhe arregalaram quando viu o vestido rasgado.

— Onde é que foram as minhas clientes? — perguntou à Nancy, apreensiva.

A Nancy apontou na direção do elevador, mas não fez nenhum comentário. Ao invés, disse:

— Eu também estou à procura de um vestido de noite e este é muito bonito. Acha que dá para remendar o rasgão?

— Oh, não sei — suspirou a rapariga, desolada. — O mais certo é responsabilizarem-me pelo estrago, e eu não tenho como pagar um vestido destes.

— De certeza que os Armazéns Taylor não lhe exigirão tal coisa — comentou a Nancy, com simpatia. — Se houver algum problema, eu própria falarei com o gerente. O que costuma acontecer nestes casos é venderem o vestido com um grande desconto.

— Obrigada — agradeceu a empregada. — Vou chamar a senhora Reed, a costureira, para ver o que se pode fazer.

— Primeiro, deixe-me experimentar o vestido — pediu a Nancy, com um sorriso.

Encontraram um provador vazio, e a Nancy despiu o fato e a blusa. Em seguida, enfiou pela cabeça a bonita criação de baile, azul-clara e a empregada puxou-lhe o fecho.

— Fica-lhe a matar — elogiou, entusiasmada.

A Nancy sorriu.

— Também gosto de me ver nele — disse. — Já pode chamar a costureira.

A senhora Reed, uma senhora grisalha, apareceu logo em seguida. Numa questão de segundos, alterou uma das pregas da saia de *chiffon* e o rasgão desapareceu por completo. O vestido até ficou mais bonito.

— Já informei o nosso gerente do que aconteceu — comentou a empregada. — Se quiser o vestido, fazemos-lhe um desconto de cinquenta por cento.

— Fantástico! — exclamou a Nancy. E, rindo-se, acrescentou: — É um preço perfeito para o meu orçamento. Vou comprá-lo! Pode mandar entregar em minha casa, por favor — pediu, dando o nome e a morada.

E para si própria acrescentou:

«A Ada Topham fez-me um favor. Mas, se algum dia descobrir como é que a história acabou, vai ficar danada!»

A Nancy suprimiu um sorriso.

— Foi um prazer atendê-la, menina Drew — disse a empregada enquanto a Nancy vestia o saia-casaco, já a Sra. Reed saíra. — Mas fico nervosíssima quando vejo entrar aquelas irmãs Topham. Não são pessoas nada razoáveis. E hão de piorar depois de receberem o dinheiro do senhor Josiah Crowley. — A jovem baixou o tom de voz. — As partilhas ainda não foram feitas, mas elas já contam com a herança. A semana passada ouvi a Ada dizer à irmã: «A fortuna do velho Crowley está no papo! Gostava é que o pai deixasse de se preocupar com a hipótese de aparecer um novo testamento que nos deserde.»

A Nancy era demasiado discreta para alimentar os mexericos da empregada, mas ficou entusiasmadíssima com aquela informação. Se o Sr. Topham andava preocupado, era porque também desconfiava que o Sr. Crowley fizera outro testamento!

A conversa recordou-a de que tinha um compromisso e olhou para o relógio de pulso: já passava do meio-dia.

— Preciso de me despachar, senão chego atrasada ao encontro com o meu pai — explicou à empregada.

A Nancy pegou no carro e foi direta ao escritório do pai. Apesar de ter chegado uns minutos antes da hora marcada, o Sr. Drew estava pronto para sair.

— Então, pai? — perguntou, ansiosa. — O senhor Rolsted aceitou o seu convite para almoçar?

— Sim. Ficámos de nos encontrar no Hotel Royal, dentro de dez minutos. Ainda achas que devo questioná-lo sobre o testamento do senhor Crowley?

— Oh, estou mais interessada no caso do que nunca. — E contou ao pai os comentários da empregada da loja.

— Mmm... Não é propriamente uma prova — observou o Sr. Drew —, mas como diz o ditado: «Onde há fumo, há fogo.» Vamos!

O Hotel Royal ficava a menos de um quarteirão, e a Nancy e o pai percorreram a distância a pé num instantinho. O Sr. Rolsted esperava-os no vestíbulo. Depois de o Sr. Drew lhe apresentar a filha, seguiram os três para a sala de jantar, onde tinham reservado uma mesa.

A princípio, a conversa versou sobre uma variedade de tópicos. No decorrer do almoço, os dois advogados falaram entusiasticamente dos tempos de faculdade e da sua profissão. Às tantas, a Nancy começou a reear que o assunto do testamento nem sequer viesse à baila.

Por fim, a seguir à sobremesa, o Sr. Drew conduziu habilmente a conversa para um novo rumo e mencionou alguns dos estranhos casos que lhe haviam passado pelas mãos.

— A propósito — disse —, não estou a par dos pormenores do caso Crowley. Como é que os Tophams se estão a sair? Soube que alguns dos outros familiares decidiram contestar o testamento.

Por instantes, o Sr. Rolsted permaneceu em silêncio. Estaria relutante em discutir o assunto?

Às tantas, lá cedeu:

— As partilhas não ficaram a meu cargo, Carson — disse baixinho. — Mas confesso que tenho seguido o caso de perto, por causa de um incidente que aconteceu há cerca de um ano. Da maneira como este testamento está redigido, não me parece que possa ser anulado.

— Então os Tophams vão herdar tudo — comentou o Sr. Drew.

— Sim, a não ser que seja descoberto um testamento mais recente.

— Outro testamento? — perguntou o Sr. Drew, com um ar inocente. — Então acredita que o Crowley fez um segundo testamento?

O Sr. Rolsted hesitou, parecendo ponderar se devia ou não divulgar mais informações. Depois, olhou em volta, baixou o tom de voz e disse:

— Claro que isto é estritamente confidencial...

IV. ENFRENTANDO A TEMPESTADE

— Confidencial? — repetiu o Sr. Drew, fitando o Sr. Rolsted. — Fica descansado, que nada do que for aqui dito será repetido.

— Bom, o que eu posso adiantar é o seguinte — prosseguiu. — Há cerca de um ano, o Josiah Crowley procurou-me, porque queria fazer um novo testamento. Mencionou que tencionava distribuir os bens por diversas pessoas, mas confidenciou-me que preferia ser ele próprio a redigir o documento e fez-me uma série de perguntas nesse sentido. Levei-o até ao meu escritório e expliquei-lhe exatamente como proceder. Quando se foi embora, o Josiah prometeu que depois me daria a ler o documento final.

— Então viste o testamento? — perguntou o Sr. Drew, surpreendido.

— Não. Por estranho que pareça, ele nunca mais voltou. Nem sei se chegou a fazê-lo.

— Se por acaso tiver feito, existe alguma possibilidade de não ser legal? — interveio a Nancy.

— Sim. Um testamento dactilografado e assinado sem testemunhas não tem validade. Neste estado, são precisas duas testemunhas e é aconselhável que sejam três.

— O que aconteceria se uma pessoa estivesse doente ou a morrer e quisesse fazer um testamento mas não arranjasse testemunhas? — perguntou a Nancy.

O Sr. Rolsted sorriu:

— Isso acontece às vezes. Se a pessoa redigir o testamento pelo seu próprio punho e o assinar, de modo a que não haja nenhuma dúvida da autoria do documento, o juiz de paz poderá homologá-lo.

— Quer dizer que, se o senhor Crowley tiver redigido e assinado um novo testamento, ele será válido — observou a Nancy.

— Correto. Mas há ainda outro aspeto a considerar: é muito arriscado, para alguém que não seja advogado, tentar elaborar um testamento incontestável.

O Sr. Drew anuiu.

— Basta que haja uma lacuna num eventual documento redigido pelo Josiah Crowley, para os Tophams levarem o caso a tribunal.

— Sim. É certo e sabido que os Tophams vão lutar pela fortuna, quer tenham direito a ela quer não. Segundo me consta, alguns dos outros familiares entraram com um pedido de anulação, mas até ao momento não apresentaram nenhuma prova da existência de outro testamento.

A simples possibilidade de o Sr. Crowley ter feito um novo testamento deixou a

Nancy entusiasmadíssima, apesar de não o demonstrar. Assim que o Sr. Drew pagou o almoço, os três convivas levantaram-se e abandonaram a sala de jantar. O Sr. Rolsted despediu-se da Nancy e do pai no vestíbulo.

— Então, Nancy, descobriste o que querias? — perguntou o Sr. Drew, logo que ficaram sozinhos.

— Sim, pai, as minhas suspeitas confirmaram-se. Tenho a certeza de que o senhor Josiah Crowley fez outro testamento! E escondeu-o em algum lugar! Se eu conseguisse descobrir onde...

— É como procurar uma agulha no palheiro — comentou o Sr. Drew.

— Hei de encontrar uma maneira! — declarou a Nancy, cheia de determinação. — Quero muito ajudar a pequena Judy.

Na manhã seguinte, a Nancy acordou a pensar no mistério. Por onde deveria começar a investigar o paradeiro do segundo testamento? Não parou de matutar no assunto enquanto tomava duche e se vestia.

Quando entrou na sala de jantar, o pai e a Hannah Gruen receberam-na com um alegre: «Bom dia!»

— Nancy, não te importas de me fazer um recado, agora de manhã? — perguntou-lhe o pai durante o pequeno-almoço.

— Claro que não! — respondeu a Nancy.

— Preciso que sejam entregues uns quantos documentos ao juiz Hart, em Masonville, antes do meio-dia. Eu próprio me encarregava disso, mas tenho uma série de reuniões importantes. Agradecia-te muito se desses lá um salto.

— Não me custa nada — respondeu a Nancy, com boa vontade. — Além disso, está um dia maravilhoso. Vai saber-me bem o passeio. Onde estão os documentos?

— No escritório. Se me deres boleia até lá, subo num instantinho para ir buscá-los.

A Nancy, no seu vestido amarelo de alças com casaco a condizer, correu a apanhar as luvas e a malinha de mão. Ainda o Sr. Drew estava a reunir as coisas para sair, já ela tirara o carro da garagem e esperava por ele na rua.

— Baixei a capota para aproveitar o sol — explicou, quando o pai entrou no carro.

— Excelente ideia. Hoje ainda não te ouvi falar do caso Crowley — provocou-a o Sr. Drew, ao arrancarem. — Já esqueceste o assunto?

O rosto da Nancy ensombrou-se:

— Não, não esqueci, mas admito que estou um bocadinho às aranhas: não sei bem por onde começar a procurar pistas.

— Talvez possa ajudar-te. Lembrei-me do apelido das tais jovens que moram na Marginal e esperavam herdar alguma coisa: é Hoover. Porque é que não as procuras no regresso?

— Ótima sugestão. Vou ficar atenta às caixas do correio, para tentar encontrar o nome delas.

Quando chegaram ao edifício onde ficava o escritório do Sr. Drew, a Nancy estacionou e esperou que o pai fosse buscar os documentos para o juiz Hart. Daí a uns minutos, ele voltou e passou-lhe para as mãos um volumoso envelope de papel pardo.

— Entrega isto ao juiz. Sabes onde encontrá-lo, não sabes?

— Sim, pai. No antigo edifício da Caixa de Crédito Mercantil.

— Exato.

Tomando uma estrada nacional de construção recente, a Nancy seguiu caminho, contemplando ocasionalmente os campos de cultivo bem tratados que se estendiam de ambos os lados. Ao longe, erguiam-se montanhas ondulantes.

«Que bonito», disse para si própria. «Porque será que as pessoas não podem ser pacíficas como esta paisagem, em vez de andarem a arranjar problemas?»

Eram quase 11 horas quando a Nancy entrou finalmente em Masonville. Foi direita ao escritório do juiz Hart, mas informaram-na de que ele estava no tribunal. Lembrando-se de o pai ter dito que era importante entregar-lhe os documentos antes do meio-dia, a Nancy partiu em busca do magistrado.

Foi o cabo dos trabalhos chegar à presença do juiz e já era meio-dia quando conseguiu entregar-lhe em mãos o envelope de papel pardo.

— Muito obrigado — agradeceu o senhor. — Vou precisar destes documentos logo a seguir ao almoço.

A Nancy sorriu.

— Então ainda bem que o encontrei.

Quando o juiz Hart percebeu que a Nancy era filha do Sr. Drew, convidou-a imediatamente para almoçar com ele e a mulher, em sua casa, antes de regressar a River Heights.

A Nancy aceitou o convite e passou uma hora muito agradável na companhia dos Harts. Durante o almoço, o juiz perguntou-lhe, divertido, se ela continuava a fazer de assistente do pai.

— Sem dúvida! — respondeu a Nancy, contando-lhe do interesse dos Drews no caso Crowley. — Conheciam o senhor Josiah Crowley ou alguma vez ouviram falar nele?

Ambos assentiram com a cabeça.

— Uma das empregadas do casal veio trabalhar para cá depois da morte da senhora Crowley — explicou o juiz. — Chamava-se Jane. Também morreu há pouco tempo.

— Nunca chegámos a conhecer o Josiah — acrescentou a Sra. Hart —, mas a Jane indicou-nos quem ele era, um dia em que nos cruzámos na rua principal.

— O senhor Crowley tinha familiares ou amigos na cidade? — inquiriu a Nancy.

— Penso que não — respondeu o juiz.

A Nancy perguntou-se o que estaria a fazer o Sr. Josiah Crowley em Masonville, se não fora visitar familiares nem amigos — a cidade não era propriamente famosa pelas atrações turísticas. E a jovem detetive ficou ainda mais curiosa quando a Sra. Hart mencionou que o vira uma segunda vez.

— Há quanto tempo foi isso?

A Sra. Hart pensou um bocadinho e respondeu:

— Mmm... creio que há menos de um ano.

Terminado o almoço, o juiz anunciou que tinha de voltar ao trabalho. A Nancy disse-lhes que também estava na hora de regressar a casa e, agradecendo a hospitalidade, despediu-se do casal.

«Porque terá ido o senhor Crowley a Masonville?», perguntou-se, já no carro.

«Terá alguma coisa que ver com o segundo testamento?»

A Nancy seguia por uma estrada que levava à Marginal e, meia hora depois, virou para a bonita estrada rural que serpenteava ao longo do rio Muskoka.

«Hoover», recordou-se a si própria, começando a ler os nomes nas caixas do correio.»

A meio caminho de River Heights, enquanto contemplava as paisagens bucólicas povoadas de vacas mergulhadas até aos joelhos nas águas menos profundas do rio e de ovelhas a pastar nas encostas salpicadas de flores, a Nancy apercebeu-se subitamente de que o sol ficara encoberto.

«Vem aí uma tempestade», pensou, observando as nuvens negras que varriam o céu. «Acho melhor subir a capota.»

Premiu o botão do painel de instrumentos, mas nada aconteceu. Intrigada, tornou a tentar. Mais uma vez, não houve resposta. Entretanto, tinham começado a cair pingos de chuva bojudos.

«Vou ficar encharcada!», pensou a Nancy, olhando em volta.

Não se avistava nenhum abrigo nas redondezas. Mas, mais à frente, depois de uma subida íngreme, a estrada fazia uma curva apertada: com sorte, talvez logo a seguir houvesse uma casa ou um celeiro. A Nancy rodou a chave na ignição.

Raios ofuscantes rasgaram o céu em múltiplas direções. Seguiu-se o ribombar estrondoso de um trovão e a chuva aumentou de intensidade.

«Oh, porque é que não trouxe o impermeável?», lamentou-se a Nancy.

Mas animou-se quando, ao fazer a curva, vislumbrou um celeiro com para-raios, a cerca de 400 metros de distância. Um pouco mais adiante, erguia-se uma pequena casa branca.

«Será a casa das Hoovers?», matutou a Nancy.

Por aquela altura, a tempestade atingira o auge da fúria. O céu ficara escuro como breu, e a Nancy teve de acender os faróis para conseguir ver a estrada. Estava encharcada até aos ossos, por isso já só se preocupava em encontrar abrigo por uma questão de segurança.

A Nancy ligou o limpa-para-brisas, mas a chuva era tão intensa, que a visibilidade não ultrapassava uns míseros metros. Em meros segundos, a estrada transformara-se num mar de lama.

A Nancy já fora apanhada no meio de muitas tempestades, mas nenhuma tão violenta como aquela. Temia derrapar a qualquer momento e acabar atolada numa vala antes de conseguir alcançar o celeiro.

«Ainda faltará muito?» perguntou-se, preocupada. «Parecia ser mais perto...»

De repente, um raio atingiu o solo, poucos metros à sua direita.

«Cruzes! Foi por um triz!», pensou, assustada.

As vibrações elétricas na atmosfera provocavam-lhe um formigueiro na pele.

Logo em seguida, foi invadida por uma onda de alívio.

«Finalmente!», suspirou.

O celeiro acabara de surgir mesmo junto à estrada. Tinha as portas duplas abertas de par em par. Sem pensar duas vezes, a Nancy guinou o carro e conduziu para o interior da construção.

Eis que ouviu um grito lancinante!

V. UMA HISTÓRIA SURPREENDENTE

A Nancy paralisou, agarrada ao volante. Teria atropelado alguém sem querer? Com o coração a bater descompassado, abriu a porta do carro e apeou-se.

Nesse instante, emergiu uma figura de trás do monte de feno mais próximo.

— Deves ter apanhado um susto de morte quando gritei — disse uma rapariga mais ou menos da idade da Nancy, aproximando-se.

— Estás... estás bem? — balbuciou a Nancy.

— Sim. E peço desculpa por ter gritado. Vim até cá verificar as nossas reservas de ração para as galinhas e não me dei conta de que a tempestade era tão forte, por isso não voltei logo para casa.

— Está muito mau lá fora — confirmou a Nancy.

— Pois, eu fiquei apavorada com a tempestade — continuou a rapariga —, e, como não ouvi o carro a chegar, entrei em pânico quando o vi irromper por aqui adentro.

Depois de recuperar o fôlego, a Nancy apresentou-se e explicou à desconhecida que o mecanismo de subir a capota do descapotável tinha avariado.

— Que pena — disse a rapariga. — Agora precisas é de secar essas roupas. A tempestade amainou um bocadinho. Vamos aproveitar para dar uma corrida até casa. A Grace está lá e também pode ajudar-te. É a minha irmã. Eu chamo-me Allison Hoover.

Hoover! A Nancy sentiu-se tentada a revelar que andava à procura delas, mas decidiu deixar o assunto para mais tarde. Talvez fosse melhor prosseguir a investigação com alguma subtilidade.

— Obrigadíssima! — agradeceu à Allison, com um sorriso. — Mas primeiro gostava de secar o interior do carro. Haverá tapos aqui no celeiro?

A Allison arranjou vários panos, e as duas raparigas limparam a água dos assentos e do chão do descapotável. A chuva, entretanto, parara. Enquanto chapinhavam nas poças a caminho da casa, a Nancy pôde estudar melhor a sua companheira. Era alta, magra, com o cabelo louro-arruivado e a tez clara. Tinha uma voz musical e um riso alegre, encantador.

Chegando à habitação degradada da quinta, as duas raparigas subiram ao alpendre das traseiras e bateram com os pés no chão para se livrarem do excesso de lama nos sapatos. Em seguida, a Allison abriu a porta de supetão e entraram as duas para uma cozinha acolhedora.

Quando a porta bateu atrás delas, uma outra rapariga, que acabara de fechar o

forno de um fogão antiquado, encarou-as, surprehendida.

— Grace, trouxe uma visita — annunciou, no mesmo instante, a Allison. — Nancy, apresento-te a minha irmã, o pilar da nossa família de duas.

A Grace Hoover agradeceu cordialmente o elogio e cumprimentou a recém-chegada com um sorriso doce. A Nancy calculou que ela fosse uns quatro anos mais velha do que a Allison. Tinha uma expressão muito séria, e na sua attitude adivinhava-se a responsabilidade que carregava aos ombros desde tenra idade.

A Nancy sympathizou com ambas as raparigas e retribuiu a afabilidade com que fora recebida. A Allison arranhou-lhe um robe para vestir e a Grace pendurou as suas roupas junto do fogão. Mal secaram, tirou a tábua de engomar de um armário, preparando-se para as passar a ferro, mas a Nancy fez questão de ser ela a tratar do assunto.

— Isto é divertido — comentou com as duas irmãs. — Não sei o que seria de mim sem vocês.

— Para nós também é bom — disse a Allison. — Não costumamos receber visitas. Na verdade, não temos dinheiro para isso.

A Grace foi até ao fogão, tirou do forno um bolo castanho-dourado e pousou-o em cima da mesa, para arrefecer.

— Mas hoje não se fala de dinheiro. A Allison faz anos, e este é o bolo de aniversário dela. Se não estiveres com pressa, Nancy, gostaríamos muito que festejasses connosco.

— Adoraria! — exclamou a Nancy.

— Os bolos da Grace são deliciosos — declarou a Allison. — Eu cá não sou grande cozinheira. Fico com a parte de tomar conta do celeiro e das galinhas.

A Nancy terminou rapidamente de engomar a roupa e tornou a vestir-se. Entretanto, o bolo já arrefecera e a Grace começou a cobri-lo com *glacé* de chocolate.

— Podem ir andando para a sala de estar — sugeriu. — Eu já levo o bolo e o chá.

A Nancy seguiu a Allison até à sala contígua. Apesar de confortável, não tinha quase mobília nenhuma. O chão fora pintado e estava coberto, aqui e ali, por tapetes de trapos, artesanais. À exceção de um sofá antiquado, uma mesa barata, algumas cadeiras e uma velha salamandra a petróleo que dava calor nos dias frios, pouco mais havia. No entanto, pendiam das janelas delicadas cortinas brancas, e a Nancy apercebeu-se de que, apesar de pobres, as Hoovers não se tinham poupado a esforços para tornar a sua casa agradável.

— Vocês vivem as duas aqui sozinhas? — perguntou.

A Allison confirmou com um aceno de cabeça.

— Sim, desde que o nosso pai morreu, há dois anos. A nossa mãe morreu pouco antes — acrescentou, com a voz ligeiramente embargada. — As doenças deles levaram-nos o dinheiro todo.

— Lamento imenso — compadeceu-se a Nancy. — Deve ser difficilimo para duas raparigas administrarem sozinhas uma quinta.

— A nossa quinta já não é tão grande como dantes — disse, muito depressa, a Allison. — Sobraram-nos poucos hectares. Eu sei que és demasiado educada para perguntar como é que nos aguentamos, Nancy. Mas a Grace trabalha sempre que pode para uma costureira em Masonville e, além disso, faz toda a nossa roupa. E eu crio

galinhas.

De súbito, ouviu-se cantar:

— Parabéns a você/ Nesta data querida!

E a Nancy juntou-se à Grace:

— Muitas felicidades/ Muitos anos de vida!

A Grace pousou o bolo, com 18 velas acesas, em cima da mesa, e cantaram a segunda estrofe da canção:

— Hoje é dia de festa/ Cantam as nossas almas/ Para a menina Allison/ Uma salva de palmas!

A Allison estava com os olhos rasos de lágrimas. Quando a canção chegou ao fim, deu um abraço enorme à irmã e outro à Nancy.

— Há... há muito anos que não tinha uma festa de aniversário tão boa! — balbuciou.

— Também é uma das melhores a que eu já fui — acrescentou a Nancy, com toda a sinceridade.

De repente, a Allison começou a cantar uma velha balada inglesa sobre o aniversário de uma moça da aldeia. A Nancy escutou, deliciada, o timbre límpido e cristalino da rapariga. No fim da canção, aplaudiu, dizendo:

— Foi extraordinário! Tens uma voz maravilhosa, Allison!

A cantora deu uma gargalhada jovial:

— Obrigada, Nancy. Sempre quis aprender, mas, como sabes, as aulas de canto são caríssimas.

Nesse momento, a Grace regressou trazendo num tabuleiro um bule de chá aromático. Enquanto a irmã enchia as chávenas, a Allison soprou as velas e cortou o bolo.

— Este é o bolo mais delicioso que eu já comi em toda a minha vida! — elogiou entusiasticamente a Nancy.

As três raparigas conversaram como velhas amigas. Por fim, o sol rompeu por entre as nuvens, e a Nancy preparou-se para partir. Quando se levantou do lugar, reparou numa pintura invulgar, pendurada na parede à sua frente, e comentou a beleza do quadro.

— Foi-nos dada pelo tio Josiah Crowley — disse a Allison. — Se ele estivesse vivo, tudo seria diferente.

À menção do nome, a Nancy tornou a sentar-se. Será que ia conseguir uma prova de que o Sr. Crowley fizera um segundo testamento?

— Ele não era nosso tio verdadeiro — explicou a Grace. — Mas nós gostávamos dele como se fosse. — A sua voz esmoreceu e, por alguns instantes, não conseguiu falar. Depois, controlou-se e continuou: — Vivia na quinta ao lado da nossa. Nessa altura, os nossos pais ainda estavam vivos... Parece que as desgraças nos aconteceram todas ao mesmo tempo.

— O tio Josiah era o homem mais querido do mundo — acrescentou a Allison. — Havia pessoas que o achavam esquisito, mas quem o conhecia não se importava com as excentricidades dele. Tratava-nos lindamente! Sempre me prometeu que apoiaria a minha carreira de cantora.

— Sim — confirmou a Grace. — O tio Josiah dizia que a Allison cantava como

um passarinho e queria pagar-lhe aulas com um professor famoso. Mas quando passou a viver com os Tophams, nunca mais tocou no assunto.

— A verdade é que ele nunca gostou de lá estar — comentou a Allison. — Era maltratado e escapava-se muitas vezes para nos visitar.

— O tio Josiah costumava dizer que nós éramos como filhas para ele — contou a Grace. — Trazia-nos muitos presentes caros, mas não era por causa do dinheiro que gostávamos dele. Ainda me lembro da última coisa que nos disse antes de morrer: «Preparei-vos uma grande surpresa para vos fazer felizes, mas não posso revelar agora o que é. Terão de esperar pelo meu testamento.» Estas foram as palavras dele, sem tirar nem pôr.

— E, afinal de contas, deixou tudo aos Tophams — rematou a Allison. — Deve ter mudado de ideias por alguma razão.

— Custa a acreditar que ele esquecesse a promessa que nos fez — suspirou a Grace, com tristeza.

— Seria tão bom que aparecesse um novo testamento! — exclamou a Allison.

— Pois seria... — concordou pausadamente a Nancy. — Segundo ouvi dizer, o senhor Crowley prometeu a mais pessoas que lhes deixaria dinheiro. Às irmãs Turner, por exemplo. Conhecem-nas?

— Não muito bem — respondeu a Grace.

— O meu pai é advogado e nós andamos os dois muito interessados neste caso — voltou a Nancy. — Ele até me falou de vocês, e, para ser sincera, eu vim aqui à vossa procura.

Num impulso, a Allison agarrou-lhe o braço:

— O teu pai é advogado? Eu e a Grace temos a certeza absoluta de que o tio Josiah fez um segundo testamento. Oh, se nós pudéssemos contratar o teu pai para nos ajudar! — Logo em seguida, o seu rosto ensombrou-se. — Estou a esquecer-me de que não teríamos como lhe pagar os honorários, se ele perdesse o caso.

— Não te preocupes agora com isso, Allison — disse-lhe a Nancy, com doçura. — Mereces estar feliz no dia dos teus anos. E o meu desejo para ti é que, antes do teu próximo aniversário, herdes algum dinheiro do senhor Crowley, para que possas estudar canto!

VI. UM ENCONTRO EMPOLGANTE

As irmãs Hoover acompanharam a Nancy até ao celeiro.

— Vens visitar-nos outra vez? — perguntou a Grace, enquanto a jovem detetive entrava no carro.

— Sim, volta, por favor! — pediu a Allison.

A Nancy prometeu que o faria.

— Mal haja alguma notícia — acrescentou.

Embora o céu tivesse clareado, o piso da Marginal continuava escorregadio. A Nancy viu-se obrigada a percorrer com cuidados redobrados os três quilómetros que a separavam da estrada principal.

«Não admira que este caminho seja tão pouco usado», pensou. «A propósito, como será que a Allison e a Grace chegam à cidade?», perguntou-se. Não se lembrava de ter visto nenhum carro em casa das Hoovers e sabia que não passava nenhum autocarro à porta delas.

«Era tão bom que eu, ou outra pessoa qualquer, descobrisse um testamento posterior do senhor Crowley que beneficiasse as Hoovers e as Turners. Elas bem precisam do dinheiro. Tenho de contar ao pai este último desenvolvimento.»

A Nancy decidiu ir direita ao escritório do pai, na esperança de o encontrar lá. Estacionou num parque próximo do edifício e, ao apeiar-se, observou o descapotável, desolada:

«Coitadinho! Está mesmo a precisar de um banho.»

Por sorte, o Sr. Drew ainda estava no escritório. Mal a viu entrar, levantou-se da cadeira da secretária para lhe dar um beijo:

— Que bom que estás sã e salva — disse-lhe. — Fiquei preocupado contigo quando rebentou aquela tempestade. Assim que a Hannah me telefonou a dizer que ainda não tinhas regressado, arrependi-me de te ter mandado a Masonville.

A filha sorriu.

— Pois aqui me tem, inteirinha! Entreguei os documentos ao juiz Hart e fiquei a saber que ele e a mulher viram o senhor Crowley na cidade por duas vezes. E também falei com as irmãs Hoover.

A Nancy relatou a conversa que tivera com a Allison e com a Grace e no fim perguntou ao pai se não se importava de as ajudar.

— Pelo que me contas, dá mesmo a impressão de que o senhor Josiah Crowley fez um segundo testamento que as contemplava como herdeiras — comentou o Sr. Drew, pensativo. — Terei todo o gosto em auxiliar as irmãs Hoover no que estiver ao meu

alcance.

O Sr. Drew quis saber se as duas irmãs tinham partilhado informações específicas sobre os hábitos do Sr. Crowley ou quaisquer outras pistas que pudessem ser úteis. Quando a Nancy abanou a cabeça, o pai sugeriu-lhe então que as convidasse para uma pequena reunião no escritório.

— Se eu lhes fizer algumas perguntas, talvez elas se recordem de incidentes que sejam relevantes. — O advogado estudou o calendário que tinha na secretária e propôs: — Que tal amanhã, às três menos um quarto? Posso dispensar cerca de meia hora.

Como resposta, a Nancy abraçou-o e perguntou se podia telefonar dali mesmo às Hoovers.

A Grace e a Allison aceitaram logo o convite do Sr. Drew, e a Nancy prometeu que iria buscá-las de carro e levá-las a casa depois da reunião.

— És uma querida! — exclamou a Allison, que atendera o telefone. — Eu sinto que vais resolver este mistério, Nancy!

Nisto, a Nancy teve uma ideia e perguntou à mais nova das Hoovers quanto tempo poderiam ficar em River Heights.

— O tempo que for preciso — respondeu-lhe a Allison.

— Ótimo. Então gostava que jantassem connosco — convidou a Nancy.

— Lamento não poder fazer-vos companhia — informou o Sr. Drew, quando a filha desligou. — Amanhã à noite, tenho um jantar combinado e uma reunião.

Nesse momento, apareceu o presidente da Câmara e a Nancy levantou-se para se ir embora. Depois de trocar umas palavrinhas com o recém-chegado, despediu-se, dizendo:

— Até logo, pai.

Antes de voltar para casa, fez uma paragem num edifício antiquado, situado numa rua lateral. Era a habitação do Sr. Mascagni, um famoso professor de canto, que se aposentara e mudara para a pequena cidade no ano anterior, mas que ainda aceitava alguns alunos excepcionais. A Nancy apresentou-se ao senhor de espessos cabelos brancos e faces rosadas e foi direta ao assunto:

— Senhor Mascagni, estaria disposto a ouvir a voz de uma amiga minha e a dizer-nos se, na sua opinião, ela tem potencial para se tornar uma grande cantora? Se achar que tem e a minha amiga arranjar dinheiro para pagar as aulas, consideraria aceitá-la como aluna?

O Sr. Mascagni observou a Nancy por alguns instantes, antes de responder.

— A menina não me parece o tipo de pessoa que viesse aqui desperdiçar o meu tempo — disse, por fim. — Eu não costumo aceitar principiantes, mas estou disposto a abrir uma exceção e a ouvir a sua amiga cantar. — Soltando uma gargalhada, acrescentou: — Mas aviso-a de que direi apenas a verdade. Se a moça não estiver à altura, espero que não fique muito abalada.

A Nancy riu-se também:

— Aprecio a sinceridade — respondeu. — Para dizer a verdade, a rapariga em questão não faz a mínima ideia do que lhe estou a pedir. Vir aqui será uma total surpresa para ela. Talvez eu não seja a melhor pessoa para ajuizar, mas acredito mesmo que ela tem um dom. De qualquer maneira, ficaremos ambas gratas pela sua

opinião e certamente a acataremos.

O encontro foi marcado para as quatro da tarde do dia seguinte, e a Nancy deixou a casa do Sr. Mascagni, entusiasmadíssima.

«Talvez eu esteja a ir longe demais», pensou com os seus botões, «mas este é um daqueles meus palpites de que o pai tanto fala, e não consigo ficar de braços cruzados».

Quando foi apanhar as Hoovers no dia seguinte, a Nancy não mencionou o encontro com o professor de canto. As três jovens foram direitas ao escritório do Sr. Drew, que começou de imediato a interrogar a Grace e a Allison.

— Pelo que sei, o senhor Crowley era um homem bastante excêntrico — comentou o advogado. — Tentem lembrar-se de tudo que ele possa ter dito ou feito e nos ajude a deslindar onde esconderia um segundo testamento.

— O tio Josiah era muito distraído — avançou a Grace. — Várias vezes o vi à procura dos óculos com eles enfiados na cabeça.

— Ele tinha por hábito esconder coisas? — inquiriu o Sr. Drew.

— Oh, sim! — riu-se a Allison. — O tio Josiah passava a vida a esconder objetos em «sítios seguros», dizia ele. Mas eram tão seguros, tão seguros, que nunca mais dava com eles!

— Isso quer dizer — interveio a Nancy, empolgadíssima — que é possível que o Sr. Crowley tenha escondido o testamento e já não se lembrasse onde?

— Creio que sim — admitiu a Grace. — Enquanto morasse com os Tophams, seria certamente isso que faria. Numa das vezes que nos visitou, o tio Josiah falou-nos dos Tophams e contou-nos que eles estavam a tentar ficar-lhe com o dinheiro. «Como eu continuo a viver lá, devem achar que lhes vou deixar tudo. Hão de se sentir uns tolos, quando descobrirem que fiz outro testamento», disse-nos com aquele risinho estranho dele. «E, desta feita, não tenciono confiá-lo a nenhum advogado: prefiro guardá-lo num sítio seguro.»

— Senhor Drew, acha que o tio Josiah escondeu o segundo testamento algures na casa dos Tophams? — perguntou a Allison.

O advogado olhou para a secretária durante alguns segundos antes de responder:

— Se escondeu, teremos uma grande batalha pela frente. Não será nada fácil convencer os Tophams a autorizarem uma busca.

Acabara de ocorrer à Nancy um pensamento que a fez estremecer. E se, alertados pelos rumores da existência de um segundo testamento, os Tophams já tivessem revirado a casa e destruído o documento?

A Nancy lançou ao pai um olhar inquiridor e ficou com a nítida sensação de que aquela hipótese também lhe passara pela cabeça. Mas não valia a pena discutir o assunto com as irmãs Hoover e deitar um balde de água fria nas suas esperanças.

O Sr. Drew continuou a questionar as duas jovens até às três e meia da tarde, hora a que deu por terminada a conversa, porque tinha outra reunião marcada. Prometeu-lhes, no entanto, que faria tudo para as ajudar e não lhes cobraria honorários pelos seus serviços.

— A não ser que tenham resultados — acrescentou, com um sorriso.

— O senhor é tão gentil como a sua filha — disse a Grace, levantando-se para dar um passou-bem ao advogado. — Não calcula como eu e a Allison agradecemos o que

estão a fazer por nós.

Quando chegaram ao carro, a Nancy anunciou às duas irmãs que gostaria que elas conhecessem uma pessoa especial na cidade e conduziu-as até à casa do Sr. Mascagni. Ao subirem os degraus da entrada, ouviram uma voz de soprano a interpretar uma ária da *Tosca*.

— Que bonito — suspirou a Allison.

As jovens foram recebidas por uma criada que lhes pediu que aguardassem numa salinha enquanto o Sr. Mascagni terminava a lição. Intrigada, a Allison esperou para ouvir a explicação da Nancy.

— Preparei-te uma surpresa — revelou a Nancy, com um sorriso. — O senhor Mascagni prometeu que te ouvia cantar. Se passares no teste, ele considera aceitar-te como aluna. Isto, se nós desencantarmos o dinheiro para pagar as aulas.

A Allison ficou tão atónita, que perdeu o pio, mas a Grace fez a festa por ela:

— Oh, Nancy! Que mais irás tu inventar?! Só te conhecemos há vinte e quatro horas e já nos sentimos outras!

Nesse momento, a porta do estúdio abriu-se e a jovem soprano saiu, seguida do Sr. Mascagni. Depois de se despedir da aluna, o mestre convidou as três visitas a entrar. A Nancy apresentou-lhe prontamente as irmãs Hoover.

— Então a menina é a cantora — concluiu logo o senhor, dirigindo-se à Allison. — Posso dizê-lo pela maneira como fala.

Aparentemente, o professor apercebera-se de que a Allison tinha sido apanhada de surpresa e que estava um bocadinho nervosa. Para a ajudar a descontrair, começou a conversar sobre outros assuntos que não música. Mostrou-lhes vários dos quadros que enfeitavam a sala e algumas peças de estatuária trazidas de Itália.

— Têm muito valor para mim — explicou.

— São extraordinárias — observou a Allison.

O Sr. Mascagni dirigiu-se, em seguida, a uma janela que dava para as traseiras e chamou a atenção das raparigas para o bonito jardim que havia atrás da casa. Satisfeito por ver que a Allison já se acalmara, avançou então para o piano e sentou-se no banco.

— Vamos lá saber: o que gostaria de cantar? — perguntou-lhe, com um sorriso. — Ponha-se aqui, virada para mim.

— Alguma coisa simples — respondeu a jovem. — Talvez... *America the Beautiful*.

O professor assentiu com a cabeça, quis saber em que tom havia de tocar e começou a acompanhá-la. A Allison parecia inspirada. A sua voz soava ainda mais bonita do que quando a Nancy a escutara na quinta. Terminada a interpretação, o Sr. Mascagni não fez nenhum elogio. Em vez disso, propôs-lhe que experimentasse uma escala e depois que cantasse notas isoladas, saltando de oitava em oitava.

— Tem uma excelente amplitude vocal, menina Hoover — limitou-se a comentar.

Durante meia hora, pediu-lhe para cantar uma série de pequenas canções em vários tons, chegando mesmo a acompanhá-la num dueto. Por fim, girou no banco do piano e encarou a Nancy e a Grace.

— Acredito — começou paulatinamente — que ainda ouviremos falar muito da grande cantora de ópera Allison Hoover!

Antes que as raparigas tivessem tempo de reagir, o Sr. Mascagni saltou do banco e

apertou fervorosamente a mão da Allison. Foi então que a jovem se deu conta do alcance das palavras do professor e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— *Bravissima! Bravissima!* — exclamou o senhor. — A menina canta, chora, ri! *Magnifico!* Também será uma atriz dramática *splendida!*

A Nancy e a Grace estavam à beira das lágrimas, de tão emocionadas com as excelentes notícias. Mas as três raparigas ficaram, de repente, muito sérias, lembrando-se de que ainda precisavam de resolver o problema do dinheiro para pagar ao extraordinário mestre. Calculavam que as aulas não fossem nada baratas.

De um momento para o outro, a Allison desatou a falar e despejou toda a sua história ao senhor grisalho.

— Mas eu tenho a certeza de que vou conseguir arranjar o dinheiro para pagar as aulas e não quero nenhum outro professor que não o senhor — terminou, com um sorriso corajoso. — Voltarei aqui assim que puder. Muito, muito obrigada! E agora vamos embora, meninas.

A Allison dirigiu-se para a porta da frente, mas o Sr. Mascagni deteve a Nancy e a Grace.

— Esta moça é admirável! — exclamou. — Queria muito dar-lhe aulas para garantir que recebe uma formação sólida. — Desolado, ergueu os braços e abanou a cabeça. — Infelizmente, não tenho condições de ensinar de graça. Talvez se baixar o preço...

— Nós havemos de conseguir o dinheiro, senhor Mascagni — prometeu a Nancy.

E, despedindo-se do professor, seguiram as duas atrás da Allison.

Nessa noite, reinavam sentimentos contraditórios em casa dos Drews. A Hannah Gruen simpatizara bastante com as irmãs Hoover e ficara tão entusiasmada como as jovens ao saber do extraordinário talento da Allison. A conversa à mesa foi alegre e divertida. Depois do jantar, a Nancy e a Sra. Gruen levaram as duas irmãs a casa e, quando se despediram, a Nancy tornou a prometer que faria das tripas coração para encontrar o testamento que poderia beneficiá-las.

Restava-lhe saber como!

— Se parares de pensar um bocadinho no caso do senhor Crowley, talvez te surja alguma inspiração — sugeriu-lhe o Sr. Drew, no dia seguinte, ao pequeno-almoço.

A filha sorriu.

— Boa ideia, pai. Acho que vou dar um passeio, para tirar as teias de aranha do cérebro.

Assim que terminou de comer, a Nancy saiu de casa e dirigiu-se, a passo acelerado, ao agradável parque de River Heights. Ia ver o roseiral, que era sempre tão bonito. Mal tinha começado a percorrer um dos caminhos do jardim quando avistou a Ada e a Isabel Topham, sentadas num banco, um pouco adiante.

«Eram as últimas pessoas que me apetecia encontrar neste momento», suspirou. «Aposto que vão ser mazinhas e irritar-me. Cada vez que penso no que a Allison, a Grace e as irmãs Turner poderiam fazer com um décimo da fortuna do senhor Crowley que os Tophams vão herdar, fico danada!»

Entretanto tinha parado, enquanto tentava decidir se arrepiava caminho ou não.

«Não», resolveu. «Vou ver as rosas! Sigo pelo caminho que passa por trás do banco e assim elas não dão por mim.»

A Nancy avançou silenciosamente, sem nenhuma intenção de bisbilhotar a conversa das raparigas. Mas, de repente, chegou-lhe aos ouvidos uma palavrinha que a fez estacar.

«Testamento», fora isso que a Isabel dissera.

O instinto detetivesco da Nancy ficou imediatamente alerta, e o seu coração bateu de excitação.

«Só podem estar a falar do testamento do senhor Josiah Crowley», deduziu.

VII. O CÃO ASSANHADO

Seguindo as pisadas de um bom detetive que nunca vira costas a uma pista, a Nancy aproximou-se deliberadamente do banco onde as Tophams conversavam.

— Se existisse *mesmo* outro testamento, acho que estávamos fritos! — A voz nasalada da Ada chegou com clareza aos seus ouvidos.

Mas a Isabel respondeu tão baixinho, que a jovem detetive mal a conseguiu ouvir.

— Eu cá não acredito que o Josiah Crowley tenha feito outro testamento. — E acrescentou com uma gargalhada: — A mãe vigiava-o como uma águia.

— Ou pensa ela — retorquiu a Ada. — O velho escapou-lhe por entre as garras várias vezes, lembra-te?

— Sim, e o pior é que a Nancy Drew está convencida de que ele fez um segundo testamento. Aposto contigo! Por isso é que anda tão interessada naquelas irmãs Hoover. Eu vi-as entrar no escritório do senhor Drew ontem à tarde, e olha que não foram vender ovos! Se a Nancy convencer o pai a envolver-se no caso, ele é muito bem capaz de desencantar outro testamento. Oh, como eu odeio aquela abelhuda!

Ao ouvir aquilo, a Nancy mal conteve uma gargalhada. Com que então os Tophams estavam *realmente* com medo de que existisse outro testamento. Com a respiração suspensa, a jovem investigadora continuou à escuta.

— És tão pessimista, Ada. Podes confiar no pai e na mãe: aconteça o que acontecer, eles resolvem tudo — argumentou a Isabel, com secura. — Jamais deixarão fugir aquela batelada de dinheiro. Até porque é nosso por direito.

— Sim, entendo o que queres dizer — concedeu a Ada. — Bem merecemos o dinheiro do velho Josiah, depois de o termos aturado e sustentado durante três anos. A mãe foi muito inteligente ao recusar-se a aceitar que ele pagasse as despesas da estadia!

A conversa terminou no momento em que as duas irmãs Topham se levantaram e afastaram. A Nancy esperou até as perder de vista e saiu do esconderijo. Sentou-se então no banco que a Ada e a Isabel tinham vagado, a matutar nos comentários que acabara de ouvir.

«Agora já não me restam dúvidas de que, se existir um testamento posterior, os Tophams não o destruiriam. Que emocionante! Mas onde estará?»

A Nancy sabia que descobrir o paradeiro do documento seria um desafio e tanto.

«E é melhor despachar-me, antes que os Tophams tropecem nele!», pensou.

Ainda se deixou ficar ali por mais dez minutos, a analisar minuciosamente os factos que conseguira reunir até ao momento.

«Deve ter-me escapado alguma pista», disse a si própria. De repente, soltou um grito de alegria e levantou-se de um pulo. «Porque é que não me lembrei disto antes?! As Hoovers e as Turners não são as únicas que esperavam receber herança. Ainda há os outros familiares do senhor Crowley que contestaram o testamento. Gostava de saber quem são. Se conseguisse falar com eles, talvez descobrisse pistas novas!»

A Nancy saiu dali direita ao escritório do pai. Quando chegou, o Sr. Drew estava a meio de uma reunião importante, e ela teve de aguardar dez minutos antes de poder entrar.

— O que foi agora? — perguntou-lhe o pai, sorridente, ao vê-la irromper pela sala.
— Resolveste o mistério ou estás a precisar de uns trocos?

A Nancy tinha as faces coradas e os seus olhos dançavam, tal era a excitação.

— Não faça pouco de mim, pai — protestou. — Queria pedir-lhe algumas informações.

— Estou à tua disposição, Nancy.

A jovem detetive pô-lo a par da conversa das irmãs Tophams no parque e contou-lhe as conclusões a que chegara. O Sr. Drew ouviu-a atentamente até ao fim.

— Excelente capacidade dedutiva — elogiou. — Mas temo que não possa ajudar-te com os nomes dos restantes familiares. Não conheço nenhum deles.

A Nancy ficou desapontada.

— Oh, que pena! — suspirou. — Gostava tanto de os encontrar depressa. Quanto mais tempo demorar, maior é o risco de os Tophams descobrirem o testamento e o destruírem. — Logo em seguida, o seu rosto iluminou-se. — Já sei! Vou visitar as irmãs Turner. Talvez elas conheçam os restantes familiares.

A Nancy levantou-se e dirigiu-se à porta.

— Espera um minuto — pediu o advogado. — Tens noção daquilo em que te estás a meter, Nancy?

— Como assim?

— A profissão de detetive não é das mais seguras. E eu sei que o Richard Topham pode ser muito desagradável quando lhe pisam os calos. Se descobrires alguma coisa que o prejudique, toda a família Topham te fará a vida negra.

— Eu não tenho medo deles, pai.

— Ainda bem! — exclamou o Sr. Drew. — Era o que eu esperava ouvir. Alegra-me que tenhas a coragem de lutar pela tuas convicções. Só não queria que entrasses numa guerra sem entenderes aquilo que enfrentas.

— Guerra?

— Sim. Os Tophams não vão abrir mão da fortuna sem dar luta. Mas se tentarem arranjar problemas graves, prometo que eu próprio lidarei com eles.

— E se eu encontrar o testamento?

— Eu levo o caso a tribunal.

— Oh, obrigada! Não há ninguém como o pai no mundo inteiro!

Assim que deixou o escritório do Sr. Drew, a Nancy foi a casa buscar o carro. Quando contou à Hannah Gruen os seus planos, a governanta fez-lhe um aviso:

— Não te envolvas demasiado neste assunto, minha querida. Na tua vontade de ajudar os outros, arriskas-te a ser apanhada desprevenida.

— Prometo ser tão cuidadosa como um gatinho num telhado escorregadio —

assegurou a Nancy, com um sorriso, saindo logo em seguida.

Apressou-se a tirar o carro da garagem e pôs-se a caminho da casa das Turners. Ia com a cabeça tão ocupada, que os quilómetros pareceram evaporar-se, e, quando deu por ela, já tinha chegado ao seu destino.

— Olá, Judy! — saudou, vendo a menina a jogar no quintal, com um conjunto de badmínton infantil.

Ficava amorosa com aquele macacão cor-de-rosa salpicado de ursinhos bordados à mão, certamente feito pelas tias.

— Olá, Nancy! Ainda bem que vieste! Assim tenho alguém para jogar comigo — rejubilou a Judy, correndo ao encontro da visita.

A Nancy pegou na raqueta e atirou o volante para a Judy.

— Vê lá se apanhas! — exclamou.

A Judy falhou, mas apanhou o volante do chão e lançou-o habilmente por cima da rede. A Nancy devolveu-o e, daquela feita, a menina conseguiu acertar-lhe com a raqueta e arremessá-lo de volta.

O jogo prolongou-se por mais algum tempo.

— És a melhor jogadora que eu conheço! — gritava a Judy, encantada.

Passados dez minutos, a Nancy disse:

— Vamos para dentro agora? Preciso de falar com as tuas tias.

A Judy foi a saltitar à frente e anunciou a chegada da sua nova parceira de jogo.

— Olá, Nancy! — cumprimentaram as senhoras quando a viram entrar na sala de estar.

— Estivemos a assistir à partida, da janela — disse a Mary Turner. — Foi ótimo teres jogado com a Judy. Tanto eu como a Edna somos um zero à esquerda.

— Divertimo-nos imenso — garantiu a Nancy. — Estou muito contente por vos ver a todas!

Em seguida, perguntou-lhes se a polícia já tinha localizado os ladrões das pratas.

— Ainda não — respondeu a Mary. — E o pior é que, entretanto, demos por falta de mais coisas.

— Que pena! — exclamou a Nancy. — Mas eu tenho a certeza de que as peças roubadas hão de aparecer. — Depois, acrescentou: — Bom, eu vim aqui com uma missão.

— Qual?

— A vossa história acerca do senhor Josiah Crowley deixou-me intrigada, e um dia destes conheci outras duas irmãs, a Grace e a Allison Hoover, que me contaram que ele lhes fez uma promessa semelhante em relação ao testamento.

— Espantoso! — exclamou a Edna Turner. — O Josiah falou-nos das Hoovers e da bonita voz da Allison.

— Eu e o meu pai ficámos muito interessados no caso e estamos inclinados a acreditar, tal como vocês e as irmãs Hoover, que o senhor Josiah Crowley fez um segundo testamento pouco antes de morrer e o escondeu algures.

— Oh, seria tão bom que esse testamento fosse encontrado! — suspirou a Mary. — Faria tanta diferença no futuro da Judy.

— O que eu pretendo — voltou a Nancy — é conversar com o maior número de familiares do senhor Crowley que conseguir localizar. Talvez através deles descubra

alguma pista sobre a localização do testamento. Sabem se há mais membros da família nas redondezas?

— Que me lembre, há três — respondeu a Edna.

E referiu que dois primos, que nunca tinham casado, viviam numa quinta, mesmo à saída de Titusville.

— Chamam-se Fred e William Mathews.

De súbito, as duas irmãs coraram até à raiz dos cabelos, trocaram olhares e depois voltaram-se para a Nancy.

— Há muitos anos, o Fred pediu-me em casamento e o William pediu a Mary — revelou a Edna. — E nós quase aceitámos. Mas, nessa altura, deu-se a grande tragédia familiar e ficámos com a mãe da Judy para criar, por isso decidimos não casar.

Seguiu-se um silêncio incómodo, que a Judy tratou de quebrar:

— Sabes, Nancy, um dia, as minhas tias vão dar-me uma das bonecas da minha mãe. Não é espetacular?

— Sem dúvida — concordou a Nancy. — Depois tens de ma mostrar. — E, dirigindo-se às duas senhoras, perguntou: — Qual é a relação dos Mathews com o senhor Crowley?

— Primos direitos por parte da mãe.

— Acham que eles se importavam que eu lhes fizesse umas quantas perguntas, mesmo sendo uma estranha?

— De modo algum — garantiu a Mary. — São dois perfeitos cavalheiros.

— Diz-lhes que vais da nossa parte — acrescentou a Edna.

— E a que distância fica Titusville? — inquiriu a Nancy.

— A não mais de oito quilómetros pela estrada número 10A. De carro, chega-se lá em poucos minutos. Fica no caminho para Masonville. Mas almoças connosco, não almoças?

Desejosa de prosseguir a investigação, a jovem detetive preparava-se para recusar, mas a Judy insistiu:

— Por favor, Nancy! E enquanto as tias preparam o almoço, podes jogar badmínton comigo.

— Está bem — cedeu a Nancy. — Muito obrigada pelo convite!

Eram quase duas horas quando ficou enfim pronta para partir.

— Oh, Mary! — exclamou, de súbito, a Edna. — Esquecemo-nos de lhe falar da prima da mulher do Josiah, a Abby Rowen. Se alguém souber alguma coisa sobre o testamento, é certamente ela.

— Sem dúvida! Devias mesmo fazer-lhe uma visita, Nancy. A Abby cuidou do Josiah numa altura em que ele esteve doente, e ele tinha-a em grande consideração. Várias vezes o ouvi dizer que tencionava deixar-lhe alguma coisa em herança. É uma senhora viúva e vive com dificuldades.

— Uns poucos milhares de dólares já ajudariam bastante — acrescentou a Edna. — Julgo que a Abby já passou dos oitenta anos e está a ficar esquecida. Ainda por cima, sem filhos, não tem quem tome conta dela.

— Onde é que posso encontrar a senhora Rowen? — perguntou a Nancy, torcendo para que não fosse longe.

— A Abby vive na estrada de West Lake — informou a Edna. — Fica a uns bons

quilómetros daqui.

— Então não posso ir lá hoje — concluiu a Nancy. — Mas prometo visitá-la na primeira oportunidade. Agora tenho mesmo de ir.

A Nancy agradeceu às irmãs Turner e despediu-se. Mas, antes de partir, a Judy fez questão de lhe mostrar como conseguia saltar à corda e fazer uma variedade de passos de dança com o arco, no relvado.

— A Judy entretém-nos muito — comentou a Mary. — Nós achamo-la muito talentosa.

A Nancy era da mesma opinião e, enquanto se afastava, tornou a desejar que as irmãs Turner recebessem dinheiro suficiente para proporcionar à Judy uma educação à altura.

Percorridos oito quilómetros na direção indicada, a Nancy começou a prestar atenção às caixas do correio. Não tardou a ler numa delas o nome: «Mathews». A casa da quinta ficava a alguma distância da estrada e tinha um extenso relvado defronte. Lá perto, um homem, conduzindo um pequeno trator, aparava a relva.

A Nancy guiou pelo estreito caminho que levava à propriedade e parou em frente ao local onde o homem trabalhava. O sujeito estava de costas e aparentemente não ouvira o carro a aproximar-se devido ao ruído do trator, por isso ela aguardou.

Eis senão quando, olhou na direção da casa e se lhe deparou uma visão terrível. Entalado entre duas pedras de um muro que tinha ruído, encontrava-se um pastor-alemão bebé, a ganir, desesperado. A Nancy correu até ao local e libertou-o. Mas, como o pobre animal continuava a gemer, ela aconchegou-o nos braços e examinou-lhe as patas.

«Oh, coitadinho!», compadeceu-se, ao detetar um corte numa das patinhas traseiras. «Isto precisa de ser tratado quanto antes.»

Resolveu então levar o cachorro ao homem do cortador de relva. Estava ela a atravessar o caminho, quando ouviu uma rosnadela raivosa, muito próxima. Olhando para trás, viu um enorme pastor-alemão, obviamente a mãe do cachorro, a correr na sua direção.

— Está tudo bem — disse a Nancy, com ternura, tentando acalmar a cadela. — Eu não vou roubar o teu bebé.

Ainda conseguiu avançar dois passos, mas não foi mais longe. Com uma rosnadela feroz, o animal saltou-lhe para cima e atirou-a ao chão!

VIII. UM SEGREDO ESQUECIDO

A Nancy gritou por socorro, na esperança de atrair a atenção do agricultor. Por instantes, julgou que a cadela assanhada ia morder-lhe, mas, para seu grande alívio, ela não lhe fez mal.

Quando a Nancy caíra para trás, o cachorrinho voara-lhe dos braços e a mãe correrá para junto dele. Pegando no filhote pelo cachaço, afastara-se em direção ao celeiro.

«Ufa! Foi por um triz!»

A Nancy levantou-se e sacudiu-se, reparando com tristeza num rasgão na camisola.

Por aquela altura, o homem do trator, que entretanto mudara de direção, apercebeu-se do rebuliço e correu em auxílio da Nancy, pedindo-lhe desculpas pelo comportamento da cadela.

— A culpa foi minha — admitiu prontamente a jovem. — Eu devia ter posto o cachorro no chão. Ela, por certo, julgou que eu ia raptar-lhe a cria!

— Sim, é possível.

A Nancy explicou-lhe porque pegara no animalzinho ao colo e o senhor prometeu que mais tarde trataria do corte.

— Ainda bem que a menina não se magoou — acrescentou. — E obrigado por ser tão compreensiva. Veio falar comigo ou com o meu irmão? Sou o Fred Mathews.

A Nancy apresentou-se e contou-lhe que conhecia as irmãs Turner e outras duas pessoas que esperavam ter sido contempladas no testamento do Sr. Crowley.

— Eu e o meu pai, o advogado Carson Drew, estamos a investigar o caso. Acreditamos que talvez exista um testamento posterior ao que foi apresentado pelo senhor Topham e gostaríamos de o encontrar.

— Veio então saber se nós podemos dar-lhe alguma pista, certo? — Os olhos azuleiros do senhor brilharam como os de uma criança.

— Exatamente, senhor Mathews. O senhor Crowley também prometeu que vos deixaria algum dinheiro?

— Prometeu, sim, senhora.

Nesse momento, saiu da casa outro homem, e o Fred apresentou-o como sendo o seu irmão William. Eram ambos altos, magros e musculados. Apesar do cabelo grisalho, tinham um rosto jovial, sem rugas.

— Sentemo-nos aqui, debaixo desta árvore, para discutir o assunto — sugeriu o Fred, dirigindo-se a um conjunto de cadeiras rústicas. Depois de contar ao irmão o

pedido da Nancy, perguntou-lhe: — O primo Josiah alguma vez referiu algum testamento que nos excluísse?

— Não, antes pelo contrário. Para dizer a verdade, menina Drew, eu e o Fred ficámos embasbacados quando soubemos que os Topham eram os herdeiros universais. Não foi isso que o primo Josiah nos deu a entender.

— Pois não — confirmou o Fred. — Ao que parece, eu e o William achámos que eram favas contadas. As árvores de fruto da nossa pequena quinta mal dão para sobreviver. A mão de obra e as máquinas saem muito caras. Uma coisa que sempre quisemos fazer, mas nunca pudemos, foi viajar. Pensámos em usar a herança do primo Josiah para esse fim.

— Mas levámos com um balde de água fria — comentou o William. — Adeus, viagens!

A Nancy sorriu.

— Não percam já a esperança. Eu e o meu pai ainda não perdemos.

Mas estava desiludida por os irmãos Mathews não terem conseguido dar-lhe nenhuma pista sobre o possível paradeiro do segundo testamento. Pouco depois, deixou a quinta e regressou a casa.

— Não descobri nada de novo — contou ao pai. — Esperemos que a senhora Rowen saiba alguma coisa!

No dia seguinte, logo pela manhãzinha, pôs-se a caminho da casa da Sra. Rowen e, pedindo indicações às pessoas que moravam ao longo da estrada de West Lake, lá chegou ao seu destino.

«Deve ser aqui, matutou. «Bate certo com a descrição.»

Apeou-se do carro e parou em frente ao edifício térreo muito necessitado de obras. O quintal em volta fora tomado pelas ervas daninhas, e a cerca que o rodeava tombava tristemente.

«Parece deserta», pensou a Nancy. «Mas vou ver se a senhora Rowen está.»

Subiu o carreiro mal-amanhado de acesso à casa e bateu à porta da frente. Não obteve resposta. Passados uns instantes, tornou a bater. Daquela feita, ouviu uma voz abafada perguntar:

— Quem é? Se for um vendedor ambulante, não estou interessada.

— Eu não venho vender nada — garantiu a Nancy. — Não se importa de me abrir a porta, por favor?

Depois de um longo silêncio, a voz trémula respondeu:

— Não posso. Magoei-me e não consigo andar.

A Nancy hesitou antes de se decidir a empurrar a porta. Quando entrou na sombria sala de estar, distinguiu uma figura frágil, sentada num sofá. A Sra. Abby Rowen estava enrolada num xaile velho e tinha o rosto mirrado contraído de dor.

— Chamo-me Nancy Drew e vim ajudá-la, senhora Rowen.

A senhora voltou a cabeça e olhou para a Nancy, surpreendida.

— Vieste ajudar-me? — repetiu, incrédula. — Pensei que nunca mais ninguém se fosse preocupar com a velha Abby.

— Deixe-me ajeitar-lhe as almofadas. — E, com toda a gentileza, a Nancy mudou a senhora para uma posição mais confortável.

— Ontem cáí nas escadas da cave — explicou a Sra. Rowen. — Magoei a anca e

torci o tornozelo.

— Não foi vista por um médico? — perguntou a Nancy, espantada.

— Não — suspirou a Sra. Rowen. — Nenhuma alminha passou por aqui, e eu não podia contactar ninguém. Não tenho telefone.

— Consegue andar? — perguntou a Nancy.

— Um pouco.

— Então não fraturou a anca — concluiu a Nancy, aliviada. — Mostre-me o seu tornozelo. Oh, está inchadíssimo! Acho melhor ligá-lo.

— Há um pano limpo no armário da cozinha — disse-lhe a Sra. Rowen. — Ligaduras não tenho.

— Devia mesmo ser vista por um médico — recomendou a Nancy. — Eu levo-a de carro.

— Não tenho dinheiro para isso — murmurou a senhora. — Ainda não recebi o cheque da pensão. E, de qualquer maneira, não chega para nada.

— Deixe-me pagar-lhe a consulta — ofereceu a Nancy.

A Sra. Rowen abanou teimosamente a cabeça.

— Eu não aceito caridade. Prefiro morrer!

— Bom, se se recusa a ir ao médico, eu dou um salto à farmácia mais próxima para comprar ligaduras e outras coisitas — decidiu a Nancy. — Mas, antes de sair, preparo-lhe um chá.

— Não há chá cá em casa.

— Então, eu trago um pacote. De que mais precisa?

— De quase tudo, mas, neste momento, não tenho dinheiro para compras. Podes trazer-me chá e um pão de forma. É suficiente. O dinheiro está num frasco, dentro do loulheiro. Não é muito, mas é o que me resta.

— Volto daqui a nada — prometeu a Nancy.

Deteve-se na cozinha o tempo suficiente para inspecionar os armários. À exceção de um pouco de farinha e açúcar e de uma lata de sopa, parecia não haver mais nada para comer. E o frasco do dinheiro continha menos de cinco dólares.

«Não vou levar nenhum», decidiu.

A jovem detetive saiu silenciosamente pela porta das traseiras, guiou até à loja mais próxima e abasteceu-se de mercearias. Depois passou na farmácia para comprar ligaduras e pomada.

Já de volta à casa, levou os mantimentos para a cozinha e foi cuidar da Sra. Abby Rowen. Lavou-lhe o tornozelo intumescido e, com toda a delicadeza, envolveu-o numa ligadura antisséptica.

— Já me sinto melhor — reconheceu a senhora, agradecida. — Não sei o que seria de mim, se não tivesses aparecido.

— Alguém acabaria por vir cá — respondeu a Nancy, num tom jovial.

Em seguida, voltou para a cozinha e num instantinho preparou o chá e um almoço ligeiro para a velhota.

Para grande satisfação da Nancy, assim que começou a comer a nutritiva refeição, a sua paciente recuperou quase instantaneamente o ânimo e as forças. Endireitou-se no sofá, parecendo desejosa de conversar.

— Não há muita gente na disposição de ajudar uma velhota como eu — declarou.

— Ah, se o Josiah Crowley fosse vivo, tudo seria muito diferente. Eu poderia pagar a alguém para tomar conta de mim.

— É estranho que ele não se tenha lembrado da senhora no testamento — observou, de imediato, a Nancy.

Não queria alvoroçar uma senhora daquela idade contando-lhe o verdadeiro motivo da sua visita. Esperava, no entanto, conseguir conduzir a conversa com tato e levá-la a falar do Sr. Crowley, sem precisar de alimentar esperanças que poderiam sair goradas.

— Pois eu acho que o Josiah se lembrou de mim — afirmou enfaticamente a senhora. — Muitas vezes me disse: «Abby, tu nunca terás preocupações. Hei de assegurar-me disso no testamento.»

— E depois deixou tudo aos Tophams — comentou a Nancy, encorajando o desabafo.

— Só no primeiro testamento — respondeu a Sra. Abby Rowen.

— Está a querer dizer que há *outro* testamento? — inquiriu a Nancy, em pulgas.

— Claro! Eu vi-o com os meus próprios olhos!

— A senhora *viu-o*? — espantou-se a Nancy.

A velhota assentiu, com uma expressão grave.

— A bem da verdade, não li o que dizia. Sei que, um dia, o Josiah veio visitar-me e dar-me algum dinheiro e, assim que entrou pela porta, reparei que trazia um molho de papéis na mão. «Abby», disse-me ele. «Fiz um novo testamento. Nem me dei ao trabalho de contratar um advogado: eu próprio o redigi.»

— Há quanto tempo foi isso? — perguntou logo a Nancy.

— Deixa-me cá ver... — respondeu a Sra. Rowen, franzindo a testa, pensativa. — Não me lembro da data exata, mas foi na primavera passada. De qualquer maneira, o Josiah deu a entender que tinha acautelado o meu futuro. Até lhe perguntei se um testamento redigido por ele era válido. «Claro», respondeu-me o Josiah. «Um advogado explicou-me que bastava escrevê-lo pelo meu próprio punho e assiná-lo. Ma, ainda assim, arranjei testemunhas.»

— E sabe quem foram essas testemunhas? — perguntou a Nancy.

— Não. Ele não me disse.

— E não faz ideia do que aconteceu ao documento? — voltou a Nancy, esperançada.

— Lembro-me de o Josiah ter dito que ia pô-lo num sítio de onde ninguém poderia tirá-lo sem autorização legal. Mas não sei que fim levou.

— Tem a certeza de que o senhor Crowley não disse mais nada? — insistiu gentilmente a Nancy, que ficara a saber pelas irmãs Turner que a Abby estava muito esquecida.

A senhora abanou a cabeça e soltou um suspiro:

— Passei muitas noites em claro, a tentar lembrar-me de tudo o que o Josiah me disse acerca do paradeiro do testamento. Mas não consigo mesmo recordar-me.

— Faça um esforço, por favor! — implorou a Nancy.

— É inútil — murmurou a Sra. Abby Rowen, desalentada. — Estou farta de puxar pela cabeça.

E, encostando-se às almofadas, fechou os olhos, como que esgotada pelo esforço.

Naquele preciso momento, o relógio sobre a lareira bateu o meio-dia. A Abby reabriu os olhos e uma estranha expressão tomou-lhe conta do rosto.

Durante alguns instantes, ficou de olhar perdido, depois virou lentamente a cabeça e fixou o relógio.

IX. REVELAÇÕES PRECIOSAS

A Nancy observou atentamente a Sra. Abby Rowen, ao som das badaladas do meio-dia. E eis que os lábios da idosa começaram a mexer:

— O relógio! — murmurou. — Era isso! O relógio!

A Nancy apertou os braços da cadeira, entusiasmada.

— O senhor Crowley escondeu o testamento num relógio? — perguntou de supetão.

— Não, não... — murmurou a Abby, tornando a suspirar. — Eu sei que o Josiah referiu qualquer coisa acerca de um relógio, mas varreu-se-me da mente.

O silêncio tomou conta da sala. A Nancy perguntava-se que ligação poderia haver entre um relógio e o testamento desaparecido. A Sra. Rowen continuava a olhar fixamente para o mostrador, enquanto vasculhava a memória.

De súbito, soltou um gritinho.

— Já sei! Lembrei-me, assim, sem mais nem menos!

— O quê, senhora Rowen? — perguntou-lhe a Nancy, com toda a calma, para não afugentar a recordação.

— O bloco de notas! — exclamou a senhora, triunfante.

O coração da Nancy pulou dentro do peito, mas a jovem esforçou-se por manter a serenidade:

— Conte-me, por favor, o que sabe sobre esse tal bloco — pediu.

— Bom, um dia, pouco antes de nos deixar, o Josiah disse-me: «Abby, se, depois de eu morrer, o meu último testamento não for encontrado, podes descobrir onde está neste bloquinho.»

— E sabe o que é feito do bloco, senhora Rowen?

— Oh, valha-me Deus! Lá se foi outra vez a minha memória. Não, não sei.

Embora desconcertada, a Nancy sentia-se cada vez mais convicta de que o paradeiro do testamento estava de alguma forma ligado a um relógio qualquer.

«Mas porque é que as badaladas do relógio da lareira fizeram a senhora Rowen lembrar-se do bloco de notas?», matutou.

Num impulso, a Nancy levantou-se do lugar e aproximou-se da lareira. Agarrando no relógio, inspecionou a caixa do mostrador e a parte de trás. Não havia papéis escondidos lá dentro.

— Que é que aconteceu aos móveis do senhor Crowley quando ele deixou a casa dele? — perguntou, tornando a sentar-se.

— Os Tophams ficaram com quase tudo.

— Devia haver um relógio de família — matutou a Nancy, mais para dentro do que para fora.

— Um relógio de família? — repetiu a Abby. — Oh, sim, havia um relógio.

— Consegue descrevê-lo?

— Era um relógio de lareira normalíssimo, do género do meu... assim grande, com o mostrador quadrado — contou a senhora. — Só que o do Josiah era mais chique: tinha uma lua no topo.

— E onde está esse relógio? — inquiriu a Nancy.

— Provavelmente em casa dos Tophams.

Por fim, convencida de que já fizera pela Abby tudo o que estava ao seu alcance e de que reunira o máximo de informações possível naquele momento, a Nancy levantou-se para se ir embora. Depois de se despedir, passou numa casa próxima e perguntou aos vizinhos se não se importavam de olhar de vez em quando pela idosa convalescente.

— Talvez fosse boa ideia chamar uma enfermeira de apoio ao domicílio para ver a senhora Rowen — sugeriu.

— Eu telefono aos serviços — ofereceu-se a vizinha. — Entretanto, dou lá um salto. Lamento não ter sabido antes da situação da senhora Rowen.

No caminho de volta a River Heights, a Nancy repassou animadamente os novos factos do caso.

«Agora só preciso de localizar o bloco de notas do senhor Crowley... ou o relógio... ou as duas coisas.»

Mas como poderia ela descobrir o rasto do velho relógio?, matutou, de sobrolho franzido.

«Bom...», concluiu. «Se estiver mesmo em casa dos Tophams, não terei outra alternativa senão fazer-lhes uma visita!»

Embora não lhe agradasse a ideia de visitar uma família tão desagradável, estava determinada a seguir todas as pistas.

«Já estou a imaginar as caras da Isabel e da Ada quando lhes aparecer à porta», pensou, com um ponta de sarcasmo. «Tenho de inventar uma boa desculpa.»

La ainda a remoer o assunto, quando virou para o caminho de acesso à garagem e ouviu uma voz familiar a chamá-la.

— Ora viva, Helen Corning! — exclamou a Nancy, vendo aproximar-se uma antiga colega de escola, uma rapariga magra e bonita. — Há dias que não te ponho a vista em cima.

— Tenho andado ocupada a tentar vender seis bilhetes para um baile de beneficência — explicou a Helena. — Queres comprar dois?

De repente, acendeu-se uma luz na cabeça da Nancy.

— Que tal se eu te comprar dois e vender os restantes por ti? — propôs, empolgada.

A outra rapariga olhou para ela, pasmada:

— É uma oferta fantástica, mas...

Os olhos da Nancy dançavam de entusiasmo.

— Deves achar que perdi o juízo, mas garanto-te que estou a falar a sério. Deixa os bilhetes comigo, por favor! Por enquanto, não posso explicar-te mais nada... a não

ser que é por uma boa causa.

Apesar do espanto, a Helen entregou-lhe os bilhetes, aliviada.

— É uma grande ajuda que me dás — admitiu. — Assim posso viajar ainda esta noite para a colónia de férias da minha tia. Fica em Moon Lake. Achei que nunca mais ia conseguir sair daqui, com esses bilhetes por vender!

A Nancy sorriu.

— Diverte-te, Helen! — desejou.

— Porque é que não vens comigo? Não é caro e há lugar para muitas mais raparigas. Ia ser o máximo!

— Adoraria — respondeu a Nancy —, mas neste momento não posso ausentar-me.

— Talvez mais tarde — sugeriu a Helen. — Se puderes, aparece. Vou lá passar estas duas semanas antes de começarem as colónias de verão.

As duas amigas conversaram mais um bocadinho e depois despediram-se. A Nancy arrumou o carro na garagem e encaminhou-se devagar para casa, olhando pensativamente para os bilhetes do baile de beneficência que levava na mão.

«São o meu passaporte para entrar na fortaleza dos Tophams!»

Foi na tarde do dia seguinte que a Nancy se dirigiu ao pretensioso casarão dos Tophams. Preparando-se para o que esperava ser uma conversa complicada, subiu os degraus e tocou à campainha.

«Aqui vou eu», pensou. «Tenho de ser discreta na abordagem, para não levantar suspeitas.»

Nesse preciso momento, uma empregada abriu a porta e, com uma expressão condescendente, esperou que a Nancy anunciasse ao que ia.

— Não se importa de dizer à senhora Topham que está aqui a Nancy Drew? — pediu a jovem. — Vim vender bilhetes para um baile de beneficência. É um dos mais importantes acontecimentos do ano em River Heights — acrescentou, para impressionar.

Tinha a sensação de que a empregada demorara uma eternidade a voltar com a notícia de que a «Madame» aceitava recebê-la. Em seguida, conduziu-a à sala de estar, cuja excêntrica decoração deixou a jovem detetive embasbacada.

«Gastaram um dinheirão, mas é uma salganhada sem pés nem cabeça!», observou para si própria, sentando-se.

A Nancy observou de relance a tapete cor-de-rosa — que, na sua opinião, não condizia de modo nenhum com as cortinas vermelhas — e a mistura indiscriminada de móveis de época com mobiliário moderno. Os seus pensamentos foram interrompidos por uma voz altiva:

— Posso saber o que a traz aqui, Nancy? — A Sra. Topham entrara majestosamente na sala e sentara-se à sua frente.

— Estou a vender... — começou a jovem, num tom amistoso.

— Se veio impingir-me alguma coisa, digo-lhe já que não estou interessada — interrompeu-a rudemente a mulher. — Não posso dar dinheiro a todos os vigaristas que me aparecem aqui.

A Nancy engoliu a custo uma resposta torta ao comentário mordaz.

— Senhora Topham — volveu, com toda a calma —, talvez a sua empregada não

lhe tenha explicado bem. Eu ando a vender bilhetes para um baile de beneficência que será um dos eventos mais badalados do ano em River Heights.

— Ah! — Houve uma ligeira mudança na expressão da Sra. Topham.

A Nancy percebeu que tocara num ponto fraco. A mulher era sobejamente conhecida pelas suas aspirações a ser aceite na alta-roda de River Heights.

— Bom...

Para desilusão da Nancy, a resposta da anfitriã foi interrompida pela chegada da Ada e da Isabel. As duas irmãs entraram na sala, mas não deram logo pela presença da Nancy. Vinham a conversar, muito contrariadas com uma coisa qualquer.

— É inacreditável! — queixou-se a Isabel. — Tenho a certeza de que aquela mulher nos ignorou de propósito.

De súbito, ela e a irmã viram a Nancy e estacaram, lançando à visita um olhar gélido.

— Que é que *tu* fazes aqui? — perguntou a Isabel, com um ar condescendente.

A Sra. Topham respondeu à pergunta da filha:

— A Nancy veio vender bilhetes para um baile de beneficência. É um acontecimento muito importante e eu acho que seria *porvei*... proveitoso para nós estar presentes.

A Isabel abanou a cabeça, com desdém.

— Não desperdice dinheiro, mãe.

— A Isabel tem razão — apoiou a Ada. — Nós não frequentamos bailes onde qualquer um pode ir. Só vamos a eventos seletos.

— É isso mesmo — concordou a Isabel, no seu tom mais arrogante. — Sim, porque eu e a Ada somos muito exigentes a escolher as pessoas com quem nos relacionamos.

A Sra. Topham hesitou, nitidamente influenciada pelo argumento das filhas. A Nancy ficou com o coração apertado, temendo que a sua causa estivesse perdida. Sabia bem que a Ada e a Isabel se recusariam a ir ao baile só para a despeitar.

Estava ela a ponderar o que fazer a seguir, quando o Sr. Richard Topham entrou na sala. Era um homem magro, de cabelo ralo, meio grisalho, e modos nervosos. A Sra. Topham apresentou-lhe a Nancy, com indiferença.

— Calculo que disponha de vários bilhetes, menina Drew — disse o dono da casa, sem cerimónia. — Quantos?

— Quatro — respondeu a Nancy, algo surpreendida.

— Fico com todos. — O Sr. Topham abriu a carteira com um floreado e tirou uma nota de cem dólares. — Aqui tem. Guarde o troco para a instituição.

As filhas engoliram em seco e a mulher exclamou:

— Richard! Perdeste o juízo? É demasiado dinheiro!

— Oiçam — retorquiu, com aspereza, o Sr. Topham —, esta doação dá-nos direito a constar no programa como benfeitores.

Sem mais, afundou-se numa poltrona e mergulhou na secção de Economia do jornal. A mulher e as filhas trocaram olhares, mas sabiam que o assunto ficara encerrado. Jamais ousavam perturbá-lo quando ele estava absorto nos relatórios da bolsa de valores.

A Nancy levantou-se relutantemente. Ainda não conseguira saber o que pretendia,

mas não tinha mais desculpas para prolongar a visita. Como poderia descobrir alguma coisa sobre o relógio do Sr. Crowley? Seria aquele que estava por cima da lareira?

— Tenho de me ir embora — anunciou. Depois, olhou para o relógio de pulso e, fingindo que parara, começou a dar-lhe corda. — Podem dizer-me as horas, por favor?

— Há um relógio mesmo à tua frente, na lareira — disse-lhe a Ada, com rispidez.

A Nancy olhou para ele.

— Tens razão — observou, num tom casual. — É a famosa relíquia familiar do senhor Crowley?

A Sra. Topham olhou-a com desprezo.

— Claro que não. Este é bem mais valioso!

— Aquele relógio velho do primo Josiah era uma monstruosidade — acrescentou a Isabel, mordendo também o isco. — Nem no sótão o quisemos!

As esperanças da Nancy começaram a desvanecer-se.

— Então venderam-no? — perguntou muito depressa.

— Não — respondeu a Ada, desdenhosamente. — Quem é que ia pagar por um traste daqueles? Mandámo-lo para o nosso bangalô, em Moon Lake.

Moon Lake! As palavras atingiram a Nancy como um raio. Não só conseguira da Ada a informação que tanto queria, como, graças ao convite da Helen Corning, tinha a desculpa perfeita para visitar a estância. Agora só precisava de arranjar maneira de chegar ao relógio...

Parecendo ler os seus pensamentos, a Ada comentou com a maior das descontrações:

— Temos peças esplêndidas no bangalô, Nancy. Se algum dia fores para aqueles lados, passa por lá a vê-las. O zelador mostra-te a propriedade.

— Obrigada! Muito obrigada por tudo — agradeceu a Nancy, procurando disfarçar o entusiasmo.

Quando a porta se fechou atrás de si, sorriu e pensou para consigo:

«Que sorte! Moon Lake, aqui vou eu!»

X. SEGUINDO UMA PISTA

A Nancy regressou a casa jubilante.

«Sempre quero ver o que é que os Tophams vão achar do velho relógio do senhor Crowley, se lhes custar a herança que esperam receber.»

Nessa noite, durante o jantar, a Nancy mostrou-se particularmente animada. Decidira só revelar os seus emocionantes planos depois de a Hannah servir a sobremesa.

Mas o Sr. Drew pressentiu que se avizinhavam excelentes notícias:

— Minha querida — disse, pousando a mão no braço da filha —, pareces um gato que engoliu um canário. Qual é o grande furo?

A Nancy deu um risinho.

— Oh, pai, não consigo mesmo esconder-lhe nenhum segredo! — E, enquanto a mesa era levantada, a jovem detetive contou o tremendo golpe de sorte que tivera. — Ainda por cima, a Helen convidou-me para passar uns dias na colónia de férias das tias! Não é incrível?!

— Sem dúvida — comentou o pai, com um sorriso. — É da maneira que combinas trabalho com lazer. — Bem precisas de umas férias, e nada melhor do que nadar, andar de barco e divertires-te com as tuas amigas.

— Posso ir já amanhã de manhã? — perguntou-lhe a filha.

— Parece-me uma excelente ideia. A mudança de ares vai fazer-te lindamente. Vai à vontade.

A Nancy apressou-se a fazer a mala e partiu na manhã seguinte, bem cedo.

Moon Lake ficava a cerca de 80 quilómetros de distância. Um dos trajetos possíveis passava pela quinta das irmãs Hoover, e a Nancy decidiu fazer uma breve paragem. Ao aproximar-se da casa, a jovem detetive ouviu cantar. A voz vinha do celeiro.

«Que bonito!», pensou, encantada com os trinados e as escalas aflautadas da soprano.

Logo em seguida, a cantora apareceu junto dela, e a Nancy aplaudiu-a fervorosamente, em jeito de brincadeira. Os olhos da Allison até brilharam.

— Muito obrigada! Estava a tentar imitar algumas das grandes divas.

— Um dia, também serás uma grande diva — profetizou a Nancy.

— Só se arranjar dinheiro para pagar as aulas — respondeu a Allison. — Há novidades, Nancy?

— Mais ou menos. Fiz alguns progressos.

A Grace apareceu nesse momento e tratou logo de convidar a Nancy para ficar, mas a jovem detetive explicou-lhe que tinha trabalho pela frente.

— Espero dar-vos boas notícias em breve — acrescentou, despedindo-se com um aceno.

O rosto da Grace iluminou-se e a Allison declarou, animada:

— Então ainda há esperança. Somos umas sortudas por termos uma amiga como tu, Nancy! Volta depressa, sim? Por favor!

A Nancy retomou a viagem e não tardou a deixar a Marginal em direção a Moon Lake. Enquanto conduzia, os seus pensamentos rodopiavam incessantemente em torno das Hoovers e dos familiares do Sr. Crowley.

«A vida deles seria bem mais fácil se o Josiah Crowley não fosse tão misterioso!», suspirou.

As suas divagações foram interrompidas pelo estranho comportamento do carro, que começou a fugir-lhe insistentemente para a esquerda, por mais que ela tentasse mantê-lo no meio da estrada. A Nancy teve um mau pressentimento e parou para inspecionar a viatura. Tal como suspeitara, um dos pneus traseiros estava furado.

— Diabos! — murmurou. — Que azar!

Apesar de não ser uma das suas tarefas favoritas, a Nancy sabia muito bem mudar um pneu. Sem demoras, tirou o sobresselente da bagageira, localizou o macaco e a chave de rodas e deitou mãos ao trabalho. Quando terminou, estava cheia de calor e um tanto ofegante.

— Ufa! — exclamou, retomando a viagem. — Vou chegar a Moon Lake pronta para dar um mergulho refrescante!

Já passava do meio-dia quando a Nancy avistou a Colónia de Férias Avondale, gerida pela tia da Helen. Por entre árvores altas, conseguia vislumbrar tendas e cabanas. Mais além, o lago azul cintilava, resplandecente, sob a luz do sol.

Mal se aproximou do local, o carro foi rodeado por um grupo de raparigas. Logo em seguida, a Helen saiu a correr de uma das cabanas para receber a amiga.

— Meninas, esta é a Nancy Drew! — exclamou, alegremente, encarregando-se das apresentações.

A Nancy não conhecia nenhuma das campistas, mas a receção calorosa fê-la sentir-se em casa.

— Podes estacionar o carro atrás do refeitório — disse-lhe a Helen. — Depois vamos almoçar.

— Parece-me um ótimo plano — riu-se a Nancy. — Estou esganada de fome!

Antes de mais, a Helen acompanhou-a à casa principal, onde a Nancy conheceu a tia Marta, a diretora da colónia, e se registou.

— Ela pode ficar comigo? — pediu a Helen.

— Claro, minha querida. Espero que te divirtas, Nancy!

— De certeza que me vou divertir, tia Marta!

Quando deixaram o edifício, a Nancy contou à Helen que tinha vendido todos os bilhetes para o baile de beneficência ao senhor Topham e entregou o dinheiro à amiga.

— Foi, sem dúvida, muito generoso! — comentou a Helen, surpreendida. — Mas algo me diz que está mais interessado no prestígio social do que na causa — acrescentou, com um sorriso irónico.

A Nancy mal tivera tempo de guardar a mala debaixo da cama de lona e de se refrescar depois da longa viagem, quando soou a sineta para o almoço. De todas as direções, acorreram campistas ao refeitório. A comida era simples mas saborosa, e a Nancy comeu com prazer.

Terminada a refeição, viu-se arrastada de atividade em atividade. Primeiro, as raparigas insistiram que ela as acompanhasse numa caminhada, a que se seguiu um mergulho refrescante no lago. A Nancy divertiu-se à grande, mas nem assim o caso Crowley lhe saiu da cabeça.

«Tenho de descobrir onde é o bangalô dos Tophams», lembrou-se a si própria. «E arranjar maneira de ir lá sozinha.»

A oportunidade de cumprir a primeira parte da missão surgiu por volta das cinco da tarde, quando a Helen sugeriu:

— Que tal darmos uma volta de lancha? Ainda nos sobra tempo até ao jantar.

— Fantástico! — aceitou a Nancy, prontamente. — Já agora, do lago podemos ver muitos bangalôs de férias?

— Sim, bastantes.

A Helen levou a amiga até ao pequeno cais e, na companhia de outras quatro raparigas, subiram para a lancha da colónia, uma embarcação de tamanho médio.

Quando uma das campistas pôs o motor de proa a trabalhar, a Helen comentou:

— É sempre um alívio quando este motor pega. De vez em quando, deixa de funcionar e nunca sabemos quando nem onde.

— Sim — confirmou uma outra rapariga, chamada Barby. — E nesta altura do ano, quando se fica empancado, fica-se mesmo empancado. Ainda não há quase ninguém nos bangalôs, por isso os barcos dos proprietários continuam nos abrigos de inverno.

Logo que a pequena embarcação se fez ao lago, a Nancy ficou deslumbrada com a magnífica paisagem à sua volta. O delicado azul-celeste do céu e os suaves laivos dourados do entardecer refletiam-se na superfície reluzente da água.

«Que cena perfeita para uma pintura a óleo», pensou.

Mas à medida que avançavam, a Nancy ia deitando um olho às casinhas de madeira espalhadas por entre as enormes coníferas que bordejavam a margem.

— Os Tophams têm um bangalô na zona, não têm? — perguntou, como quem não quer a coisa.

— Sim, do outro lado do lago — respondeu a Helen. — Não tardamos a passar lá perto.

— Está lá alguém de momento?

— Não, o bangalô está fechado. Quem toma conta da casa é o Jeff Tucker, o zelador. É o homem mais alto e magro que já vi, sem ser no circo.

— É difícil lá chegar?

— De lancha, não. Mas pela estrada que contorna o lago fica bastante longe. — A Helen olhou para a amiga. — Não te sabia tão interessada nos Tophams, Nancy.

— Não sou amiga deles, como muito bem sabes — disse a Nancy, muito depressa. — É pura curiosidade.

Quando, passado um bocado, a lancha abrandou e prosseguiu junto à margem, a Helen apontou para um caminho largo que penetrava no bosque. No final, via-se um

grande bangalô, branco e pouco harmonioso.

— Aquele é o bangalô dos Tophams — informou a Helen.

Procurando disfarçar a ansiedade, a Nancy estudou atentamente a construção e fixou a localização.

«Amanhã vou lá e tento resolver o mistério de uma vez por todas!», pensou com os seus botões.

XI. UMA AVENTURA INESPERADA

Na manhã seguinte, a Nancy acordou envolta no aroma perfumado dos pinheiros. Desejosa de se pôr a caminho do bangalô dos Tophams, apressou-se a vestir-se.

Mas nos seus planos não contara com a Helen Corning e as amigas. Mal acabou o pequeno-almoço, as campistas arrastaram-na para mais uma roda-viva de atividades, e assim se passou o dia inteiro sem que ela tivesse oportunidade de se escapulir.

— Oh, Helen! — lamuriou-se a Nancy, ao cair na cama nessa noite. — Partidas de ténis, corridas de canoa, natação, esqui aquático... foi divertidíssimo, mas amanhã acho que vou tirar o dia de folga.

A Helen riu-se de satisfação.

— Aposto que, depois de uma noite bem dormida, mudas de ideias. Espera para ver.

Como resposta, a Nancy limitou-se a murmurar uma boa-noite sonolenta. Mas, mesmo antes de adormecer, jurou a si mesma que ninguém a impediria de visitar a casa de férias dos Tophams no dia seguinte!

De manhã, depois do pequeno-almoço, a Nancy manteve-se inabalável na sua resolução. Quando a Helen tentou convencê-la a acompanhá-las numa caminhada que duraria o dia inteiro, a Nancy abanou a cabeça:

— Obrigada pelo convite, mas hoje preferia mesmo não ir.

Em condições normais, a Nancy teria adorado fazer a caminhada, mas precisava de pôr em prática o seu plano de investigação. Apesar de desapontada, a Helen atendeu ao pedido da amiga e lá marchou para o bosque com as restantes campistas.

Assim que o grupo desapareceu de vista, a Nancy entrou em ação. Depois de pedir autorização à tia Martha para usar a lancha, encaminhou-se rapidamente para o pequeno cais. Estava habituada a pilotar barcos a motor e confiava que aquele não fosse muito diferente.

«Agora, para o bangalô dos Tophams a todo o gás!»

Para sua alegria, o motor pegou à primeira, e a Nancy conduziu a lancha lago adentro, sentindo no rosto os borrifos de água fresca. Um arrepio de emoção percorreu-lhe a espinha, enquanto seguia ao leme da embarcação rumo a um destino que poderia encerrar a solução do mistério.

«Oxalá o zelador dos Tophams me deixe entrar quando lá chegar!», pensou.

O coração da Nancy batia cada vez mais depressa, à medida que se aproximava do seu destino. De súbito, o motor engasgou-se. Logo em seguida, soltou um resfôlego arrastado e, para desespero da Nancy, parou.

— Oh, não! — gritou ela.

A Nancy sabia que o depósito de combustível estava cheio, porque tivera o cuidado de o verificar antes de partir. Foi quando se lembrou do que a Helen dissera acerca das «manias» do motor.

Com um suspiro de impaciência pelo inesperado atraso, a Nancy examinou as engrenagens. Passou uma hora a tentar resolver o problema, experimentando todas as afinações que lhe ocorriam, mas o esforço foi em vão: o motor não tugia nem mugia!

— Que grande azar! — lamuriou-se. — Esta porcaria tinha de avariar logo hoje! Parece que ainda não é desta que vou ao bangalô dos Tophams!

Por instantes, a Nancy contemplou a hipótese de nadar até à margem. Era muito frustrante estar tão perto do bangalô e não conseguir lá chegar. Mas resistiu ao impulso; não podia deixar o barco à deriva — a corrente haveria de o arrastar, e a responsabilidade seria sua.

«Resta-me esperar pela ajuda de algum barco», decidiu.

Mas a sorte não estava do seu lado. As horas iam passando e não havia nenhuma embarcação à vista. A Nancy começava a ficar desconfortável sob aquele sol abrasador e enfraquecida pela fome.

«E o pior de tudo», pensou melancolicamente, «é ter desperdiçado mais um dia inteiro. Queria tanto resolver este mistério!»

Para ocupar a mente, dedicou-se uma vez mais à mecânica e debruçou-se sobre o motor, cheia de determinação. Já o sol se punha no horizonte quando tornou a sentar-se, com um longo suspiro.

«Pronto! Fiz tudo o que podia. Se não funcionar agora, não vai funcionar nunca!»

A Nancy mal podia acreditar quando ouviu o motor ronronar como se nada tivesse acontecido. Sem mais demoras, voltou para o acampamento, não se atrevendo a arriscar uma visita ao bangalô com a noite à espreita.

Quando, enfim, atracou no cais, a Helen e as amigas estavam à sua espera e fizeram-lhe uma grande recepção.

— Íamos mandar uma esquipa de busca e salvamento atrás de ti! — exclamou a Helen. — Oh, coitada, estás com um escaldão e toda suja de óleo! Que é que te aconteceu?

A Nancy riu-se.

— Apanhei um banho de sol extralongo.

E, a caminho das cabanas, contou-lhes com boa-disposição o seu infortúnio. Quando soube que a amiga não comia nada desde o pequeno-almoço, a Helen foi num instante à cozinha buscar-lhe comida.

Na manhã seguinte, a Nancy repensou o seu plano e, logo a seguir ao pequeno-almoço, começou a fazer a mala.

— Nancy! — exclamou a Helen, ao entrar na cabana. — Não me digas que te vais já embora!

— Infelizmente, preciso de ir, Helen. Assim que acabar de almoçar. Talvez ainda consiga voltar, mas não tenho a certeza, por isso é melhor levar a mala comigo.

— Não gostas de estar aqui?

— Claro que gosto! — garantiu a Nancy. — Diverti-me imenso até agora. Mas tenho de fazer uma coisa muito importante, quanto antes.

A Helen estudou a amiga com curiosidade e abriu um sorriso travesso:

— Nancy Drew, aposto que andas a investigar um mistério qualquer com o teu pai!

— Bom... mais ou menos — admitiu a Nancy. — Mas vou tentar voltar. Combinado?

— Sim, por favor! — implorou a Helen.

A Nancy passou no escritório para pagar a estadia e explicar à tia Marta o motivo daquela partida precipitada. A seguir ao almoço, deixou a colónia de férias, ao som de um coro de adeuses das campistas, que a viram partir, cheias de pena.

Chegando ao extremo do lago, a Nancy enveredou pela estrada de terra batida que levava ao bangalô dos Tophams. Mas, pouco depois, deparou-se com uma bifurcação no bosque.

«E agora? Para que lado será?», perguntou-se.

Após um momento de hesitação, concluiu que devia virar à esquerda, em direção à água, e assim fez.

O percurso era bastante acidentado, à conta dos regos deixados pelas rodas dos carros na estrada. Dois deles, os mais profundos, pareciam ter sido feitos por um veículo pesado.

«E diria que são recentes», matutou a Nancy.

Pelo caminho, a jovem detetive foi reparando nos vários bangalôs por que passava. Na sua maioria, ainda estavam fechados, visto que a época de veraneio mal tinha começado. Enquanto observava um deles, quase perdeu o controlo do carro por culpa de um sulco sinuoso. Ao virar o volante para voltar ao meio da pequena estrada, a mão da Nancy tocou acidentalmente na buzina. O som ecoou, estridente, na quietude do bosque.

«Devo ter afugentado todos os pássaros e os outros animais das redondezas!», riu-se.

Logo após uma curva, a Nancy avistou mais adiante, no lado direito da estrada, um bangalô branco. Junto ao caminho de acesso não havia nenhuma placa com o nome dos proprietários, mas o trilho arborizado que descia até à água assemelhava-se muito ao que ela vira do lago.

«Acho que vou até à margem para observar o bangalô daquela perspetiva», decidiu. «Assim saberei com certeza se é o mesmo que a Helen me indicou.»

A Nancy estacionou na berma e saiu do carro. Para seu espanto, verificou que os rastros do tal veículo pesado viravam para o caminho de acesso à casa. Um segundo conjunto de marcas de pneus indicava que a viatura fizera marcha-atrás e continuara em frente.

«Deve andar a entregar mantimentos para o verão», deduziu.

Desceu então pelo trilho até à margem e voltou-se para estudar o bangalô.

«É, sem dúvida, o dos Tophams», concluiu.

Em vez de fazer o percurso no sentido inverso, a Nancy decidiu ir a corta-mato pelo bosque. Ao alcançar a estrada, subiu o caminho de acesso ao bangalô, progressivamente mais empolgada com a perspetiva de resolver o mistério.

«Espero encontrar o zelador», pensou.

Nisto, estacou, atónita.

«Os Tophams devem estar a mudar-se!»

As portas da frente e lateral da casa estavam escancaradas. Algumas das peças de mobiliário do alpendre tinham sido deitadas ao chão e havia pequenos objetos espalhados ao longo do caminho.

A Nancy baixou-se para analisar melhor as marcas na terra mole. Reparou que muitas eram pegadas de botas; outras, longos rastros, provavelmente deixados por caixotes e móveis a serem arrastados.

«As marcas de pneus que eu vi deviam ser de uma carrinha de mudanças», deduziu. «Mas os Tophams não falaram em desfazer-se do bangalô...» A Nancy franziu o sobrolho, perplexa.

E a sua perplexidade não só persistiu como aumentou, quando subiu os degraus do alpendre. A Nancy bateu com força na porta aberta. Ninguém respondeu. Tornou a bater. Silêncio.

Onde raio se enfiara o Jeff Tucker, o zelador? Porque não estaria ali, a supervisionar as mudanças? Pairava sobre a propriedade uma atmosfera de total abandono.

«Algo de muito estranho se passa aqui», pensou a Nancy.

Curiosa e intrigada, entrou na sala de estar. Lá dentro, o cenário não era diferente. À exceção de umas poucas miudezas, a divisão estava despida. Até os cortinados tinham sido arrancados dos varões e não havia um único tapete no chão.

«Mmm... já levaram quase tudo», matutou a Nancy. «Calculo que os homens das mudanças ainda voltem para vir buscar o pouco que resta.»

A Nancy revistou com toda a cautela o rés do chão. As divisões estavam praticamente vazias, exceto uma. Tratava-se de um pequeno escritório. Mal entrou, a Nancy reparou que o tapete já fora enrolado e atado e que parte da mobília se encontrava arredada, pronta para o transporte.

«Curioso... não ouvi nenhum rumor de que os Tophams planeassem vender a casa de férias», pensou com os seus botões. «E devo dizer que estes carregadores são muito descuidados...»

A vaga suspeita que fora, a pouco e pouco, tomando forma na sua mente tornou-se subitamente cristalina como água:

— Talvez aqueles homens não sejam carregadores! — exclamou. — Talvez sejam ladrões!

No mesmo instante, veio-lhe à memória a carrinha cinzento-escura que estivera em casa das Turners.

«Aqueles homens podem muito bem ser os mesmos que as roubaram! Isso explicaria a partida apressada da carrinha. Eles devem ter-se assustado com a minha buzina dela!»

A Nancy olhou em volta, inquieta. E se os homens continuassem nas redondezas, à espera de uma oportunidade para irem buscar o resto das coisas? De repente, deu-se conta de que estava sozinha, a uma distância considerável da casa mais próxima, e sentiu um calafrio.

Mas afastou, decidida, o nervosismo:

«Tenho pelo menos de confirmar se o relógio do senhor Crowley ainda está aqui», insistiu consigo própria, voltando a passar o bangalô a pente fino.

Infelizmente, não o descobriu em parte alguma.

«Os ladrões também o devem ter levado», deduziu. «É melhor participar o roubo à polícia, quanto antes.» Procurou um telefone, mas não havia nenhum. «Bom, vou ter de ir até à esquadra da Polícia Estadual mais próxima.»

E encaminhou-se para a porta da frente, mas, ao passar diante de uma janela, ficou petrificada de medo. Um homem com um boné puxado sobre os olhos aproximava-se furtivamente da casa. E não era alto e magro como o zelador, antes pelo contrário: o estranho era bastante baixo e entroncado.

«Este homem corresponde à descrição das Turners! Só pode ser um dos ladrões que lhes roubaram as pratas!», concluiu a Nancy, alvoroçada.

XII. UMA SITUAÇÃO DESESPERADA

Por instantes, a Nancy ficou pregada ao chão, certa de que o homem que se aproximava do bangalô dos Tophams era um dos ladrões. Mas não hesitou por muito tempo. Logo em seguida, deu meia-volta e regressou a correr ao pequeno escritório.

Tarde se deu conta de que estava encurralada, porque só havia uma porta na divisão. Ainda tentou voltar à sala, mas ao fim de meia dúzia de passos percebeu que não conseguia sair por ali. O homem já chegara aos degraus da entrada.

«E escuso de tentar conversar com ele», pensou. «É melhor esconder-me. E quando ele se for embora, sigo-o de carro e vou participar à polícia!»

A jovem detetive procurou freneticamente em volta por um esconderijo. Só havia um sítio que se prestava a isso — uma pequena arrecadação —, e a Nancy enfiou-se lá dentro, às pressas.

Foi por uma unha negra! Mal acabara de fechar a porta quando ouviu passos pesados no corredor. Espreitando por uma fresta minúscula, viu o sujeito corpulento entrar no escritório. O seu rosto tinha uma expressão cruel.

No momento em que ele se virou na direção da arrecadação, a Nancy quase deixou de respirar, com medo de ser descoberta. Mas o homem não parecia ter notado nada de errado, porque olhava para a porta casualmente.

De qualquer maneira, aquele esconderijo era tudo menos confortável. Além de escuro e bafiento, havia um monte de roupas velhas penduradas em pregos. Quando o pó lhe chegou às narinas, a Nancy viu-se obrigada a levar o lenço à cara, muito depressa:

«Se espirrar, sou apanhada, de certeza», disse para consigo.

Decidiu então explorar o compartimento e começou a tatear em redor, quase cortando a mão num prego aguçado. Às tantas, sentiu algo macio numa prateleira e imaginou que fosse um gato a dormir, por isso retraiu a mão. Mas depois voltou a tocar-lhe, com mais cautela.

«É só um velho gorro de pelo», concluiu, enojada. «Ai, ai! É desta que vou espirrar!»

Desesperada, tapou a boca e o nariz com toda a força e esperou. Por sorte, o espirro lá recuou, e ela pôde voltar a respirar à vontade.

Quando se atreveu a espreitar de novo pela fresta, descobriu que havia outros dois homens com mau aspeto na divisão: um baixo e encorpado, o segundo mais alto. A Nancy tinha a certeza de que nenhum deles era o zelador, uma vez que a Helen dissera tratar-se de um homem magro.

O sujeito corpulento que chegara primeiro devia ser o chefe, porque começou a dar ordens.

— Despachem-se! — resmungou. — Não temos o dia todo, a não ser que queiram ser apanhados. A rapariga que tu viste, Jake, pode voltar da margem a qualquer momento. E se decidir bisbilhotar...

O tal Jake franziu o sobrolho:

— Que é que te deu, Sid? Estás a ficar cobardolas? Se a rapariga aparecer, pregamos-lhe uma peta qualquer e pomo-la a andar.

— Deixa-te de lérias — respondeu o Sid. — Pega é naquela mesa com o Parky e levem-na daqui.

A Nancy já não tinha qualquer dúvida de que estava encurralada por uma quadrilha de ladrões astutos! E a única coisa que ela podia fazer era ficar de atalaia no seu esconderijo, de olhos e ouvidos bem abertos.

Os dois homens levantaram a pesada peça de mobiliário e dirigiram-se para a porta. Mas não foram suficientemente rápidos para o gosto do chefe, que os destratou forte e feio.

— Se tens assim tanta pressa — ripostou o Jake —, porque é que não trazes outra vez a carrinha para o caminho de acesso, em vez de a deixares escondida no bosque?

— Queres que alguém passe de carro e nos veja, é? — troçou o chefe. — Toca é a despachar!

A pouco e pouco, os homens foram tirando do escritório tudo o que havia de valor. A Nancy não teve nenhuma oportunidade de fugir. O Sid não arredou pé da divisão, enquanto os outros iam e vinham da carrinha.

— Bom, acho que já levámos tudo o que interessa — disse, por fim, o chefe da quadrilha.

Antes de sair atrás dos companheiros, deteve-se na soleira da porta para inspecionar uma última vez a divisão.

Nesse preciso momento, a Nancy sentiu uma vontade incontrolável de espirrar. Ainda tentou abafar o som, mas foi em vão.

— Ei! — exclamou o ladrão, dando meia-volta. — Que é que...

Foi direito à arrecadação e abriu de rompante a porta. Ao deparar-se com a Nancy, arrastou-a para fora, enfurecido.

— Com que então, andas a espiar-nos? — vociferou.

A Nancy encarou-o com uma expressão desafiadora.

— Eu não estava a espiar ninguém!

— Então o que é que fazias ali dentro? — exigiu saber o malfeitor, semicerrando os olhos.

— Vim à procura do zelador.

— Que raio de sítio para o procurares, não te parece? — zombou o homem.

A Nancy apercebeu-se de que estava numa situação delicada, mas fez-se de forte para não deixar transparecer o medo que sentia.

«Tenho de manter a calma», ordenou a si própria.

— É que ouvi passos e fiquei um bocadinho nervosa — explicou, num tom tranquilo.

— Pois bem, agora vais ficar *muito* nervosa — ameaçou o homem. — É a última

vez que metes o nariz onde não és chamada!

Uma nova onda de medo percorreu a Nancy, mas a jovem detetive agarrou-se com unhas e dentes à sua coragem.

— Vocês não têm o direito de vir aqui roubar as mobílias dos Tophams — retorquiu. — Deviam ser denunciados à polícia.

— Não terás oportunidade para isso. — O chefe da quadrilha soltou uma gargalhada. — Hás de desejar nunca ter posto aqui os pés. Dar-te-ei o mesmo tratamento que recebeu o zelador.

— O zelador? — A Nancy engoliu em seco, horrorizada. — O que é que lhe fez?

— Não tardarás a descobrir.

De repente, a Nancy contorceu-se agilmente, libertou-se do homem e correu disparada para a porta. O ladrão soltou um berro raivoso e alcançou-a de um pulo, agarrando-a, com brusquidão, pelo braço.

— Achas que és esperta, hein? — grunhiu. — Pois eu sou mais esperto do que tu!

A Nancy debateu-se para se libertar. Esperneou, esbracejou, esgatanhou. Mas estava indefesa nas poderosas mãos do malfeitor.

— Largue-me! — gritou, debatendo-se ainda mais. — Largue-me!

Ignorando os apelos, o Sid arrastou-a pela divisão e, abrindo a porta da arrecadação, atirou-a lá para dentro.

A Nancy ouviu a chave rodar na fechadura.

— Agora podes espiar à vontadinha! — escarneceu o Sid. — E, para garantir que não saís, vou levar esta chave comigo.

Quando deixou de escutar os passos pesados das botas do Sid, a Nancy teve a certeza de que ele abandonara a casa e, por instantes, sentiu-se profundamente aliviada.

Mas, logo em seguida, o coração quase lhe saltou do peito. Ao ouvir ao longe o motor da carrinha, ocorreu-lhe um pensamento aterrador:

«Eles deixaram-me aqui para... para morrer à fome!», concluiu, aflita.

XIII. UMA ESPERA FRUSTRANTE

A princípio, a Nancy estava demasiado assustada para raciocinar e desatou aos murros na porta, mas os pesados painéis de carvalho não cederam nem um milímetro.

— Socorro! Socorro! — gritou.

Por fim, deixou-se cair no chão, exausta do esforço. Na casa reinava um silêncio sepulcral. Mesmo estando naquela situação aflitiva, a Nancy sentia-se agradecida por ter ar suficiente para respirar dentro daquele cubículo.

Embora sem grandes esperanças de que houvesse alguém nas redondezas, a Nancy pôs-se de pé e tornou a pedir socorro, a plenos pulmões. Os gritos ecoaram pela casa deserta, parecendo zombar do seu infortúnio.

«Oh, porque é que não tive o bom senso de dizer à Helen onde vinha?», recriminou-se, desolada. «Jamais lhes ocorrerá procurar-me aqui.»

E pior se sentiu quando se lembrou de que o pai estava a contar que ela ficasse em Moon Lake *uma semana*! Certamente não daria pela sua falta até ser tarde demais.

«Talvez alguém encontre o meu carro na berma da estrada», ponderou. «Mas é pouco provável. Quase ninguém passa por aqui nesta altura do ano.»

A Nancy perguntou-se o que seria feito do Jeff Tucker e estremeceu. O Sid, o bandido-mor, dera a entender que o zelador tivera o mesmo destino que ela. Se, de facto, estava encarcerado algures, não valia a pena contar com a sua ajuda.

«E com o avanço que aqueles ladrões levam, mesmo que eu consiga sair daqui, já ninguém os apanha!»

Quando tomou consciência do tamanho do sarilho em que se encontrava, o pânico tornou a apoderar-se dela. Numa tentativa desesperada de arrombar a porta, lançou-se contra os painéis de madeira, uma e outra vez, e esmurrou-os até os nós dos dedos sangrarem. Cansada, deixou-se cair de novo no chão para recuperar o fôlego e forçou-se a raciocinar com calma:

«Assim só estou a desperdiçar as minhas forças. Preciso de usar a cabeça.»

A Nancy lembrou-se então de que havia quem conseguisse abrir fechaduras com um arame. Tirou um gancho do cabelo, abriu-o e experimentou destrancar a porta. Mas, naquela escuridão, não via um palmo adiante do nariz e não estava a fazer quaisquer progressos. Ao fim de 15 minutos, desistiu.

«É escusado», concluiu, desgostosa. «Acho que... que vou ficar aqui para sempre!»

Vieram-lhe então à memória o pai, a Hannah Gruen, a Helen Corning e tantos outros amigos queridos. Tornaria a vê-los algum dia? O desalento começou a tomar

conta dela e levou-a à beira das lágrimas.

«Assim não chego a lado nenhum!», recriminou-se. «Tenho de manter a cabeça fria e arranjar maneira de escapar daqui!»

A prisioneira decidiu vasculhar a arrecadação na esperança de encontrar alguma ferramenta que a ajudasse a arrombar a fechadura. Remexeu com minúcia os bolsos de todas as peças de vestuário que pendiam dos ganchos e tateou cada centímetro do chão.

Mas não encontrou nada de útil e a nuvem de pó que levantou dificultava-lhe agora a respiração. Por aquela altura, o calor dentro do cubículo tornara-se insuportável. A Nancy sonhava com o ar puro e as águas frescas do lago que estavam fora do seu alcance.

Eis senão quando, a sua mão tocou num objeto duro. Investigando rapidamente com os dedos, a Nancy descobriu um varão de madeira, suspenso bem acima da sua cabeça. Estava preso às paredes laterais da arrecadação e atravessava-a de um lado ao outro. Devia ter servido, em tempos, para pendurar cabides.

«Talvez consiga usá-lo para partir um dos painéis da porta», matutou, esperançada. «Parece bastante forte e é do tamanho certo.»

A Nancy puxou o varão com quanta força tinha. Como não surtiu efeito, pendurou-se nele e baloiçou-se para a frente e para trás. Por fim, ouviu o gesso estalar e um dos lados cedeu. Com um último puxão, o varão soltou-se por inteiro.

Infelizmente, a Nancy depressa percebeu que era demasiado comprido para servir de aríete num espaço tão exíguo. Mas, depois de o examinar melhor, descobriu que tinha as extremidades afiadas.

«Posso usá-lo como pé de cabra», matutou, esperançada.

A jovem detetive enfiou uma das pontas no intervalo entre as dobradiças e a porta e projetou contra o varão todo o seu peso. A princípio, a porta não cedeu um milímetro sequer.

— Aquele velho cientista grego, Arquimedes, não sabia o que dizia quando afirmou que o mundo podia ser levantado com uma alavanca — murmurou a Nancy. — Queria vê-lo mover esta porta!

Mas, ao pressionar o varão uma segunda vez, reparou que as dobradiças começavam a dar de si. Encorajada, a Nancy empurrou a «alavanca» com toda a força.

— Está a ceder! — gritou.

E voltou à carga. Uma das dobradiças saltou do encaixe e a porta descaiu. Agora já era mais fácil inserir a extremidade do varão, e a Nancy apercebeu-se de que não tardaria a abrir a porta. Com forças renovadas, prosseguiu os seus esforços.

Mas, no momento em que a segunda dobradiça cedeu, a Nancy foi surpreendida pelo som de passos. Nisto, alguém entrou a correr no escritório e lançou-se pesadamente contra a porta da arrecadação.

A Nancy ficou momentaneamente atordoada. Teria um dos ladrões ouvido o barulho que ela fizera e voltado para garantir que a prisioneira não escapava? Não, não fazia sentido. Por certo, os três homens estariam mais interessados em fugir dali quanto antes. Quem seria então o recém-chegado? Um dos Tophams?

— Com que então, ficaste aí trancado, seu larápio desgraçado! — disse uma voz

masculina, indignada. — É p'aprenderes a não te meter com o velho Jeff Tucker! Tão cedo não hás de surripiar nada a ninguém! 'Tás cercado!

O zelador! A Nancy soltou um longo suspiro de alívio.

— Deixe-me sair! — implorou. — Eu não sou um dos ladrões! Se me libertar, explico-lhe tudo!

Fez-se silêncio. Por fim, a voz do outro lado da porta disse, desconfiada:

— 'Tás a querer passar-m'a perna, fazendo voz de mulher? Olha que não te vai servir de nada! Ai, pois não! Ninguém engana o velho Jeff Tucker duas vezes!

A Nancy decidiu desfazer todas as dúvidas do senhor, soltando um agudo e longo grito.

— Pronto, *pronto*, 'nha senhora. Eu acredito em si! Nenhum homem era capaz de fazer tamanho escarcéu. Eu ajudo-a a sair!

A Nancy aguardou, expectante. Mas a porta não abriu.

— Ora essa! — Ouviu dizer, para seu desconsolo. — A chave desapareceu e eu não sei onde pus as minhas. Nos bolsos não estão.

A Nancy gemeu.

— Oh, senhor Tucker, tem de as encontrar! Já procurou em todas as algibeiras? Tire-me daqui depressa, por favor!

— Um momento, 'nha senhora — procurou acalmá-la o zelador. — Vou ver outra vez.

A Nancy começava a achar que seria obrigada a arrombar na mesma a porta, quando o Jeff Tucker exclamou:

— Encontrei! A senhora tinha razão: 'tavam enfiadas no bolso de trás. Elas...

— *Por favor*, abra-me a porta! — interrompeu a Nancy, desesperada.

Ouviu então a chave a rodar na fechadura e o estalido do ferrolho. Satisfeita, empurrou a porta e saiu da arrecadação. A princípio, a luz forte do sol ofuscou-a. Quando os seus olhos se habituaram à luminosidade do escritório, viu um homem idoso, muito alto e magro, vestido com uma camisa azul e jardineiras, que a observava, num misto de preocupação e surpresa.

— Sou a Nancy Drew, senhor Tucker — apressou-se a explicar a jovem. — Andava à sua procura quando aqueles ladrões horríveis apareceram e me trancaram ali dentro. — Fez uma pausa e observou o zelador. — Alegro-me que esteja tudo bem consigo. O chefe da quadrilha disse-me que também o tinham prendido — acrescentou, pedindo ao senhor que lhe contasse os pormenores.

— Aqueles patifes fizeram-me de tolo, menina Drew — começou o Jeff Tucker, algo embaraçado. — Chegaram-me aqui numa carrinha de mudanças e disseram-me c'andava gente metida na propriedade. Eu acreditei neles e fui ver o que se passava — confessou, com um suspiro. — Um dos bandidos aproveitou para descer comigo até ao lago e depois enfiou-me num barracão. Só consegui sair agora. — Abanou a cabeça. — E, enquanto isso, eles limparam a casa. Tenho pra mim que os patrões vão correr comigo.

Conhecendo os Tophams, a Nancy estava inclinada a concordar, mas evitou dizê-lo.

— Não se preocupe, senhor Tucker. Vamos dar imediatamente parte do roubo à polícia. Talvez apanhem os ladrões antes de eles despacharem a mobília roubada.

O zelador pareceu ficar mais aliviado.

— Eu consigo descrever aqueles patifes direitinho. Jamais esquecerei aquelas fronhas!

— Ótimo — respondeu a Nancy. De repente, lembrou-se: — Antes de irmos, senhor Tucker, sabe dizer-me se havia algum relógio antigo na casa? Um relógio de lareira grande, com o mostrador quadrado?

O zelador semicerrou os olhos azuis.

— Relógio de lareira? Mm... Ah, sim! Havia, sim, senhora! — exclamou, apontando para a lareira da sala de estar. — ‘Tava tão habituado a vê-lo ali, que não se me ocorreu logo. Nem sei com’ê que levaram aquilo. Nunca pensei que valesse um tostão furado. Os Tophams nem se preocupavam em dar-lhe corda.

O coração da Nancy disparou. Agora que confirmara o roubo do relógio, desejava mais do que nunca que os ladrões fossem capturados! Tratou, por isso, de apressar o senhor Tucker.

— Onde fica a esquadra da Polícia Estadual mais próxima? — perguntou-lhe enquanto entravam no carro.

— Só em Melborne, menina Drew.

— Então, temos de ir depressa!

E conduziu até à estrada principal o mais rápido que lhe era possível. Será que ia conseguir intercetar os ladrões e recuperar o velho relógio do Sr. Crowley para descobrir o que ele escondia?

XIV. UMA PERSEGUIÇÃO TENSA

— Para que lado fica Melborne? — perguntou a Nancy ao zelador, quando chegaram à estrada principal.

— Para lá — apontou o senhor.

— Foi nessa direção que os ladrões seguiram — comentou a Nancy, reparando nas marcas de pneus que indicavam o local onde a carrinha saíra para a estrada. — Mas a esta hora — acrescentou, olhando para o relógio do painel de instrumentos — já devem estar demasiado longe para os alcançarmos.

— Sim, os malditos! — murmurou o Jeff.

A Nancy guiou para Melborne à velocidade máxima permitida por lei. Durante o trajeto, o Jeff Tucker não parou de olhar de um lado para o outro da estrada.

— Não m'admirava nada que aqueles patifes tivessem o topete de parar para fazer contas ao saque — explicou. — Por isso, vou ficar bem alerta.

Apesar da gravidade da situação, a Nancy sorriu:

— Quem sabe — respondeu. — Mas duvido que fossem assim tão descuidados.

— Não digo que parassem à vista de todos. Podem ter saído para uma estrada secundária e procurado abrigo numa dessas casas de férias fechadas.

— Então vamos manter-nos atentos a marcas de pneus nas estradas de terra batida que surjam ao longo do caminho — respondeu a jovem detetive.

O Jeff ia tão concentrado na sua tarefa, que nem se lembrou de perguntar à Nancy porque tinha ido ao bangalô dos Tophams à procura dele.

— Aqueles malditos... — disse, já nos arrabaldes de Melborne. — Sempre gostava de saber para onde foram.

A Nancy não respondeu até chegarem a um cruzamento:

— Viraram para norte, nesta estradinha secundária. Ainda falta muito para Melborne?

— Pouco mais de um quilómetro.

Quando entraram na pequena cidade, a Nancy perguntou ao seu companheiro de viagem:

— Como é que se vai para a esquadra da Polícia Estadual?

— Desce a Avenida Central até à Rua Maple e vira à esquerda. É logo a seguir.

Daí a nada, a Nancy estacionou junto à esquadra e saltou do carro. O Jeff Tucker seguiu na esteira dela para o interior do edifício.

— Quero participar um roubo — comunicou a jovem ao sargento de serviço, depois de se apresentar.

Apanhado de surpresa, o guarda ficou a olhar para ela, espantado.

— A menina foi assaltada? — perguntou. — Na *nossa* cidade?

— Não, não! — exclamou a Nancy.

E fez um relato rápido mas minucioso do que acontecera no bangalô dos Tophams. O zelador deu também o seu testemunho.

O sargento não precisou de ouvir mais nada. Chamou imediatamente quatro homens e distribuiu ordens.

— Muito bem — disse, dirigindo-se à Nancy. — Faz ideia de que estrada os ladrões tomaram?

— Sim, senhor sargento. Quando passámos naquele cruzamento à entrada da cidade, reparei que o rasto dos pneus da carrinha seguia para norte, pela estrada de terra batida. Terei todo o gosto em indicar-lhe o caminho.

— Ótimo! Pode ir à frente. Deixe-me só emitir o alerta.

— Depressa! — implorou a Nancy, encaminhando-se para a saída. — Aqueles bandidos levam pelo menos uma hora de avanço!

O Jeff Tucker foi aconselhado a regressar a casa, por isso telefonou ao filho a pedir-lhe boleia.

— Boa sorte! — desejou, enquanto os outros se afastavam. — Ainda não sei como hei de dar a notícia aos Tophams.

A Nancy estava com pena do zelador, mas vibrou de entusiasmo ao subir a avenida, com o carro-patrolha no seu encalço.

Depois de deixarem a cidade, a Nancy virou na direção em que acreditava que os ladrões tinham seguido. Os dois carros aceleraram estrada afora até que o cortejo se deparou inesperadamente com uma bifurcação. Ambos os ramais eram pavimentados e não se viam marcas de pneus. A Nancy parou. O carro-patrolha parou ao seu lado.

— Que é que se passa? — perguntou o oficial responsável, de seu nome Elton.

— Não sei para que lado ir.

Os polícias apearam-se da viatura e examinaram a estrada. O sargento Elton comentou que, mesmo que a carrinha de mudanças tivesse passado por ali, as marcas dos pneus já não se distinguiam sob os rodados de outros veículos. Era impossível saber em que direção tinham seguido os bandidos.

— A partir daqui, a única coisa que podemos fazer é tentar adivinhar — disse à Nancy.

— Nesse caso — respondeu a jovem —, o meu palpite é de que eles viraram para a esquerda — Apontando para a tabuleta que dizia: *Garwin, 80 km*, perguntou: — Garwin é uma cidade relativamente grande, certo?

— Sim.

— Talvez os ladrões tenham ido até lá para venderem o mobiliário roubado.

O guarda acenou com a cabeça, em sinal de concordância.

— Parece-me razoável — disse. — Mas nós não nos podemos afastar muito mais, porque estamos no limite da nossa jurisdição.

A Nancy sugeriu então:

— Eu continuo pela estrada para Garwin e depois viro para River Heights — ofereceu-se, com um sorriso. — Se me cruzar com os ladrões, aviso-vos.

— Tome cuidado, minha jovem. Olhe que aqueles sujeitos podem aprisioná-la

outra vez!

— Não se preocupe. Assim que chegar à estrada principal, vou estar rodeada de carros.

Sem dar oportunidade ao guarda de levantar mais objeções, a Nancy arrancou e virou para a esquerda. Pelo espelho retrovisor, viu que o carro-patrolha seguira pela estrada da direita.

«Devem ter descoberto alguma pista», pensou com os seus botões. «Mas gostava mesmo de ser eu a encontrar a carrinha, para tentar dar uma vista de olhos ao relógio!»

A Nancy não demorou muito a chegar à estrada principal. Mas, à medida que os quilómetros se sucediam, as suas esperanças iam esmorecendo. Não faltavam estradas secundárias, e os ladrões poderiam ter enveredado por qualquer uma delas para despistar possíveis perseguidores.

A jovem detetive decidiu manter-se fiel à sua teoria original — de que o Sid e os comparsas tinham ido para Garwin — e continuou pela estrada principal.

«Aqueles ladrões julgam que eu e o Jeff continuamos presos, por isso jamais suspeitarão que estão a ser seguidos», assegurou a si própria. «Talvez até baixem a guarda!», pensou, com um sorriso.

Cerca de dez minutos depois, parou numa bomba de gasolina para atestar o depósito e, num impulso, perguntou ao empregado:

— Por acaso não viu uma carrinha de mudanças passar por aqui recentemente?

— Vi, sim, senhora — foi a resposta pronta do homem. — Só reparei nela porque ia demasiado depressa para um veículo daquele tamanho.

Animada, a Nancy agradeceu-lhe e retomou a perseguição, ignorando a saída para River Heights.

«Se eu conseguisse alcançar a carrinha e arranjar maneira de examinar o relógio antes de participar à polícia...», matutou.

Mas, mais uma vez, o tempo passava sem que a Nancy vislumbrasse sinal da carrinha de mudanças. Quando começou a escurecer, viu-se obrigada a reconhecer a derrota.

«Não consegui alcançá-los», suspirou, desapontada, dando a volta para a faixa contrária, a caminho de River Heights.

Nesse momento, lembrou-se de que, logo a seguir à bomba de gasolina, reparara numa velha estalagem decrépita. Sabia que era uma esperança vã, mas os ladrões podiam ter estacionado a carrinha nas traseiras enquanto iam comer qualquer coisa.

«Vou perguntar, por via das dúvidas», decidiu.

A Nancy acelerou o máximo que se atrevia e, uns minutos depois, avistou a estalagem. Ficava recuada em relação à estrada e meio escondida pelo arvoredor. À frente do edifício, pendurada num poste, rangia para cá e para lá uma tabuleta carcomida onde ainda se lia: *Estalagem Black Horse*. Da carrinha, nem vestígio. Um pouco mais atrás, via-se uma garagem e um grande celeiro, ambos com as portas fechadas.

«Será que a carrinha está estacionada num dos dois sítios?», perguntou-se.

Do outro lado da estalagem havia um pequeno bosque, ao qual se chegava por uma estradita, pouco frequentada. Por uma questão de segurança, a Nancy decidiu

estacionar lá o carro. Desligou os faróis, pôs a chave na algibeira e começou a subir o caminho de acesso que curvava em direção à estalagem. O coração disparou-lhe no peito quando detetou no chão marcas de pneus que podiam muito bem ser da carrinha do Sid! E iam direitas ao celeiro!

«Talvez aqueles bandidos estejam a comer», pensou. «Vou ver.»

Mal pôs um pé no alpendre, chegou-lhe aos ouvidos o som de gargalhadas estridentes. A jovem detetive aproximou-se da janela em bicos dos pés e espreitou para o interior. A cena com que se deparou fê-la engolir em seco, mas deu-lhe, ao mesmo tempo, uma satisfação imensa.

Numa sala suja e sombria, estavam três homens sentados à mesa, a comer com voracidade. Eram precisamente os mesmos que tinham assaltado o bangalô dos Tophams!

V. UMA MISSÃO ARRISCADA

«Tenho de avisar já a polícia!», pensou a Nancy, ao reconhecer os três bandidos.

Afastou-se da janela, atravessou silenciosamente o alpendre e preparava-se para fugir dali quando lhe ocorreu um pensamento:

«Se a quadrilha tiver estacionado a carrinha no celeiro, é a minha grande oportunidade de procurar o relógio. De certeza que aqueles três vão continuar a comer por muito tempo. Se calhar, até tencionam pernoitar.»

Seguindo o seu instinto, correu para o carro e tirou a lanterna do porta-luvas, visto que já escurecera.

Cheia de cautela, dirigiu-se às traseiras da estalagem. Quando chegou ao celeiro, experimentou as portas, com o coração aos pulos. Não estavam trancadas! Mas, ao fazer deslizar uma delas, foi sobressaltada por um rangido alarmante. Ansiosa, olhou para a estalagem: não se via valmalha. Aparentemente, ninguém dera por nada.

De lanterna em punho, a Nancy espreitou para o interior do celeiro mergulhado na escuridão e os seus lábios deixaram escapar um grito de alegria.

Ali estava ela! *A carrinha de mudanças!*

— Que sorte! — exclamou, desligando a lanterna.

E, com uma última olhadela de prudência na direção da estalagem, entrou à pressa no celeiro e voltou a fechar a porta de correr. Lá dentro, estava escuro como breu. A Nancy tornou a acender a lanterna e apontou-a à carrinha. As portas traseiras estavam fechadas.

Segurando com firmeza o puxador, rodou-o. Mas, para seu desalento, a porta não abriu. Os ladrões tinham-na trancado!

«Oh, não! E agora o que é que eu faço?», matutou, em alvoroço. «Jamais conseguirei arrombar a fechadura!»

A Nancy olhou em volta, desesperada. Não se atrevia a ficar muito mais tempo no celeiro, não fossem os ladrões voltar e apanhá-la ali. Mas tinha de descobrir se o relógio estava ou não dentro da carrinha.

«Talvez tenham deixado as chaves na ignição», pensou, esperançada.

Contornou a viatura e trepou para o lugar do condutor, mas a chave não estava à vista.

A mente da Nancy trabalhava a mil à hora. Precisava de encontrar a chave! Talvez os homens não a tivessem levado para a estalagem. Talvez estivesse algures na cabina da carrinha. De repente, lembrou-se de que algumas pessoas escondem as chaves debaixo do tapete do carro. Havia uma hipótese remota de os ladrões terem feito o

mesmo.

Sem perder tempo, levantou a ponta do tapete e logo a luz da lanterna revelou um pequeno molho de chaves!

— Desta vez, a sorte está do meu lado — murmurou, pegando no chaveiro e correndo de volta à traseira da carrinha.

A Nancy experimentou várias chaves até encontrar a que entrava na fechadura. Rodou-a, puxou a porta e apontou a lanterna para o interior da carrinha. Foi com grande alegria que reconheceu os móveis roubados do bangalô dos Tophams!

«Que é que eu faço se o relógio estiver por baixo disto tudo?», ponderou, examinando o mobiliário empilhado. «Não vou dar com ele nunca!»

A Nancy subiu agilmente para a caixa da carrinha e percorreu com o feixe da lanterna o amontoado de cadeiras, mesas, tapetes e caixotes. Não havia sinal do velho relógio do Sr. Crowley.

De súbito, o foco incidiu num objeto, num dos cantos mais distantes. A Nancy soltou um gritinho de alegria ao perceber que os seus esforços tinham sido recompensados. Na parte dianteira da carrinha, pousado em cima de uma mesa, sob a proteção de um cobertor, estava um velho relógio de lareira!

A jovem detetive trepou pela pilha de móveis, tentando chegar o mais próximo possível da mesa. Pelo caminho, ficou com a roupa presa numa coisa qualquer e rasgou-a. Mas, por fim, lá conseguiu alcançar o cobertor e puxou cuidadosamente para si o relógio.

Bastou uma olhadela para perceber que correspondia à descrição feita pela Abby Rowen. Tinha o mostrador quadrado e o topo adornado com uma lua em quarto crescente.

— O relógio do senhor Crowley! Até que enfim! — murmurou a Nancy, mal podendo acreditar.

Mas, enquanto contemplava o relógio, os seus ouvidos apurados detetaram o som de vozes. Eram os ladrões!

«Vou ser apanhada!», passou-lhe pela cabeça. «E não terei hipótese de escapar uma segunda vez!»

Segurando firme o relógio embrulhado no cobertor, a Nancy galgou aos tropeções a pilha de móveis, esforçando-se por sair da carrinha antes que fosse tarde demais.

Mal alcançou a porta, saltou com ligeireza para o chão. Consequia agora escutar passos pesados a aproximarem-se. Desesperada, fechou as portas da carrinha o mais depressa que pôde e procurou pelas chaves.

«Onde diabo as enfei?», pensou, nervosa.

Reparou então que estavam caídas no chão e apanhou-as num ápice. Depois, meteu a chave certa na fechadura e trancou as portas.

Mas, quando se virou para se ir embora, ouviu vozes agastadas, à entrada do celeiro. Alguém já começara a abrir a porta!

«Oh, não! Que é que eu faço?», pensou, aflita. «Estou encurralada!»

E, no mesmo instante, percebeu que não teria tempo de ir à cabina da carrinha repor as chaves debaixo do tapete, onde as encontrara.

«Vou largá-las no chão», decidiu. «Talvez os homens pensem que as deixaram cair.»

De seguida, procurou em volta por um esconderijo e descobriu uma arca de cereais vazia. Sem largar o relógio, correu a enfiar-se lá dentro, e acabara de se tapar com o cobertor quando uma das portas do celeiro se abriu.

Um dos homens vinha a falar alto, e a Nancy reconheceu imediatamente a voz: era o Sid, o chefe da quadrilha.

— Comeste mais do que o suficiente — resmungou. — Vamos é sair daqui antes de termos os polícias à perna.

Em seguida, subiu para a cabina da carrinha e ligou os faróis. A Nancy susteve a respiração: iria reparar no seu esconderijo? Mas o homem nem sequer olhou na direção da arca.

Nisto, ouviu-o gritar:

— Que diabo fizeste às chaves? Julguei que as tinhas posto debaixo do tapete.

— E pus.

— Mas não estão aqui.

— Juro, chefe, eu...

— Então vem procurá-las e vê se não levas a noite inteira!

— Está bem. Sai do caminho para não me atrapalhares!

O Jake subiu para a cabina e começou a procurar as chaves. A Nancy escutava, assustada, do seu esconderijo.

— Se as tiveres perdido...

O cabecilha não chegou a terminar a ameaça, porque nesse momento o terceiro homem anunciou:

— Estão aqui, no chão! Se calhar, decidiste guardá-las no bolso e deixaste-as cair.

— Não deixei, coisa nenhuma! — retorquiu o Jake.

Os ladrões estavam nitidamente a ferver em pouca água.

— Calem-se de uma vez! — interrompeu o chefe. — Não temos tempo para discussões, a não ser que queiram acabar atrás das grades!

— Se isso acontecer, será por tua culpa, Sid Sax! Deixaste aquela rapariga a morrer à fome...

— Basta! — vociferou o chefe.

Após mais uma troca de palavras crispadas, os três ladrões acomodaram-se no banco da frente e puseram o motor a trabalhar.

Aliviada, a Nancy ouviu a carrinha partir. Quando percebeu que já se afastara do celeiro, abandonou o esconderijo e ficou à espreita até a ver desaparecer na estrada para Garwin. Em seguida, agarrou na lanterna, segurou bem o relógio e correu disparada para o carro.

«É melhor ir a corta-mato pelo bosque», decidiu.

Enquanto ziguezagueava por entre as árvores, ainda olhou ansiosamente por cima do ombro, com medo de estar a ser seguida, mas, para seu grande alívio, não viu ninguém. Parecia não haver rivalma nas imediações da estalagem Black Horse.

«Escapei por um triz», pensou a jovem detetive, sem desacelerar a passada. «Nem quero pensar no que teria acontecido se os ladrões me tivessem descoberto! Mas valeu a pena correr o risco!», disse a si própria, apertando o embrulho contra o peito. «Encontrei o relógio e talvez a solução do mistério do testamento desaparecido do senhor Josiah Crowley!»

Mal alcançou o carro, saltou lá para dentro, tirou a chave da algibeira e meteu-a na ignição.

«Vou avisar a polícia o mais depressa possível», decidiu. «Talvez consigam apanhar aqueles bandidos antes de eles se desfazerem da mobília.»

Preparava-se para dar à chave, quando o olhar lhe fugiu para o velho relógio, pousado no assento ao seu lado. Estaria lá escondido o misterioso bloco de notas do velho Josiah Crowley, tal como ela suspeitava?

«Oh, não resisto! Tenho de descobrir!»

Pegou na lanterna e, como era difícil manusear o relógio dentro do carro, apeou-se e pô-lo no chão. Abriu a porta de vidro e passou a mão pelas paredes. Não encontrou nada. Tentou a parte de trás. Só lá estava o mecanismo.

— Desapareceu! — lamuriou-se. — Diabos! Será que a sorte me abandonou?

Teriam os Tophams descoberto e destruído o bloco de notas?, ponderou. Mas, lembrando-se da conversa que ouvira entre a Ada e a Isabel, descartou logo a hipótese. Não, os Tophams não sabiam mais do que ela sobre a localização do segundo testamento.

Era mais plausível que a Abby Rowen tivesse feito alguma confusão. Na verdade, a senhora nunca afirmara que o bloco de notas estava dentro do velho relógio. Fora a própria Nancy a chegar a essa conclusão.

«Acreditei mesmo que ia encontrá-lo», ruminou, desapontada. Mas, logo em seguida, sacudiu o pessimismo. «Não, ele *tem* de estar aqui escondido!», disse a si mesma.

Virou o relógio de pernas para o ar e sacudiu-o com força. Alguma coisa se mexeu. Esperançada, repetiu a operação.

«Ou me engano muito», animou-se, «ou há qualquer coisa dentro do relógio para além do mecanismo!» Examinou-o com mais atenção. «O mostrador tem uma frente de cartão falsa! E está qualquer coisa atrás dela! Talvez o bloco de notas!»

Depois de tentar em vão desencaixar com os dedos a placa de cartão duro, a Nancy foi buscar uma pequena chave de parafusos ao porta-luvas. Com a ajuda da ferramenta, foi num instantinho que removeu os ponteiros do relógio e arrancou a frente falsa do mostrador.

Quando o quadrado de cartão caiu ao chão, a Nancy espreitou para dentro do compartimento e soltou um gritinho de alegria.

Num dos lados do relógio, suspenso do topo por um gancho, balouçava um pequeno bloco de notas azul-escuro!

XVI. A CAPTURA

Ansiosa, a Nancy tirou o pequeno bloco de notas do gancho e, incidindo sobre ele o feixe luminoso da lanterna, conseguiu ler na capa: *Propriedade de Josiah Crowley*.

«Finalmente encontrei-te!», pensou, excitada.

Virando, com avidez, as primeiras folhas, reparou que estavam amarelecidas pelos anos. A caligrafia era delicada e miudinha e a tinta já se desvanecera. Anotações de negócios enchiam de tal modo as páginas, que se tornavam quase ilegíveis.

A Nancy estava radiante porque tinha a certeza de que o bloco revelaria o destino que o Sr. Josiah Crowley dera ao seu último testamento. Mas levaria, sem dúvida, um tempo precioso que ela não podia perder naquele momento — precisava de avisar a polícia quanto antes.

«Leio o bloco de notas mais tarde», decidiu, guardando-o na algibeira.

Tornou a pôr o relógio no banco do descapotável, cobriu-o com o casaco e, sentando-se ao volante, rumou à estrada. A Nancy olhava, apreensiva, na direção em que os ladrões tinham seguido, mantendo-se, ao mesmo tempo, atenta a estradas secundárias que eles pudessem ter tomado para evitar a estrada principal.

«Talvez seja melhor eu telefonar à polícia da primeira bomba de gasolina ou loja que apareça no caminho.»

De repente, reparou numa tabuleta que dizia: «Desvio para Garwin. Obras em curso».

Chegando ao cruzamento, parou para verificar se as familiares marcas dos pneus da carrinha de mudanças confirmavam que tinha virado para aquela estrada de terra batida. E tinha!

«E agora, o que é que eu faço?»

Enquanto se debatia, a Nancy viu um carro a aproximar-se e encheu-se de esperança. Por certo não estava enganada: só podia ser um carro-patrolha, com a luz vermelha a piscar no tejadilho!

Em três tempos, pegou na lanterna, saltou para a berma da estrada e desatou a fazer sinais de luz. Passados uns minutos, o carro-patrolha parou ao seu lado.

— Chamo-me Nancy Drew — identificou-se prontamente a jovem detetive. — Andam à procura dos ladrões de móveis numa carrinha de mudanças?

— Afirmativo. Foi a menina quem os denunciou?

A Nancy anuiu e apontou para estrada de terra batida:

— Acho que aquele rasto de pneus é deles. A quadrilha deixou há algum tempo a estalagem Black Horse.

— Consegue identificá-los?

— Sem dúvida.

— Então siga-nos. Vou pedir que enviem outro carro-patrolha para interceptar a carrinha no sentido oposto.

O carro da polícia acelerou ao longo da estrada para Garwin, com a Nancy no seu encalço. Percorreram vários quilómetros.

«Meu Deus!», pensou a Nancy. «Será que me enganei? Por esta altura, já devíamos tê-los alcançado.»

Passaram-se mais dez minutos. De súbito, a Nancy vislumbrou, bem adiante na estrada, a luz vermelha de um farol traseiro.

«Deve ser a carrinha!», disse a si mesma, cheia de esperança. «Vai demasiado devagar para ser um carro.»

Aparentemente, os polícias eram da mesma opinião, porque abrandaram de imediato. A Nancy calculou que estivessem à espera de ver o carro-patrolha aproximar-se na direção contrária para entrarem em ação. Pouco depois, distinguiu ao longe um par de faróis.

O carro-patrolha que a Nancy seguia acelerou então até ficar lado a lado com a carrinha.

— Encoste! — gritou um dos guardas ao homem na cabina.

Em vez de obedecer, o condutor meteu prego a fundo. Mas, para evitar colidir com o carro da polícia que vinha de frente, chegou-se demasiado para a berma. A carrinha guinou bruscamente, enfiou as duas rodas direitas numa vala funda e tombou.

Num abrir e fechar de olhos, os polícias estavam fora dos carros e tinham os bandidos cercados.

Nesse momento, a Nancy, que estacionara na berma da estrada, aproximou-se a correr. Um dos guardas virou-se para ela e perguntou-lhe:

— Consegue identificar estes homens?

O foco de uma lanterna revelou as feições dos três ladrões, e a Nancy acenou com a cabeça:

— Esse é o Sid, o que me prendeu na arrecadação — declarou, apontando para o cabecilha. — E os outros são o Jack e o Parky.

Os ladrões olharam para a Nancy, abismados. Nem queriam acreditar que a prisioneira estava ali, à sua frente. Quando o Sid deduziu que tinha sido ela a responsável pela captura da quadrilha, ainda começou a dizer qualquer coisa, mas depois mudou de ideias e ficou calado. Os três criminosos não tardaram a ser identificados pelas cartas de condução e outros documentos, confirmando-se que já eram procurados pela polícia.

Um dos guardas abriu a caixa da carrinha e perguntou à Nancy se reconhecia os móveis roubados.

— Alguns — respondeu a jovem. — Aquela secretária foi tirada do escritório onde me prenderam.

— Isso basta — respondeu o polícia. — Estes sujeitos vão apanhar penas pesadas. Serão acusados de vários delitos. Está disposta a acompanhar-nos para prestar declarações?

— Sim... se for necessário — aceitou a Nancy, com relutância. — Mas eu não

vivo na zona e estou mortinha por chegar a casa. Não têm provas suficientes contra eles? Eu acho que são os mesmos que roubaram várias pratas de família às irmãs Turner.

O Sid e os companheiros estremeceram, mas não abriram a boca.

— Certo — respondeu o guarda. — Bom, talvez não haja necessidade de ir agora à esquadra — concedeu. — Vou ficar com a sua morada e, se precisarmos do seu testemunho, entrarei em contacto consigo.

Quando a Nancy lhe mostrou a carta de condução para se identificar, o polícia olhou-a com interesse renovado. Puxando-a de lado, comentou:

— Com que então, é a filha do Carson Drew! Já vi que está a seguir as pisadas do seu pai. Começa cedo, hein?

A Nancy riu-se.

— Foi por mero acaso que cheguei ao bangalô dos Tophams na hora H — confessou, com modéstia.

— Poucas raparigas teriam agido com tamanha astúcia — observou o polícia. — Ou muito me engano, ou estes sujeitos são calejados nestas andanças. São, sem dúvida, os responsáveis pelos assaltos na zona de Moon Lake há vários anos. Os residentes ficar-lhe-ão deveras agradecidos. E essa senhora Topham de que falou devia recompensá-la generosamente por lhe ter salvado o recheio da casa.

A Nancy abanou a cabeça.

— Não quero recompensa nenhuma, a sério que não.

— Ainda assim, merece uma — insistiu o polícia, cujo nome era Cowen. — Se quiser, levo o caso ao meu superior e ele fala pessoalmente com a senhora Topham.

— O senhor não a conhece — respondeu a Nancy. — Acredite quando lhe digo que ela jamais ofereceria uma recompensa. E, mesmo que oferecesse, eu não a aceitaria. — Depois de uma breve pausa, acrescentou: — Na verdade, preferia que o meu nome nem fosse mencionado.

O guarda Cowen abanou a cabeça, incrédulo:

— Muito bem. Se não quer nenhum crédito pela captura dos ladrões, não direi nada. Mas tem a certeza?

— Absoluta — declarou a Nancy, com firmeza. — Por motivos pessoais.

O polícia sorriu.

— Devem ser bastante fortes.

— Mas há um favor que pode fazer-me — arriscou a Nancy. — Pode pedir ao seu chefe que interceda, junto dos Tophams, a favor do Jeff Tucker, o zelador. Talvez assim ele não perca o emprego.

— Com todo o gosto — comprometeu-se o polícia. — E se faz tanta questão de permanecer anónima, verei se é possível dispensarmos o seu testemunho.

A Nancy agradeceu-lhe e subitamente lembrou-se do relógio. De momento, estava pousado no banco da frente do seu carro, a poucos metros de distância. Deveria partilhar aquela informação com a polícia? Decidiu não o fazer diante dos ladrões: embora não conseguissem ouvi-la, conseguiriam ver tudo na perfeição.

«Espero por uma oportunidade melhor», concluiu.

Os guardas combinaram que um deles ficaria de vigia à carrinha, com um dos carros-patrulha, e os outros três levariam os ladrões para a esquadra.

Os três prisioneiros, de semblante pesado, foram enfiados dentro do segundo carro-patrolha. Um dos guardas sentou-se ao volante, enquanto o que ia ao lado mantinha o trio algemado debaixo de olho.

O guarda Cowen, um homem entroncado e vigoroso, virou-se então para a Nancy:

— Eu vou consigo — disse. — Tem de passar pela esquadra, não tem?

— Sim, fica no caminho para River Heights — respondeu a Nancy.

— Então, se não se importa, deixa-me lá.

— Eh... claro — balbuciou a Nancy. — Terei todo o gosto.

Lembrara-se logo da relíquia do Sr. Crowley. E se o guarda Cowen não aceitasse a sua justificação para ter tirado o relógio da carrinha e guardado o seu conteúdo? Se isso acontecesse, a investigação sofreria um sério revés! Ainda a Nancy se debatia com estas dúvidas, já o polícia se dirigia ao descapotável azul.

A Nancy preparou-se para o que lá vinha:

«Bom, vou ter de confessar e arcar com as consequências!»

XVII. ESTRANHAS INSTRUÇÕES

A mente da Nancy trabalhava a mil, enquanto ela ensaiava o que iria dizer ao guarda Cowen. Uma coisa era clara: a polícia estava a investigar os roubos de mobiliário, por isso tinha de lhes devolver o relógio. Mas não andava a tentar localizar o testamento desaparecido do Sr. Crowley, e, assim sendo, a jovem detetive sentia-se no direito de ficar com o bloco de notas. Entregá-lo-ia ao pai e deixá-lo-ia resolver o que fazer com ele.

«No final de contas», pensou, «o pai trabalha para as Hoovers no caso Crowley... E indiretamente para as Turners e para a senhora Rowen também.»

Entretanto, chegaram ao descapotável.

— Quer que eu guie? — perguntou o guarda.

— Eh... sim... se preferir — respondeu a Nancy. — Mas antes preciso de lhe mostrar uma coisa — acrescentou, quando ele foi abrir-lhe a porta. — Tenho aqui uma das peças roubadas.

— O quê?!

A Nancy apressou-se a explicar-lhe que tomara a responsabilidade de tentar verificar se a carrinha continha ou não os móveis roubados.

— Reconheci algumas das peças, entre elas este relógio de que os Tophams me tinham falado, e tirei-o para o examinar melhor. Mas depois não surgiu nenhuma oportunidade de o devolver sem ser apanhada. Estou certa de que os Tophams confirmarão que o relógio lhes pertence.

A justificação da Nancy pareceu convencer o polícia.

— Eu levo-o para a esquadra. Agora, vamos!

O guarda Cowen transferiu o relógio para o banco de trás, sentou-se ao volante e arrancou.

Era quase meia-noite quando a Nancy chegou a River Heights, cansada e moída da longa viagem. Ao estacionar o descapotável na garagem dos Drews, reparou que o carro do pai não estava lá. Olhando de relance para as janelas da casa, não viu luz em nenhuma divisão, à exceção do pequeno vestíbulo. A Hannah Gruen já devia ter ido para a cama.

«É óbvio que ela não podia estar à minha espera», concluiu a Nancy. «Mas onde estará o meu pai? Espero que não demore. Quero contar-lhe, quanto antes, a minha descoberta.»

Depois de fechar a garagem, dirigiu-se a casa e entrou pela porta da cozinha. Mal pousou os olhos no frigorífico, apercebeu-se de que estava esfomeada. Há horas que

não comia!

«Mm... comida!», pensou.

No momento em que abriu a porta do frigorífico, ouviu passos nas escadas e, logo em seguida, a Hannah Gruen apareceu-lhe à frente, de roupão e chinelos, com um ar muito ensonado.

— Nancy! — exclamou a governanta, já mais do que acordada.

— Surpresa, querida Hannah! — A Nancy deu-lhe um abraço afetuoso e um beijo. — Estou a morrer de fome! Não como nada desde o almoço.

— Coitadinha! — reagiu a Hannah, preocupada. — Que é que aconteceu? Eu faço-te qualquer coisa num instantinho.

Enquanto preparavam as duas uma sanduíche de frango e um chocolate quente e a Hannah cortava uma enorme fatia de bolo de canela, cobrindo-a com *coulis* de maçã aquecido, a Nancy relatou as suas aventuras.

A governanta ficou de olhos arregalados.

— Nancy! Aqueles homens horrorosos podiam ter-te matado. Ainda bem que os capturaram!

— Sem dúvida! — concordou fervorosamente a Nancy, comendo a última migalha de bolo. — E espero que as Turners recuperem as pratas da família.

— Então e os Tophams? — provocou a Hannah.

— Por algum motivo, isso não me preocupa nem um bocadinho — respondeu a Nancy, com uma piscadela de olho. Em seguida, perguntou: — Onde está o meu pai?

— A trabalhar no escritório — informou a Hannah. — Telefonou a avisar que tinha surgido um imprevisto relacionado com um dos casos.

— Então vou esperar por ele — decidiu a Nancy. — Pode ir deitar-se. E muito obrigada, Hannah!

A ensonada governanta não se fez rogada.

Uma vez sozinha, a Nancy arrumou a cozinha e foi para a sala de estar.

«Agora é que vou descobrir o que aconteceu ao testamento do senhor Josiah Crowley», pensou, entusiasmada, acomodando-se num sofá confortável junto a um candeeiro de leitura.

E foi passando delicadamente as páginas amareladas, com medo de que se rasgassem. Era óbvio que o Sr. Crowley usara aquele bloco anos a fio.

«Ele sabia mesmo como poupar dinheiro», matutou.

A Nancy leu uma página atrás da outra, examinando com atenção uma variedade de apontamentos e notas referentes a propriedades que o Sr. Crowley detinha. Havia também números de diversas transações comerciais em que ele estivera envolvido. A Nancy ficou surpreendida com a longa lista de ações, títulos e promissórias que aparentemente faziam parte do património.

«Nunca imaginei que o senhor Crowley fosse tão rico.»

Passado algum tempo, a Nancy começou a ficar farta do interminável rol de números. Saltou várias páginas do pequeno bloco e avançou para o final, onde o Sr. Crowley listara os seus bens.

«Que será isto?», perguntou-se.

Presa a uma das páginas estava uma chave achatada e muito fininha, com uma etiqueta na qual figurava o número 148. Uma frase escrita na página oposta chamou a

atenção da Nancy: *O meu último testamento*.

Ansiosa, a Nancy leu o que se seguia.

— Encontrei! — exclamou, entusiasmada. — Ainda bem que não desisti de o procurar!

A nota referente ao testamento era curta. A Nancy presumiu que aquela letra minúscula fosse do Sr. Crowley. Dizia:

A quem possa interessar: o meu último testamento está guardado num cofre bancário com o número 148, na Caixa de Crédito Mercantil, em nome de Josiah Johnston.

«E esta é a chave do cofre!», concluiu a Nancy.

A jovem detetive permaneceu algum tempo sem reação. Custava-lhe a acreditar que tivesse resolvido o mistério. Mas não podia estar enganada... A data da entrada no bloco de notas era recente e a tinta ainda não se desvanecera, como nas restantes páginas.

— Existe mesmo um segundo testamento! — exclamou, em voz alta. — Oh, espero que deixe alguma coisa às Turners e à Abby Rowen e às Hoovers e aos Mathews! Assim a Allison podia ter aulas de canto e não faltaria nada à pequena Judy e...

A Nancy continuou a ler avidamente, na expectativa de descobrir informações mais explícitas. Mas, apesar de ter examinado à lupa todas as páginas do bloco, não encontrou nenhuma outra referência ao testamento nem qualquer pista sobre o seu conteúdo.

«Não admira que o documento não tenha vindo a lume», matutou. «Quem se lembraria de o procurar num cofre bancário em nome de Josiah Johnston? O senhor Crowley queria tanto garantir que o documento estava em segurança, que quase deitou tudo a perder.»

Os seus pensamentos foram interrompidos no momento em que ouviu um carro virar para o caminho de acesso. A Nancy correu para a janela a tempo de ver o pai entrar na garagem e foi esperá-lo à porta da cozinha.

— Olá, Nancy! — saudou-a o Sr. Drew, surpreso. — Se soubesse que estavas cá, tinha voltado mais cedo para casa. Fiquei a tratar de uns desenvolvimentos importantes num caso. Decidiste regressar de Moon Lake antes do planeado?

— Sim — respondeu a Nancy, tentando controlar o entusiasmo. — Mas foi por um excelente motivo!

Ainda o pai não pendurara o chapéu, já ela tinha começado a relatar as suas aventuras, mostrando-lhe, por fim, o bloco de notas que encontrara dentro do velho relógio de lareira. Quando terminou, o Sr. Drew olhava para a filha com um misto de orgulho e espanto.

— És uma detetive de primeira, Nancy. Tiveste faro para seguir uma pista importante.

— Achei melhor não falar à polícia do bloco, pai. Não me parece boa ideia revelar a existência do segundo testamento ao executor do primeiro.

— Referes-te ao senhor Topham, certo? — respondeu o advogado. — Concorde

contigo. O novo testamento pode nomear outro executor. — Sorrindo, acrescentou: — Era bom nós os dois darmos uma vista de olhos ao documento. Mas em que Caixa de Crédito Mercantil é que ele estará? Devem existir dezenas de bancos com esse nome.

De súbito, a Nancy estalou os dedos.

— Acho que já sei! O juiz Hart e a mulher disseram-me que tinham visto o senhor Crowley em Masonville por duas vezes, lembra-se? Pois bem, há uma Caixa de Crédito Mercantil na cidade!

O Sr. Drew olhou para a filha, assombrado.

— Creio que acertaste no alvo, Nancy. E o juiz Hart é a pessoa ideal para nos ajudar. Amanhã de manhã telefono-lhe. Agora precisamos ambos de dormir. — E dando um beijo de boa-noite à filha, acrescentou: — Correste um grande perigo quando aqueles ladrões te descobrirem, minha querida. Não me agrada que te arrisques dessa maneira. Sinto-me muito agradecido por estares em casa, em segurança.

— Pois os Tophams não vão ficar nada agradecidos quando souberem o que fiz — respondeu a Nancy, subindo as escadas à frente do pai. — Na verdade, cheira-me que podemos ter uma batalha pela frente.

— Sem dúvida. E não é conveniente que eles saibam como é que o testamento foi descoberto até a questão estar resolvida de vez.

— Mal posso esperar por saber se o novo testamento deixa alguma coisa aos Tophams — admitiu a Nancy.

— Se não deixar, a tua descoberta irá apanhá-los numa situação particularmente delicada — revelou o Sr. Drew.

A Nancy estacou e virou-se para encarar o pai.

— Que é que quer dizer com isso?

— Correm rumores na cidade de que o Richard Topham já perdeu fortunas na bolsa este mês. Tem conseguido crédito em vários sítios graças à herança que espera receber, e desconfio que dependa do dinheiro do senhor Crowley para sair deste aperto. Por isso é que anda a tentar apressar a execução do testamento.

— Então temos de nos despachar — concluiu a Nancy, voltando a subir os degraus.

— Não fiques com demasiadas esperanças — aconselhou-a sabiamente o Sr. Drew. — Ainda pode surgir algum contratempo.

— Como por exemplo?

— Podemos não encontrar o testamento no banco.

— Não acredito nisso, pai. O bloco de notas diz que está lá!

— E nada nos garante — continuou o advogado — que o senhor Crowley tenha distribuído a fortuna como as Turners, as Hoovers e os outros esperavam que ele fizesse.

— Mas ele prometeu a todas aquelas pessoas...

— Eu sei, Nancy. Mas é possível até que a anotação no bloco não passe de uma vontade que o senhor Crowley nunca tenha chegado a concretizar.

— Por mais que o pai tente desencorajar-me, eu não vou perder a esperança! — declarou a Nancy. — Estou em pulgas pelo dia de amanhã!

O Sr. Drew riu-se.

— És uma otimista incorrigível! Agora esquece o Josiah Crowley e trata de

dormir.

À porta do quarto, a Nancy hesitou e depois voltou para trás.

— Que é que se passa? — perguntou-lhe o pai.

Sem responder, a Nancy correu escadas abaixo até à sala de estar, pegou no bloco de notas que deixara em cima da mesa e tornou a subir os degraus alcatifados.

— Depois de tudo o que passei para encontrar este bloco, não quero correr riscos! — explicou ao pai, com uma gargalhada. — Hoje vou dormir com ele debaixo da almofada!

XVIII. UMA BUSCA ENERVANTE

A Nancy acordou na manhã seguinte com um sol radioso a entrar pela janela aberta do quarto. Mas, ao olhar para o relógio em cima da cómoda, ficou alarmada: já passava das nove da manhã!

«Como é que eu posso ter adormecido num dia como este?», recriminou-se.

Meteu a mão debaixo da almofada, tirou o bloco de notas do Sr. Crowley e observou-o, satisfeita.

«Os Tophams vão ter uma surpresa e tanto!»

Depois de tomar rapidamente banho e vestir um bonito conjunto de verão, em malha azul, a Nancy correu para o andar de baixo. Deu um beijo à Hannah Gruen, que a saudou com um jovial bom-dia e lhe disse que o Sr. Drew já saía para o escritório.

— Oh, não! — afligiu-se a Nancy. — Será que o pai se esqueceu do nosso compromisso?

— Não, não esqueceu — garantiu-lhe a governanta. — Ele telefonou ao juiz Hart e espera uma resposta por volta das dez horas. Depois avisa-te do resultado. Meu Deus, fizeste uma descoberta extraordinária, Nancy! Espero que tudo se resolva pelo melhor.

A Hannah dirigiu-se à cozinha, mas voltou logo em seguida trazendo um prato com gofres dourados e estaladiços.

— É melhor tomares o pequeno-almoço — aconselhou. — O teu pai pode telefonar a qualquer momento.

A Nancy comeu uma taça de morangos e depois atacou os gofres.

— Estão deliciosos! — elogiou, regando mais um com xarope de açúcar.

Acabara de engolir a última garfada quando o telefone tocou. Era o Sr. Drew a avisar que o juiz Hart já combinara tudo com o banco.

— Vem ter comigo ao escritório e traz o bloco de notas e a chave, Nancy. Partimos daqui para Masonville.

— Está bem, pai.

A Nancy foi ao quarto buscar a mala e seguiu de carro para o escritório do Sr. Drew.

— Tenho aqui o bloco, pai — confirmou ao advogado. — Quer ficar com ele?

— Vamos levá-lo connosco, para o mostrarmos ao gerente do banco — disse o Sr. Drew. — É a prova de que temos um bom motivo para abrir o cofre do senhor Crowley.

Depois de dar uma série de instruções à secretária, o Sr. Drew saiu do escritório atrás da filha e sentou-se ao seu lado no descapotável.

— Se não encontrarmos um segundo testamento, vou ficar para sempre com isto atravessado na garganta — declarou a Nancy, no caminho.

Um rubor de emoção coloria-lhe as faces e os seus olhos cintilavam.

— Não te podes esquecer — disse-lhe calmamente o pai — de que o senhor Crowley era uma pessoa excêntrica e tinha uma maneira peculiar de fazer as coisas. Talvez haja um testamento no cofre, ou talvez não. É possível que encontremos apenas mais instruções. Lembro-me de que, há muitos anos, no Canadá, um francês excêntrico morreu e deixou escrito que procurassem o seu testamento num baú de roupas velhas. Na algibeira de um casaco, a família descobriu instruções para continuar as buscas num armário, em casa do falecido. Aí, depararam-se com uma nota que dizia que vissem dentro de um caldeirão de cobre.

«O caldeirão tinha desaparecido, mas acabou por ser localizado numa loja de antiguidades. No interior, colado ao fundo, estava o que se revelou ser um quebra-cabeças de palavras em mandarim. Os herdeiros preparavam-se para desistir, de tão desesperados, quando um chinês decifrou o texto e a fortuna foi encontrada: um saco cheio de ouro, escondido debaixo de uma tábua do soalho, no quarto do velhote!»

— Pelo menos, acharam-na — suspirou a Nancy.

Depressa chegaram a Masonville, e a Nancy estacionou em frente à Caixa de Crédito Mercantil. Pai e filha desceram do carro e entraram no banco. O Sr. Drew disse o nome e pediu para falar com o presidente. Passados uns minutos, foram conduzidos a uma sala de reuniões privada. Um senhor já de certa idade, o Sr. Jensen, levantou-se para os cumprimentar.

Feitas as apresentações, o Sr. Drew apressou-se a explicar o motivo da sua presença ali, mas o presidente do banco interrompeu-o antes de ele chegar ao fim.

— O juiz Hart já me pôs ao corrente da história. Vou chamar o senhor Warren, o nosso gerente.

Pegou no telefone e, passados uns minutos, o Sr. Warren entrou na sala e foi-lhes apresentado. A Nancy tirou o bloco de notas, abriu-o na página em questão e mostrou-a aos dois homens. Quando acabaram de a ler, o gerente exclamou:

— Que grande mistério!

Depois, tirou do bolso a ficha que o dono do cofre 148 preencheria como Josiah Johnston, e compararam a caligrafia pequena e encavalitada das duas amostras.

— Eu diria que o senhor Josiah Crowley e o senhor Josiah Johnston são, sem sombra de dúvida, a mesma pessoa — opinou o Sr. Drew.

— Concordo — declarou o Sr. Jensen.

E o gerente assentiu com a cabeça.

— Então não têm nenhuma objeção a que abramos o cofre? — perguntou o Sr. Drew.

— Nenhuma — respondeu o Sr. Warren. — Mas, como deve entender, nada poderá ser removido.

— Só quero verificar se está algum testamento lá dentro, em que data é que foi feito e quem são os herdeiros e o executor — disse a Nancy.

Os banqueiros sorriram.

— Quer resolver todos os mistérios de uma assentada! — comentou o Sr. Jensen.
— Vamos, então, a isto.

Liderados pelo Sr. Warren, encaminharam-se os quatro para as traseiras do banco, onde se encontrava o cofre-forte. Um guarda abriu-lhes a porta e eles entraram. O Sr. Jensen tirou a chave do bloco de notas do Sr. Crowley, enquanto o Sr. Warren abria a primeira parte da dupla fechadura de segurança com a chave do banco. Depois, experimentou a chave do Sr. Crowley. Funcionou na perfeição!

Logo em seguida, o Sr. Warren tirou de lá o cofre número 148, comentando que era pequeno e pouco pesado.

— Vamos levá-lo para um compartimento privado — disse o Sr. Jensen.

O presidente, a Nancy e o Sr. Drew seguiram atrás do gerente por um corredor de cubículos, até encontrarem um vazio.

— Agora é que veremos quantos mistérios serão deslindados — disse o Sr. Jensen, mal fecharam a porta. — Se é que algum.

A Nancy susteve a respiração, enquanto o presidente levantava a tampa da caixa de metal. Todos eles espreitaram para o interior. Havia apenas um documento volumoso, no fundo.

— Só pode ser o testamento! — exclamou a Nancy.

— É, de facto, um testamento — confirmou o Sr. Jensen, passando os olhos pela primeira página. — Um testamento do senhor Josiah Crowley.

— Quando é que foi escrito? — perguntou imediatamente a Nancy.

— Em março deste ano — respondeu o Sr. Jensen.

— Oh, pai! — exclamou a Nancy. — É posterior ao que os Tophams apresentaram!

— Pois é.

— Podemos lê-lo agora, por favor? — implorou a Nancy.

O Sr. Jensen estendeu o documento ao Sr. Drew:

— Veja se consegue decifrar essa caligrafia. Eu sou incapaz.

O advogado pegou nos papéis e, com a Nancy a espreitar-lhe por cima do ombro, foi lendo de modo hesitante o testamento; não palavra por palavra, mas dando uma ideia geral do que estava escrito.

— Senhor Jensen, senhor Warren, o vosso banco foi nomeado executor deste testamento — informou.

— Muito bem — sorriu o presidente. — O senhor Topham não vai ficar nada satisfeito quando souber.

O Sr. Drew acabara de virar para a última página:

— A assinatura do senhor Crowley está conforme — observou. — E há duas testemunhas: o doutor Nesbitt e o Thomas Wackley. Não admira que este testamento não tenha aparecido antes: ambos morreram em abril.

Enquanto tentava decifrar a difícil caligrafia, a Nancy descobriu, para sua grande satisfação, que as irmãs Hoover e a Abby Rowen vinham mencionadas no documento.

Nessa altura, o presidente do banco interveio:

— Senhor Drew, o nosso advogado tirou umas férias prolongadas na Europa. Já que o senhor e a sua filha resolveram o mistério e estão tão interessados no caso, aceita encarregar-se da execução em nome do banco?

Os olhos da Nancy brilharam, e o Sr. Drew sorriu.

— Com todo o prazer — respondeu.

— E como deveremos proceder? — perguntou o Sr. Warren.

O advogado pensou uns instantes e disse:

— Tendo em conta os aspetos ímpares deste caso, acho que a primeira coisa a fazer é fotocopiar o testamento, para que eu possa analisar o conteúdo detalhadamente.

— Com certeza — prontificou-se o Sr. Warren. — E a seguir?

— Depois de me certificar de que tudo está de acordo com a lei, entregarei o original para homologação e informarei os herdeiros do senhor Crowley.

— Muito bem — disse o Sr. Jensen. — Nós temos uma fotocopiadora. Se aguardar, mando já fazer várias cópias. Ou prefere que as envie para o seu escritório?

O Sr. Drew olhou para a filha.

— Nós aguardamos — respondeu, com um sorriso.

Enquanto as cópias vinham e não vinham, a cabeça da Nancy não parou um segundo:

— Só espero que a Allison receba dinheiro suficiente para pagar as aulas de canto e que os outros também herdem uma boa quantia — sussurrou ao ouvido do Sr. Drew, que assentiu.

A Nancy estava a desesperar com aquela demora infundável e não conseguia parar de andar de um lado para o outro. Às tantas, o pai disse-lhe, em tom jocoso:

— Pareces um leão enjaulado.

A Nancy fingiu-se ofendida.

— Pelo menos, não estou a rosar — respondeu.

O Sr. Drew sorriu.

Pouco depois, um mensageiro regressou com o testamento e duas cópias do mesmo.

— Muito obrigado — agradeceu-lhe o Sr. Jensen, entregando as cópias ao Sr. Drew.

— Vou começar já a trabalhar nisto — prometeu o advogado, guardando os documentos na pasta.

Logo em seguida, ele e a filha deixaram o banco. O Sr. Drew fez questão de parar para almoçar e não deixou que a Nancy lesse o testamento enquanto esperavam para ser atendidos.

— Relaxa — disse-lhe. — Não há necessidade de expormos o nosso segredo à curiosidade alheia. — Quando viu a filha esmorecer, acrescentou: — Porque é que não vens comigo até ao escritório e analisamos juntos o testamento? Vou mandá-lo bater à máquina, para facilitar a leitura e não perdermos nenhuma informação.

— Oh, obrigada, pai! — agradeceu a Nancy.

Já no escritório, a jovem sentou-se ao lado da Sra. Lamby, a dactilógrafa do advogado, lendo avidamente cada folha que saía da máquina de escrever.

— Ao que parece, o senhor Crowley sabia mesmo a fraseologia correta para redigir um testamento — comentou.

Quando, por fim, a secretária lhe entregou a última página, a Nancy disse-lhe:

— Preciso de fazer uma série de perguntas ao meu pai.

A Sra. Lamby sorriu.

— Se forem de natureza jurídica, ele saberá, com certeza, responder-lhe. Não há

melhor advogado em River Heights.

A Nancy devolveu o sorriso e correu, satisfeita, para a sala do pai. Os dois Drews sentaram-se então a estudar a última vontade do Sr. Josiah Crowley.

— Se este testamento for legal — disse a Nancy —, vai ser uma bomba para os Tophams.

— Temo que sim.

— Pai, quando convocar os herdeiros para fazer a leitura do testamento, deixa-me assistir?

O Sr. Drew riu-se.

— Desta vez, vou fazer-te a vontade. Podes estar presente no dia em que os Tophams tiverem a maior surpresa das suas vidas!

XIX. REVELAÇÕES SURPREENDENTES

— Já são quase duas horas, pai! Os familiares do senhor Crowley devem estar mesmo a chegar! É tão emocionante!

O Sr. Drew, que se encontrava na sala de estar da sua casa com o Sr. Warren, o gerente do banco, sorriu à filha, enquanto ela andava de um lado para o outro, alvoroçada, a dispor as cadeiras para os convidados.

— Acho que estás mais radiante do que se fosses tu própria a herdeira — brincou.

— É verdade! — admitiu a Nancy. — Mal posso esperar pela leitura do testamento. Vão ficar todos de boca aberta, não vão? Sobretudo os Tophams. Será que eles aparecem?

— Descansa, que aparecem. E ou me engano muito, ou trarão um advogado com eles. Assim que souberam que havia outro testamento, começaram a ficar preocupados. Querem, por certo, ouvir o que este diz.

— O pai tem a certeza de que o testamento que encontrámos não pode ser revogado? — inquiriu a Nancy, ansiosa.

— Claro que não há certezas absolutas, Nancy. Mas eu analisei o documento em profundidade e, tanto quanto consigo dizer, do ponto de vista técnico é irrepreensível. Também consultei dois colegas e eles concordaram comigo. O Josiah Crowley tinha lá as suas excentricidades, mas era um homem muito inteligente. Garanto-te que os Tophams defrontarão sérias dificuldades se tentarem contestar este testamento.

— E pode contar com o apoio do banco nessa batalha, senhor Drew — interveio o Sr. Warren.

À exceção da Abby Rowen, que continuava acamada, todos os familiares do Sr. Crowley tinham prometido estar presentes. O convite estendera-se também à Grace e à Allison Hoover, apesar de não pertencerem à família.

— É uma pena que a senhora Rowen não possa vir — lamentou a Nancy. — Mas tenciono levar-lhe as notícias ainda esta tarde.

— O tamanho da fortuna será provavelmente uma surpresa para todos, exceto para os Tophams — comentou o pai, com um sorriso. — Fizeste um trabalho de investigação extraordinário, Nancy!

— Foi divertido — respondeu a jovem, com modéstia. — E estou mortinha por ver o caso resolvido de uma vez por todas.

— Cheira-me que ainda nos esperam momentos difíceis com os Tophams — avisou o pai.

— Sim, é possível. Acho que qualquer pessoa ficaria desolada por perder uma

fortuna destas... A Grace e a Allison estão a chegar, pai! — anunciou a Nancy, espreitando pela janela.

Depois de as receber à porta com dois beijos, a jovem detetive acompanhou as irmãs até à sala de estar e apresentou-as ao Sr. Warren. Quando se sentou, a Allison sussurrou ao ouvido da Nancy:

— É verdade que encontraram um novo testamento?

— Tu e a Grace não precisam de se preocupar — assegurou-lhe a Nancy, com um sorriso misterioso.

Entretanto, tornou a soar a campainha. Daquela feita, eram a Edna e a Mary Turner, ambas vestidas como se fossem para uma festa. Com elas vinha a pequena Judy, que se lançou nos braços da Nancy. Pouco depois, chegaram os irmãos Mathews, o William e o Fred.

— Só faltam os Tophams — observou o Sr. Drew. — É melhor aguardarmos mais uns minutos.

Não foi necessário esperar nada, porque nesse preciso momento a campainha tocou bruscamente. A Nancy abriu a porta, e os quatro membros da família Topham entraram de nariz empinado, limitando-se a cumprimentar os presentes com um aceno de cabeça. Tal como o Sr. Drew previra, vinham acompanhados do advogado.

— Qual o motivo desta convocação? — exigiu saber o Sr. Topham, dirigindo-se ao Sr. Drew. — O senhor atreve-se a afirmar que foi descoberto outro testamento?

— Sim, tenho em minha posse um testamento redigido no passado mês de março, senhor Topham — respondeu o dono da casa. — E gostava de vos apresentar a todos o senhor Warren, o gerente da Caixa de Crédito Mercantil de Masonville, o executor designado.

— Que absurdo! — explodiu a Sra. Topham. — O Josiah Crowley fez um único testamento, no qual nos deixou tudo e nomeou como executor o meu marido.

— Isto cheira-me a conspiração — interveio a Ada, num tom mordaz, lançando um olhar gélido aos parentes e amigos do falecido primo.

A Isabel não abriu a boca, mas sacudiu a cabeça, com desdém. O pai também se inibiu de comentar, sentando-se ao lado do advogado, inquieto.

— Se fizer o favor de se sentar, senhora Topham, eu passarei à leitura do testamento — sugeriu o Sr. Drew.

Relutantemente, a Sra. Topham lá ocupou o seu lugar.

— Como já informei — começou o Sr. Drew —, foi descoberto um testamento mais recente do falecido Josiah Crowley num cofre bancário, na Caixa de Crédito Mercantil de Masonville. O documento é invulgarmente longo, por isso, com a vossa permissão, lerei apenas os excertos da cópia dactilografada referentes à disposição dos bens. Mas primeiro gostava de perguntar ao senhor Topham em quanto avalia o património.

— Cem mil, deduzidos os impostos — respondeu o Sr. Topham.

— Oh! — exclamaram as Turners.

— Não fazia ideia de que o Josiah tivesse tanto dinheiro — acrescentou a Mary.

— Nem eu — concordou a Edna.

O Sr. Drew pegou em várias folhas escritas à máquina que estavam em cima da mesa e começou a ler, numa voz clara:

— «Eu, Josiah Crowley, declaro ser este o meu último testamento, revogando assim todas as minhas disposições testamentárias anteriores. Disponho dos meus bens, imobiliários e pessoais, da seguinte forma: Para as minhas queridas amigas e vizinhas, Grace e Allison Hoover, uma soma equivalente a vinte por cento da totalidade do meu património, para repartir entre elas em partes iguais.»

— Devo estar a sonhar! — quase se engasgou a Grace.

— Quer dizer que eu vou receber dez mil dólares? — gritou a Allison, desfazendo-se em lágrimas. — Oh, Nancy, foste tu que fizeste isto por mim! Agora já posso ter as minhas aulas de canto.

A Isabel Topham olhou para ela com desprezo:

— Seriam precisos bem mais do que dez mil dólares para fazer de ti uma cantora! — alfinetou.

— Silêncio! — ordenou o pai. — Vamos ouvir o resto das disposições.

A filha obedeceu, mas a mulher exclamou, cheia de rancor:

— Este testamento é uma fraude! As Hoovers nem sequer são da família!

— Não é fraude nenhuma — assegurou o Sr. Drew, num tom ameno.

E pegando de novo no testamento, retomou a leitura:

— «Para a Abby Rowen, a prima da minha falecida mulher, em consideração pela generosidade que sempre me demonstrou, uma soma equivalente a dez por cento da totalidade do meu património.»

— Fico tão contente — murmurou a Grace. — Assim, a senhora Rowen vai poder receber os cuidados médicos e a atenção de que necessita.

— E contratar alguém para tomar conta dela a tempo inteiro — acrescentou a Nancy.

— Aquela velha vai herdar dez mil dólares? — comentou rudemente a Ada. — Que é que ela alguma vez fez pelo primo Josiah? — Furiosa, voltou-se para a mãe: — Fomos nós que tomámos conta dele durante anos, não ela!

— Pois — apoiou a Isabel com azedume.

— «Para os meus primos, Fred e William Mathews, uma soma equivalente a vinte por cento da totalidade do meu património, para repartir entre eles em partes iguais» — leu o Sr. Drew.

— Não esperávamos tanto — admitiu o Fred, genuinamente surpreendido. — O Josiah foi muito generoso. — E, com um sorriso, disse ao irmão: — É desta que fazemos a viagem com que sempre sonhámos, William!

— Sim, um longo cruzeiro ou uma viagem de avião. Nem consigo acreditar!

— «Para as minhas primas Edna e Mary Turner, uma soma equivalente a vinte por cento da totalidade do meu património, para repartir entre elas em partes iguais.»

— Oh, que generoso! — murmurou a Edna. — Agora a nossa Judy terá tudo aquilo que sempre lhe quisemos dar.

— Sim — concordou a Mary Turner. — Sinto-me tão aliviada!

— Nós nem somos mencionados? — interrompeu a Sra. Topham, com rispidez.

O Sr. Drew sorriu.

— Sim, são mencionados. Estou a chegar a essa parte. «Para o Richard Topham, cinco mil dólares. À Grace e à Allison Hoover...

— Alto aí! — gritou a Sra. Topham. — E para mim e para as minhas filhas?

— Não vos foi deixado nada — limitou-se a declarar o advogado.

A Isabel soltou um guincho.

— Oh, não! Oh, não! Oh, mãe, todas aquelas contas! Que é que vamos fazer?

— Vou ter de ir trabalhar! — bradou a Ada, logo em seguida. — Oh, nem aguento pensar nisso!

— «À Grace e à Allison Hoover deixo a minha mobília, agora na posse da senhora Richard Topham.»

Houve um zunzum de surpresa na sala, e a Sra. Topham quase saltou do lugar. Era mais do que sabido em River Heights que ela praticamente confiscara a mobília do Sr. Crowley na altura em que ele fora induzido a viver com eles.

— Que insulto! — berrou a mulher. — O primo Josiah Crowley atreveu-se a insinuar que eu lhe roubei a mobília?

— Não faço ideia do que ele quis insinuar quando redigiu o testamento — comentou o Sr. Drew, com um sorriso.

A Grace Hoover interveio muito depressa:

— Nós não precisamos da mobília do senhor Josiah Crowley.

— Sim, não pretendemos tirar nada da sua casa, senhora Topham — garantiu a Allison.

O Sr. Drew dobrou cuidadosamente o documento que acabara de ler e, guardando-o no bolso, dirigiu-se aos presentes:

— É tudo, à exceção da cláusula que encarrega o executor de saldar todas as dívidas, incluindo as despesas do funeral. O remanescente será enviado ao Lar de Idosos de Manningham. Sei que o senhor Josiah Crowley manteve o património em ativos líquidos, o que facilita a conversão em dinheiro. Por isso, poderão dispor já das vossas heranças.

A Ada voltou-se para a Nancy, com o rosto transfigurada pela ira:

— Tu tramaste isto tudo, Nancy Drew! — acusou, amargurada.

— Fico muito feliz por qualquer bem que tenha feito — respondeu a Nancy.

— Pois nós havemos de anular este testamento! — prometeu a Sra. Topham, com firmeza.

XX. UM FINAL FELIZ

— Claro que nada a impede de levar o caso a tribunal, se assim o desejar — respondeu o Sr. Drew à ameaça da Sra. Topham. — Mas aviso-a de que será uma perda de tempo e de dinheiro. Se não confia na minha opinião, pergunte ao seu advogado.

— O senhor Drew tem razão — declarou o advogado dos Tophams, depois de se levantar e analisar em pormenor o documento que o Sr. Drew tirara do bolso.

— Ai tem?! Ai tem?! — retorquiu a Sra. Topham. — Se o seu conhecimento da lei se resume a isso, está despedido! Arranjaremos outro advogado e lutaremos até ao fim!

Com aquela, pôs-se em pé e abandonou a sala, esbaforida. A Ada e a Isabel seguiram-na, não sem antes fulminarem a Nancy com o olhar. E o marido fechou o cortejo. Mal a porta bateu atrás deles, o advogado da família pegou na pasta:

— Bom, não posso dizer que lamento ter sido afastado do caso — confessou, já de saída. — Mas aconselho-os a ficarem alerta. Aquela mulher é sem dúvida beligerante.

Embora os presentes receassem que a Sra. Topham ainda viesse a arranjar problemas, a atmosfera na sala de estar dos Drews tornou-se instantaneamente mais leve e desataram todos a falar ao mesmo tempo.

— Oh, Nancy! Ainda me custa a acreditar! — exclamou a Allison, radiante. — Este dinheiro é tão importante para mim e para a Grace! E devemos-te tudo a ti, Nancy Drew! Até agora, não nos contaste como é que o testamento apareceu, mas tenho a certeza de que foi obra tua.

As irmãs Hoover e os familiares do Sr. Crowley fizeram questão de saber os pormenores da história, e a Nancy relatou-lhes a sua aventura com os ladrões de Moon Lake. Quando chegou ao fim, ninguém poupou nos elogios que lhe fizeram.

— Nunca conseguiremos agradecer-te o suficiente — disse baixinho a Grace. — Mas assim que recebermos a herança, tentaremos mostrar-te a nossa gratidão.

A Nancy preparava-se para dizer que não queria nenhuma recompensa, quando o Sr. Drew mudou o rumo da conversa.

— A senhora Topham não vai abrir mão do dinheiro sem dar luta — avisou. — Aconselho-vos a não tomarem nenhuma atitude até este testamento ser considerado válido. Mas, se a senhora Topham e as filhas decidirem levar o caso a tribunal, garanto-vos que elas terão pela frente uma batalha que jamais esquecerão!

Depois de agradecerem ao Sr. Drew e à Nancy toda a sua ajuda, os familiares e amigos do Sr. Crowley partiram. A Allison e a Grace foram as últimas a ir embora. Já

no alpendre, a Allison parou para abraçar a Nancy e disse-lhe:

— Por favor, mantêm-nos informadas dos desenvolvimentos. Estou ansiosa por começar as aulas de canto.

A Nancy tinha vontade de ir direita a casa da Abby Rowen para lhe contar a novidade. Mas, depois de pensar melhor, resolveu esperar, não fossem os Tophams levar a deles avante.

Durante uma semana, a Nancy esperou impacientemente pelo resultado da guerra em tribunal. Tal como ela e o pai tinham previsto, a Sra. Topham estava a lutar com unhas e dentes pela herança do Sr. Crowley, alegando que o testamento que a Nancy trouxera à luz fora forjado.

— Este *suspense* é terrível — queixou-se a Nancy, certa manhã. — Quando é que é conhecida a decisão final, pai?

— Não sei responder-te, Nancy. Mas o senhor Topham parece achar que é uma batalha perdida. Suponho que tenhas ouvido as últimas sobre a família.

— O quê?

— Estão praticamente falidos. O Richard Topham perdeu muito na bolsa nos últimos tempos. E depois de ficar sem a fortuna do senhor Crowley, os bancos reduziram-lhe o crédito. Foi até forçado a abrir mão da sua esplêndida casa.

— A sério? Deve ter sido horrível para a senhora Topham e para as filhas!

— Sim, é sem dúvida uma situação difícil de aceitar. Vão mudar-se para uma casa mais pequena esta semana e, daqui em diante, terão de abdicar do estilo de vida extravagante que levavam. Ambas as raparigas começaram a trabalhar. Na minha opinião, far-lhes-á muito bem.

Entretanto, chegou-lhes a notícia de que os três ladrões tinham finalmente confessado um grande número de roubos e de que a polícia conseguira recuperar tudo o que não fora vendido. Entre essas peças, encontravam-se as pratas da família Turner.

Certa noite, o Sr. Drew chegou a casa com um sorriso de orelha a orelha. Aproximou-se da filha e, pousando-lhe as mãos nos ombros, disse:

— Ganhámos, minha querida! O testamento que tu encontraste foi aceite como última vontade do senhor Josiah Crowley.

— Oh, pai! Isso é maravilhoso! — exclamou a Nancy, fazendo o Sr. Drew rodopiar com ela pela sala. — Posso ir contar a novidade à Allison, à Grace e aos outros logo de manhãzinha?

— Parece-me uma ótima ideia. Claro que, mais tarde, serão todos formalmente notificados por mim e pelo banco.

Na manhã seguinte, a Nancy foi a primeira a descer as escadas, começando a tratar do pequeno-almoço antes de a Hannah Gruen aparecer.

— Meu Deus, acordaste com as galinhas, Nancy! — comentou a governanta, sorridente. — É um dia importante, hein?

— Importantíssimo! — respondeu a Nancy.

Assim que a família acabou de comer, a Hannah disse-lhe:

— Hoje não precisas de me ajudar. Vai fazer aquelas pessoas felizes o mais depressa possível.

— Oh, obrigada, Hannah! Vou agora mesmo.

A Nancy — usando um vestido simples de linho verde e casaco de malha a condizer — despediu-se, com um beijo, da sua pequena família e fez-se à estrada. A primeira paragem foi na quinta dos Mathews. Os dois irmãos receberam-na afavelmente e esperaram para ouvir o que ela tinha a dizer:

— Trago boas notícias — anunciou a jovem, com os olhos a dançar. — A senhora Topham perdeu o caso. O testamento que eu e o meu pai encontrámos foi oficialmente aprovado. Vocês irão receber a herança que o senhor Crowley vos deixou!

— Graças a Deus! — exclamou o Fred. — Se não fosse a Nancy, isto jamais aconteceria.

O irmão acenou em concordância.

Procurando disfarçar o embaraço causado pelo elogio, a Nancy levou a mão ao bolso e tirou uma mancheia de brochuras de viagens.

— Achei que gostariam de dar uma vista de olhos a isto. Bom, agora tenho de me despachar, para ir contar a novidade aos outros herdeiros.

Os dois homens acenaram-lhe, muito sorridentes, enquanto ela se afastava, e logo em seguida voltaram a sua atenção para as brochuras.

«Espero que eles façam uma viagem espetacular», pensou para consigo a Nancy.

Meia hora depois, estava a virar para casa das Turners. Ainda o carro não tinha parado, já a Judy saía disparada pela porta principal ao seu encontro. Assim que a jovem detetive se apeou, a menina saltou-lhe ao pescoço.

— Adivinha, Nancy! As minhas tias encontraram uma boneca muito, muito antiga que era da minha mãe e deram-ma. Anda vê-la! É tão bonita!

Puxando a Nancy pela mão, a Judy galgou os degraus e entrou em casa.

— Está ali — disse, apontando para uma boneca de cabelo louro, encaracolado, sentada numa cadeira de balouço minúscula.

— É amorosa — elogiou a Nancy. — E é parecida contigo. Até tem covinhas nas bochechas.

A Judy acenou com a cabeça.

— E a tia Mary disse-me que também é parecida com a mamã quando era pequenina. Por isso, vou tomar sempre muito bem conta da minha bonequinha.

Nesse momento, apareceram as tias-avós, vindas das traseiras da casa, e saudaram a visitante.

— Já vi que fizeram a Judy muito feliz — comentou a Nancy. — Agora é a minha vez de vos dar boas notícias!

E contou-lhes da herança.

As irmãs sorriram de felicidade, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. De súbito, a Edna abraçou a Nancy:

— Oh, minha querida! — exclamou, ente soluços de alegria. — Daqui em diante, a nossa Judy terá tudo o que precisar e receberá a educação que merece!

A Mary deu um beijo à Nancy e agradeceu-lhe os seus esforços incansáveis para que fosse feita justiça. A Judy assistia à cena, perplexa, mas, sentindo que também devia participar, desatou a dançar com a boneca nova pela sala, dizendo-lhe:

— Agora também já podes ir à escola, Carol!

Não foi fácil para a Nancy deixar as Turners, mas a jovem recordou-lhes que ainda tinha mais duas visitas para fazer.

— Mas volta depressa! — pediu a Judy.

Quando a Nancy chegou a casa da Abby Rowen, ficou encantada por encontrar a idosa sentada à janela. A vizinha, a simpática Sra. Jones, estava a preparar-lhe uma refeição. A Nancy juntou ao repasto uma panela de caldo de carne caseiro e um guisado de frango com arroz, que a Hannah Gruen insistira em enviar.

— Pode ficar aqui um bocadinho? — perguntou a Sra. Jones. — Tenho de dar um salto a casa, mas dentro de meia hora estou de volta.

— A senhora Jones é muito amável — comentou a Sra. Rowen. — Hoje levou a minha roupa para lavar e engomar em casa. As pessoas da vizinhança têm sido todas muito atenciosas comigo, mas eu não quero continuar a depender delas. Bem sei que o dinheiro não me chega para...

A Nancy pegou na mão da senhora e sorriu.

— Pois eu vim dizer-lhe que agora tem muito dinheiro, porque o senhor Crowley lhe deixou uma herança.

— O quê? Quer dizer já não preciso de viver da minha reforma miserável? Deus abençoe o Josiah! Eu nunca acreditei que o meu primo voltasse atrás com a palavra, Nancy!

Enquanto comiam as duas o caldo de carne, acompanhado de bolachas de água e sal, a Nancy pôs a Sra. Rowen a par de toda a história. Os olhos da idosa brilharam e ela até ficou mais rosadinha.

— Oh, isto é maravilhoso! — exclamou. E, com um risinho, acrescentou: — Faz-me bem ao coração saber que levaste a melhor àquelas Tophams cruéis!

A Nancy sorriu e depois disse, já mais séria:

— Se eu não me tivesse envolvido neste mistério, não teria conhecido tantas pessoas extraordinárias... e nenhuma delas se chama Topham!

A Abby soltou uma gargalhada, a primeira que a Nancy lhe ouvia. E tornou a dar outra no momento em que a vizinha regressou. A Sra. Jones ficou espantadíssima, mas nem teve tempo de reagir àquela inesperada boa disposição, porque a Abby desatou a contar-lhe tudo sobre a sua herança.

Quando o relato chegou ao fim, a Nancy despediu-se e foi direita à quinta das Hoovers. Encontrou as duas irmãs a trabalhar num canteiro.

— Olá! — cumprimentou-as.

— Olá! Como está tudo? — perguntou a Allison, sacudindo a terra das mãos enquanto se aproximava com a Grace.

— Vão depressa mudar de roupa — incitou-as a Nancy. — Tenho uma surpresa para vocês.

— Vais levar-nos a algum lado? — perguntou a Grace.

— Sim, a casa do *Signor* Mascagni, para a Allison se inscrever nas aulas de canto!

— Oh, Nancy, quer dizer que...?

— Exatamente. A herança é vossa!

— Não posso acreditar! — gritou a Allison, extasiada, fazendo rodopiar as outras duas raparigas.

— É maravilhoso! — exclamou a Grace. — Maravilhoso! Oh, Nancy, tu e o senhor Crowley são os melhores amigos que alguma vez tivemos. — Reparando então nas faces ruborizadas da Nancy, acrescentou: — Anda daí, Allison. Vamos trocar de

roupa.

A Nancy esperou no jardim e, passados 15 minutos, as duas irmãs estavam prontas para rumar a River Heights.

— Mas antes de irmos — disse a Grace —, eu e a Allison queremos dar-te uma coisa... uma espécie de recompensa.

— É algo muito especial — interveio a irmã.

— Eu não quero nenhuma recompensa — protestou logo a Nancy.

— Por favor, aceita — insistiu a Allison.

E encaminhou-se para a lareira da sala de estar. Em cima da prateleira estava o velho relógio do Sr. Josiah Crowley.

— Os Tophams mandaram-no hoje de manhã — explicou a Grace.

— Nós achamos que tu mereces esta relíquia de família, Nancy — disse a Allison. — E ambas sentimos que o senhor Crowley também gostaria que ficasses com ele.

— Muito obrigada! — agradeceu a Nancy.

Encantada, observou pensativamente o relógio. Ainda que pitoresco, não era bonito, mas para ela tinha um significado especial. A modéstia impedia-a de explicar à Alisson e à Grace o quanto estimaria aquela relíquia da família Crowley — era, aliás, um sentimento que não conseguia exprimir por palavras. Sabia, no entanto, que a aventura que vivera a ligara para sempre ao velho relógio.

«Este foi o primeiro mistério que eu resolvi sozinha», pensou. «Será que algum dia me aparecerá outro tão emocionante como este?»

Mal sabia ela que em breve se veria envolvida n' *O Caso da Escada Misteriosa*, um enigma bem mais desconcertante do que aquele que acabara de resolver. Ainda assim, ao olhar para o velho relógio, algo lhe disse que se aproximavam dias emocionantes.

A jovem detetive despertou dos seus devaneios quando as irmãs lhe estenderam o relógio.

— Este é o troféu do meu primeiro caso e hei de acarinhá-lo para sempre! — declarou com um sorriso de orelha a orelha.